

Autobiografia de um ex-esquerdista



Nilson Dias

Sumário

Prefácio

Cap. 1 A Sandália

Cap. 2 468 Mil Desconhecidos

Cap. 3 42 Quilos de Pureza

Cap. 4 Todos os Caminhos

Cap. 5 O Buquê e o Milagre

Cap. 6 O Amor Venceu o Ódio (E Depois Começou a Matar)

Cap. 7 O Homem que Aprendeu a Plantar e a Investir
ou: Como John Bogle Destruiu Minha Ideologia em 300
Páginas

Cap. 8 Uma Só Carne

Cap. 9 Duas Pessoas que Eu Não Pedi
e que Mudaram Tudo

Cap. 10 A Seita que Preserva a Infância
ou: Como Eu Aprendi a Separar o Joio do Trigo

Cap. 11 O Chalé de Grindelwald
ou: Por que a Família Watson Queria Ir Embora do Brasil

Cap. 12 Não É Autobiografia
ou: O Que Dez Anos de Erro Ensinam

Autobiografia de um ex-esquerdista

Nilson Dias passou vinte anos buscando a iluminação. Estudou Sânscrito nos Himalaias, morou num ashram da Califórnia, construiu um sítio autossuficiente no interior do Rio de Janeiro convicto de que o capitalismo colapsaria antes de 2025. Foi vegetariano, crudívoro, frugívoro, professor de yoga, militante de esquerda, antissionista, fã do MST e exibidor entusiasmado de documentários cubanos para turmas de permacultura.

Hoje ele tem uma casa de três andares em Florianópolis com vista para as dunas do Joaquina, reza o terço às 5h30 da manhã diante de um altar com o Sagrado Coração de Jesus e o Imaculado Coração de Maria, come churrasco aos domingos, comanda a Okegen Wealth, consultoria de

investimentos com foco em ETFs globais, e tem centenas de milhares de seguidores nas redes sociais.

A sandália que acertou sua testa numa manhã de terça-feira não foi o começo dessa história. Foi o ponto em que ele finalmente parou de meditar o suficiente para começar a contá-la.

A autobiografia de um ex-esquerdista não tem autocomiseração nem autoindulgência. É o relato de um homem que acreditou em muitas coisas erradas com sinceridade total, e que teve a rara honestidade de documentar o processo de estar errado, descobrir que estava errado, e mudar de opinião. Com humor, com dados, com os diálogos ácidos de um casamento onde os dois ainda estão em debate teológico permanente, e com a consciência de que chegar em casa, qualquer que seja o caminho, é sempre uma graça.

O livro começa pela mudança alimentar, em seguida nos leva para mudança religiosa e por último a queda das convicções de esquerda. O livro narra de maneira divertida e informativa a doutrinação na escola e na faculdade até o rompimento com os amigos que simplesmente acham até hoje que o Nilson enlouqueceu.

Em cada capítulo, dados e notas de rodapé ajudam a desvendar mitos e falácias sobre a Igreja Católica, a Pedagogia Waldorf, sobre o veganismo, o mercado de capitais e o socialismo. É um relato de conversão, quebra de vieses e autoconhecimento.

PREFÁCIO

Por Nilson Dias

Este livro começou com uma sandália.

Não metaforicamente. Uma sandália de borracha, cor-de-rosa, com glitter, tamanho infantil, que acertou minha testa numa manhã de terça-feira enquanto eu estava em posição de lótus no terceiro andar da minha casa em Florianópolis, convicto de que a Kundalini estava finalmente percorrendo minha coluna vertebral em direção à iluminação.

A iluminação foi interrompida. A história começou.

Escrevi este livro porque acho que sou um caso clínico útil. Não no sentido médico, embora um neurologista tenha encontrado evidências de um pequeno AVC que apagou dez anos da minha

memória e que uso aqui como recurso narrativo. No sentido de que percursos como o meu, do extremo ao extremo, da magreza ideológica dos 42 kg à substância de uma vida construída com carne, fé e livre mercado, são mais comuns do que a narrativa dominante admite.

Muita gente que conheço fez esse caminho em silêncio. Mudou de ideia sobre política, sobre alimentação, sobre espiritualidade, e não disse nada porque o custo social de dizer é alto. O grupo de WhatsApp expulsa. O algoritmo pune. Os amigos antigos olham com aquela mistura específica de pena e traição que só existe quando alguém que deveria concordar decide pensar.

Eu resolvi dizer.

Este livro não é panfleto. É memória. É o relato honesto de um homem que foi criado com Darcy

Ribeiro na estante e Leonardo Boff na boca da mãe, que se filiou ao PSTU aos dezoito anos porque o PT era direita demais para ser esquerda de verdade, que passou meses na Índia e outros tantos num ashram da Califórnia buscando Deus em sânscrito, e que encontrou Deus de volta onde havia começado: numa missa campal de Corpus Christi numa igreja açoriana do Ribeirão da Ilha, com as lágrimas descendo enquanto o padre erguia a Custódia.

Se você está nesse caminho, ou conhece alguém que está, este livro é para você.

Se você está convicto de que está do lado certo da história e que os que discordam de você merecem apodrecer na cadeia, este livro também é para você. Vai doer um pouco mais.

Florianópolis, 2026

SOBRE O AUTOR

Nilson Dias nasceu em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, cidade de colonização suíça no interior serrano fluminense em 1982. Formado em Análise de Sistemas, trabalhou como gerente de projetos na IBM aos 23 anos, onde gerenciou o contrato da American Express, antes de mudar radicalmente de trajetória.

Nos anos seguintes fez uma transição de carreira e fundou o Instituto Pindorama, que se tornou a maior escola de permacultura e sustentabilidade da América Latina, com mais de 15 mil alunos formados em bioconstrução, agricultura orgânica e design de sistemas sustentáveis. Com mais de R\$ 15 milhões faturados em ensino à distância, o Instituto

consolidou-se como referência nacional no setor. Seu primeiro livro, *Permacultura para Organizações e Casas Ecológicas*, publicado pelo próprio Instituto Pindorama, vendeu mais de 3.000 exemplares já na fase de crowdfunding.

Fez sua formação em yoga no Sivananda Kutir, em Netala, nos Himalaias, e morou num ashram da Self-Realization Fellowship na Califórnia. Estudou filosofia védica, sânscrito e pedagogia Waldorf, completando o curso de quatro anos no Colégio Rudolf Steiner em Belo Horizonte.

Em 2022, após descobrir os trabalhos de John Bogle, Eugene Fama e Kenneth French sobre mercados eficientes e investimento passivo, fundou a Okegen Wealth & Advisory, consultoria de investimentos com foco em ETFs globais e diversificação internacional, sem taxas sobre patrimônio e sem conflitos de interesse. Um vídeo

sobre sua carteira de investimentos viralizou com 8 milhões de visualizações, levando o perfil de 12 mil para mais de 100 mil seguidores em poucos dias. Hoje soma mais de 500 mil seguidores no Instagram e TikTok e 220 mil inscritos nos canais do YouTube.

Casou na Igreja Católica em setembro de 2025, na Igreja Nossa Senhora da Lapa, no Ribeirão da Ilha, em Florianópolis, onde também batizou as duas filhas, Maria Rosa e Teresa, no mesmo ato litúrgico. Mora em Florianópolis com a esposa Thaís Telles, arquiteta e cientista social.

Autobiografia de um Ex-Esquerdista é seu segundo livro.

CAPÍTULO 1

A Sandália

Eu levitava.

Ou pelo menos era o que parecia. O ambiente estava silencioso àquela hora da manhã, com a luz ainda roxa de antes do nascer do sol entrando pelas venezianas, e a corrente elétrica que subia pela minha coluna era densa e quente, o tipo de sensação que os manuais de yoga descrevem com o vocabulário técnico do Vedanta como ascensão da Kundalini e que qualquer pessoa que nunca meditou na vida descreveria, com mais precisão, como formigamento intenso nas costas.

Eu estava em posição de lótus sobre um tapete de algodão cru, de frente para o altar que havia

montado numa mesinha. Entreabri os olhos. Não havia Shiva Linga. Não havia foto de guru com olhos penetrantes e sorriso de quem sabe algo que você não sabe. Era mais parecido com o altar do quarto da minha avó Rita em Nova Friburgo, aquela mulher pequena e sólida que acendia vela toda manhã antes do café e que havia ido para o céu sem nunca ter duvidado que ia. Sagrado Coração de Jesus à esquerda. Imaculado Coração de Maria à direita, em molduras de madeira simples. Um terço enrolado na base, preto com contas de madeira. Um vasinho de flores que já pediam troca há pelo menos três dias. Uma vela que havia se apagado sozinha durante a oração, deixando um fio de fumaça fino que ainda subia em espiral no ar parado da manhã.

Embora estranhasse o que via, tinha a certeza luminosa, a certeza que só existe em estados de Samadhi profundo e em paixões avassaladoras nos

seus primeiros dias, de que a Kundalini estava finalmente despertando. Que a energia primordial, enrolada na base da coluna como uma serpente adormecida há anos, havia decidido naquela manhã de terça-feira subir. Que a iluminação, aquela iluminação que eu busquei em Ashrams com cheiro de incenso e ghee, em templos com chão de pedra fria, em meses de Índia e em incontáveis horas de tapete de yoga, estava chegando.

Estava chegando de verdade, desta vez.

Foi então que a sandália acertou minha testa.

O impacto foi preciso. Ajna Chakra, bem no terceiro olho. O ponto entre as sobrancelhas que os textos do Vedanta descrevem como o centro da intuição superior foi atingido por um projétil de borracha vulcanizada cor-de-rosa com aplicações de glitter

prateado, tamanho 28, marca sem logotipo visível, peso aproximado de 180 gramas.

A Kundalini recuou.

Despertei instantaneamente, como se alguém tivesse puxado um cabo da tomada. Abri os olhos.

A sandália estava no chão ao lado do tapete, brilhando com uma dignidade completamente desproporcional à situação. O glitter refletia a luz roxa da manhã com aquela indiferença específica dos objetos que não têm consciência de ter feito algo errado.

Vozes infantis. Passos no quarto. Duas meninas irromperam com expressões que misturavam horror genuíno, culpa mal disfarçada e a esperança desesperada de que a vítima ainda não tivesse processado completamente o que havia acontecido.

A maior falou primeiro, com a velocidade de quem praticou a frase antes de entrar.

"Ahhh papai! Desculpa, foi a Teresa!"

"Eu?" A menor apontou para a irmã com uma indignação que parecia ensaiada.

"Maria Rosa sua mentirosa! Quem jogou fui eu... quer dizer, não fui eu!"

Olhei para as duas.

A mais velha tinha uns oito anos, cabelo castanho claro e cacheado caindo em espirais desordenadas ao redor de um rosto que parecia saído de uma série americana infantil de orçamento generoso. Olhos azuis profundos como o mar gélido. Uma expressão de inteligência ligeiramente inconveniente, o tipo de criança que percebe quando o adulto está improvisando e arquiva a informação para uso futuro.

A mais nova tinha uns cinco anos e era o oposto físico da irmã em quase tudo, exceto nos olhos. Cabelo preto, liso, cortado na altura dos ombros, caindo em dois lados do rosto com aquela simetria casual que algumas crianças têm sem nenhum esforço. Sardas no nariz, dispostas com uma precisão que parecia calculada por alguém com bom gosto. Olhos azuis também, porém, maiores, mais calmos, com aquele brilho específico de quem ainda não aprendeu a esconder o que está sentindo.

Olhei para as duas durante um segundo que foi, por dentro, muito mais longo do que pareceu por fora.

Caralho. Caprichei.

O pensamento veio sem pedir licença, como pensamentos verdadeiros costumam vir. Eram minhas filhas. Eu sabia que eram minhas filhas sem precisar de nenhuma memória para confirmar isso,

da mesma forma que se sabe quando se reconhece o próprio rosto num espelho estranho. E eram, objetivamente, com toda a imparcialidade que um pai pode ter sobre os próprios filhos, que é zero, duas das crianças mais bonitas que eu havia visto na vida.

Atordoadado, virei-me para a mais velha.

"Quem é você e onde estou?"

As duas se entreolharam com a expressão de quem acabou de descobrir que o problema é maior do que havia calculado.

"Como assim, papai?"

De algum lugar lá embaixo, de uma profundidade que parecia muito maior do que a distância entre um andar e outro, chegou uma voz feminina ameaçadora.

"Nilson, que porra é essa que está acontecendo aí em cima?!"

A única certeza que eu tinha, naquele momento, era que meu nome realmente era Nilson.

* * *

Descruzei as pernas, que estavam em posição de lótus desde eu não sabia lá que horas, e tentei me levantar. Encontrei uma resistência inesperada.

Traaac.

Meus joelhos tinham uma opinião muito clara sobre a posição de lótus prolongada, e a opinião era negativa, articulada com clareza e volume suficientes para serem ouvidos pelas meninas, que trocaram outro olhar.

O corpo parecia mais pesado do que deveria. Diferente do corpo de 48 kg que eu lembrava de ter,

aquele corpo de professor de yoga que desaparecia para os alunos quando me colocava de lado. Mais preenchido agora, mais presente na gravidade. Fiquei um segundo parado com as mãos nas coxas, esperando que a tontura passasse.

Pela janela da suíte, antes de sair, vi a vista.

À direita, casas de alto padrão e, ao longe, um filete que parecia o mar, ladeado por dunas. Na janela da parede oposta, um morro, com a vegetação densa verde-escuro, sob a luz fraca dos primeiros raios da manhã. No topo do morro, uma antena de telecomunicações piscando com uma regularidade entediada.

Era uma vista de quem havia chegado a algum lugar na vida.

Desci as escadas do terceiro para o segundo andar me agarrando ao corrimão de metal com mais

firmeza do que pretendia. No segundo andar havia um hall com um futon de algodão cru que reconheci com um calor vago, como se reconhece o cheiro de uma cidade que se visitou uma vez. Eu havia comprado aquele futon no Rio de Janeiro, isso eu sabia sem saber como sabia, quando me casei com uma professora de yoga, como parte da mobília da casa nova num sítio. Neste andar havia quartos com portas fechadas, um banheiro, e ao fundo o que parecia um escritório de onde vinha a luz fria de um refletor de estúdio em standby.

Desci mais um lance, do segundo andar para o primeiro, e foi aí que a casa se abriu.

Uma sala integrada com a cozinha, ampla, com pé-direito alto e aquela sensação de espaço que não vem da metragem mas da proporção. Porcelanato fosco cor de areia por todo lado, daquele tom neutro e elegante. A cozinha era planejada do chão ao teto,

armários em verde sage com puxadores de latão escovado, bancada de quartzo branco com veios cinza, o tipo de cozinha que um arquiteto com bom gosto e orçamento adequado projeta e que custa o que custa e não pede desculpa por isso. Uma luminária pendente de design balinês, ripas de bambu dispostas em cone sobre o centro da mesa de jantar, jogava uma luz quente e direcionada que criava um cenário de café da manhã em filme europeu.

Móveis de bambu na sala. Isso era a única coisa que meu cérebro reconheceu com calor real, não a frieza do déjà vu, mas o calor de uma memória que existia em algum lugar abaixo da memória consciente. Havia algo familiar no bambu trabalhado, alguma memória de mãos, de serrote, de verniz cheirando forte numa tarde quente.

Pela janela da sala, o quintal. Pequeno, talvez 30 metros quadrados, mas bem cuidado com aquela dedicação de quem planta para comer e não para decorar. Um pé de mamão no canto esquerdo, carregado, com os frutos em vários estágios de amadurecimento, do verde ao amarelo-alaranjado. Algumas fileiras de abacaxis, as plantas baixas e densas, cada uma com a coroa de folhas espinhentas apontando para cima como pequenas antenas. Um pé de figo no canto direito, ainda jovem, com frutos imaturos.

Numa superfície perto da janela havia um porta-retrato digital, daqueles que alternam fotos com uma transição suave de 5 segundos. Parei.

As fotos mostravam uma família. Eu mesmo, mas numa versão diferente, quarenta e poucos anos, mais corpulento, com a presença física de quem parou de jejuar por disciplina espiritual e começou a comer

por prazer. Abraçado a uma mulher morena de olhos verdes. Abraçado às duas meninas que eu havia visto em cima. Os quatro numa praia com areia branca que não reconheci. Os quatro num restaurante com aquela iluminação âmbar de lugar caro. Os quatro numa paisagem nevada, com roupas de ski, todos sorrindo com aquela desenvoltura de quem é genuinamente feliz e não está performando para a câmera.

Havia ali, naquelas fotos com transição suave, dez anos de vida que eu não conseguia acessar.

Pigarreei.

A mulher estava de costas, debruçada sobre a pia da cozinha. Morena, cabelo escuro preso num coque descuidado e natural. Tinha a postura de quem está concentrada no que está fazendo e não precisa de

platéia. O cheiro de café passado, ovo frito e frutas cortadas preenchia a cozinha.

Ela virou.

Olhos verdes, exatamente como nas fotos. Me olhou como se me conhecesse mais do que eu mesmo e me perguntei se o que via em seus olhos era diversão ou irritação. Era carioca, percebi pelo sotaque e pelo impropério proferido minutos antes, o que me deixou ainda mais confuso, já que no Rio a grosseria e o bom humor usam o mesmo tom de VOZ.

"O que houve?" ela perguntou.

"Bom dia. Quem é você?"

Ela ficou parada por exatamente dois segundos.

Depois:

"Putá que o pariu, Nilson. É alguma gracinha? Tá gravando alguma trend pro Instagram?"

Tentei explicar. Disse que não sabia o que estava fazendo ali, que estava meditando no Sítio Pindorama, que precisava entender o que estava acontecendo. Falei com o cuidado de quem sabe que o que está dizendo soa, exatamente como loucura.

Ela ouviu tudo. Ficou quieta um segundo. O rosto dela percorreu um caminho rápido entre a incredulidade, a avaliação clínica e uma decisão.

"Ah, então era só isso. Peraí que eu vou pegar a chave do carro e já te levo lá."

"Sério?"

"Sério. São seis e meia da manhã. Saindo agora a gente chega no Pindorama umas três da manhã. Vamos ter que abastecer antes porque o senhor não se lembrou de fazer isso ontem."

"Três da manhã? Onde estamos?"

"Na nossa casa. Em Floripa, ué!" Uma pausa.

"Satisfeito, senhor Amnésio?"

Olhei ao redor. Os móveis de bambu. A cozinha planejada. O porta-retrato com a família sorridente. O quintal com o mamão e a figueira jovem.

O Nilson que eu era estava construindo uma casa de tijolos de solo-cimento num sítio do interior fluminense, com teto verde, estrutura de bambu, biodigestor, energia solar e captação de água de chuva, preparado para o colapso civilizatório que ele estava convicto de que chegaria segundo as teorias de Bill Mollison sobre o pico do petróleo.¹ A casa em que eu estava agora tinha porcelanato fosco e

¹Bill Mollison, cofundador da permacultura, desenvolveu na década de 1970 teorias sobre colapso sistêmico associado ao esgotamento dos recursos fósseis. Suas obras foram amplamente adotadas pelo movimento ambientalista global e constituíram a base teórica de muitas comunidades alternativas entre 1990 e 2010.

luminária balinesa e uma cozinha que custou o equivalente a um carro popular.

Eram duas casas que não podiam existir no mesmo universo. E eu havia vivido nas duas, aparentemente.

Ela percebeu que eu estava olhando para o retrato com uma expressão que estava se tornando séria demais para ser brincadeira.

"Estou começando a ficar preocupada, amor. O que está acontecendo de verdade?"

"Vai parecer estranho. Qual é o seu nome?"

"Ai, caralha! Thaís, muito prazer! E vamos parar com essa brincadeira, senão as meninas vão chegar atrasadas!"

"Eu sei que sou eu quem vive aqui. Vejo pelas fotos. Pelos móveis, tem alguma coisa no bambu que

reconheço. Pelo seu olhar." Parei. "Mas eu não faço ideia de como cheguei até aqui. Quem você é. Quem são as meninas. O que aconteceu nesses anos todos."

Ela ficou parada, com os braços cruzados sobre o avental de linho bege, processando.

"Em que ano você acha que estamos?"

"2015."

Ela soltou o ar devagar pelo nariz, da forma que as pessoas soltam quando estão decidindo entre várias reações possíveis e precisam de um segundo para escolher a menos catastrófica.

"Estamos em 2025."

Fiquei boquiaberto. Dez anos. Eu havia perdido dez anos sentado em posição de lótus num tapete de yoga.

"Me conta o que aconteceu, por favor!"

"Vou contar." Ela descruzou os braços e pegou o pano de prato que estava sobre a bancada com o movimento de quem está encerrando uma conversa.

"Logo depois de marcar uma visita ao neurologista. Ou ao psiquiatra. A gente vê qual tem hora mais cedo."

CAPÍTULO 2

468 Mil Desconhecidos

Thaís não marcou o neurologista.

Pelo menos não imediatamente. O que ela fez foi olhar para mim durante três segundos exatos, com aquela expressão específica de quem está pesando duas hipóteses igualmente inconvenientes numa balança interna muito calibrada, e então suspirou com a resignação de quem sabe que o problema é real, mas que a realidade não podia esperar a resolução daquele problema. As meninas tinham que estar na escola dali a poucos minutos.

"Nilson. Você acordou às 5h30, foi rezar como todo dia, e aí desceu com essa cara de iluminado que eu conheço muito bem e com esse papo estranho. Está

tudo bem. Você não sumiu dez anos. Está em Floripa, é terça-feira, e as meninas precisam sair em 25 minutos."

Processei essa informação com a velocidade de quem está processando muita coisa ao mesmo tempo.

"Eu acordei. Fui rezar."

"Todo dia. Às 5h30. Sagrado Coração de Jesus, Imaculado Coração de Maria, terço, Coroa das Lágrimas, o protocolo inteiro." Ela já estava de volta à frigideira, virando ovos com aquela eficiência de quem faz isso no piloto automático. "Às vezes eu acho que você reza mais do que padre."

"E o sítio? O Pindorama?"

"Está alugado! Não é possível! Sua vida agora é aqui e, à propósito, você tem uma reunião de consultoria às 7h30. Mas antes disso você precisa ajudar as

meninas a colocarem os calçados e o casaco. Anda logo."

Havia na voz dela uma cadência que comecei a reconhecer não como informação nova, mas como trilha sonora de um cotidiano que meu corpo conhecia mesmo que minha cabeça ainda estivesse tentando encontrar a tomada. Ela não estava com medo. Não estava com raiva. Estava com pressa, que era um estado completamente diferente e, de alguma forma, mais reconfortante do que os dois primeiros.

Sentei numa das cadeiras da mesa de jantar e fiquei olhando para ela trabalhar.

A luminária balinesa projetava uma luz quente e direcionada que deixava a cozinha com aquele aspecto reconfortante de manhã de inverno que convida a ficar parado. Aquela luz que parece pedir

que você não vá embora ainda, que o café ainda está quente, que o mundo pode esperar mais cinco minutos. Mas Thaís não estava parada. Cortava mamão, misturava mel ao iogurte, abria e fechava a geladeira com a eficiência de quem executou aquela sequência tantas vezes que o corpo faz sozinho enquanto a cabeça pensa em outra coisa.

"Thaís."

"Hum."

"Me olha um segundo."

Ela parou. Se virou em minha direção. Tinha olhos verdes que mudavam de acordo com a luz. Há apenas alguns momentos eram escuros. Agora com os raios incidindo lateralmente assumiam um tom mais claro e interessante.

"Eu juro que não sei quem eu sou. Não é uma piada. Não é um vídeo pro Instagram. Olhei pro porta-

retrato lá na sala e não consigo acessar nada do que aconteceu. Você, as meninas, essa casa, essa notificação de Okegen nesse relógio estranho, nada."

Ela ficou quieta um momento mais longo desta vez.

"Quanto você lembra?"

"2015. Eu estava no sítio meditando. Ia começar um curso de permacultura."

Ela assentiu devagar, com o movimento de quem está arquivando a informação numa pasta que já existia, etiquetada como situações improváveis mas não impossíveis com esse homem.

"Tá bom. A gente conversa quando eu voltar da escola, às 8h. Mas agora você vai achar os tênis da Maria Rosa e vai estar no escritório às 7h20 porque o Carlos Andrade não é o tipo de cliente que espera."

Quis perguntar quem era Carlos Andrade.

Decidi que a resposta apareceria sozinha.

* * *

Os tênis da Maria Rosa estavam debaixo da cama, exatamente onde tênis de criança de oito anos sempre estão quando não estão onde deveriam estar. Junto com eles havia um caderno de desenho aberto numa página onde uma sereia de cabelo violeta nadava entre corais desenhados em detalhes. A cauda tinha escamas individuais. Os corais tinham textura. A luz embaixo d'água estava indicada por linhas paralelas suaves.

Fiquei olhando para o desenho mais tempo do que deveria.

"Pai. O tênis."

Maria Rosa pegou o calçado da minha mão com a naturalidade de quem não tem tempo para elogios que chegam com atraso de oito anos.

"Você desenhou isso?"

"Desenho todo dia. Você sabe disso." Ela saiu do quarto com os dois tênis na mão, sentou no corredor com as costas encostadas na parede e começou a calçá-los com movimentos rápidos e decididos, o tipo de criança que aprendeu cedo que depender de adulto para calçar tênis é uma ineficiência estrutural.

"Tá muito bom," eu disse, ainda olhando para a sereia.

"Eu sei."

Teresa apareceu na porta do quarto com o cabelo preto em batalha, indo em três direções diferentes com aquela determinação de cabelo liso que não aceita ser domado sem negociação. Ela olhou para

mim com uma expressão sonolenta e ofereceu os braços para cima sem dizer nada, com a autoridade de quem sabe que esse pedido nunca é recusado.

Peguei-a no colo sem pensar. O corpo sabia. Era um peso familiar, uma forma familiar de se encaixar no ombro com a cabeça inclinada para o lado, e por um segundo fiquei parado no corredor do segundo andar com a caçula no colo e uma sensação que não tinha nome exato, algo entre o déjà vu e a gratidão, porém mais quente e mais denso do que os dois.

"Papai tá estranho hoje," ela anunciou para todos e ninguém em específico.

"Um pouco."

"Tá com dor de cabeça?"

"Tô com uma coisa parecida."

Ela colocou a cabeça no meu ombro e ficou quieta, satisfeita com a resposta, com aquela capacidade específica das crianças pequenas de aceitar respostas incompletas como suficientes quando vêm acompanhadas de colo.

* * *

Thaís saiu às 6h58, com as duas meninas, duas mochilas Kanken, uma roxa e outra rosa, e a energia organizada de quem já calculou mentalmente o trânsito, o tempo de estacionamento, a conversa com a professora da Teresa que estava pendente desde a semana passada, e o retorno previsto para as 8h.

Ela me deu um beijo rápido na porta. Depois parou, voltou, e deu outro menos rápido.

"8h eu tô aqui. Não entra em pânico."

"Vou tentar."

"E não cancela com o Carlos. A gente precisa pagar o cartão."

A porta fechou. O cheiro de protetor solar infantil e café ficou por alguns segundos no ar do corredor antes de se dissipar.

Fiquei sozinho na cozinha com meia xícara de café esfriando na bancada de quartzo, o cheiro de ovo frito ainda presente, e 40 minutos pela frente que precisavam ser preenchidos com algum nível de funcionalidade.

* * *

O relógio tecnológico vibrou no meu pulso às 7h em ponto.

Eu havia esquecido que estava ali. Olhei para o dispositivo no pulso esquerdo com a mesma

expressão com que havia olhado para a sandália: o reconhecimento de algo que pertencia a um vocabulário que eu ainda estava decifrando. A tela mostrava a notificação: *Consultoria Okegen, Carlos Andrade, 07:30*. Abaixo dela, uma fila de outras notificações que optei por processar depois.

Subi para o escritório.

A porta era larga, o ambiente maior do que se esperaria numa casa residencial. Mesa de carvalho escuro com tampo de 2,2 metros, dois monitores curvos de 32 polegadas, um microfone Shure numa articulação de metal preto, câmera Canon apontada para a cadeira com precisão de estúdio, ring light posicionado a 45 graus, televisão de 55 polegadas na parede. Na estante ao fundo, livros dispostos com intenção: Bogle, Eugene Fama, Ray Dalio, Nassim Taleb, a Bíblia dos Peregrinos, o Catecismo da Igreja

Católica, alguns títulos de apologética. Nada sobre Permacultura ou Casas Ecológicas.

Na parede atrás da cadeira, as placas. Hotmart Black Moon. YouTube 100.000 subscribers em moldura prateada com o botão de play.

O ar-condicionado split emitia um murmúrio baixo e constante, ar quente naquela manhã de inverno florianopolitano. Não tão fria quanto as manhãs de inverno em Friburgo, mas que tampouco é brincadeira.

Pela janela do escritório, a antena no morro continuava piscando.

Sentei. Peguei o celular que estava sobre a mesa.

A tela desbloqueou com reconhecimento facial, sem que eu fizesse nada, o que me perturbou por exatamente dois segundos antes de aceitar como mais um item na lista crescente de coisas que eram

normais para o homem na cadeira e extraordinárias para o homem que estava ocupando o lugar dele.

Abri o WhatsApp. Os grupos se empilhavam na tela:

Okegen Consultoria, 23 mensagens não lidas.

Multifamily Office <> Lacerda, 11 mensagens.

Instituto Pindorama Team, 6 mensagens. Pais do

Primeiro Ano 2025, 41 mensagens, a maioria

provavelmente sobre uma reunião que eu havia

esquecido de confirmar. Família Dias, 3 mensagens

da minha mãe, enviadas às 2h da manhã, que era o

horário em que ela sempre ficava acordada fritando

sobre problemas que ou não existiam ou não tinham

solução às 2h da manhã. Mastermind Mentores.

Teva Índices <> Okegen.

Havia mais. Parei de contar.

Em 2015 eu tinha o aplicativo instalado com a convicção de que era um vetor de dispersão da

atenção humana. A ideia de ter dezoito grupos ativos pertencia à categoria de pesadelos que eu descreveria numa roda de conversa de permacultura com chá de erva-cidreira e velas de cera de abelha, como exemplo clínico de colonização da atenção pela lógica produtivista.

Agora eu tinha trinta grupos e uma consultoria em 22 minutos.

Fechei o WhatsApp. Abri o Instagram.

O perfil era o meu. Foto no escritório, ring light ligado, as placas ao fundo. Bio: Wealth management | ETFs globais | Família | Fé. Abaixo do nome: 468 mil seguidores.

Fiquei olhando para esse número durante um tempo considerável. 468 mil pessoas haviam, em algum ponto entre 2015 e aquela manhã de terça-feira,

decidido que o que esse homem na cadeira tinha a dizer valia o espaço na tela.

O Nilson de 2015, que havia construído um sítio autossuficiente convicto de que o sistema financeiro global colapsaria antes de 2025, tinha 468 mil pessoas que o seguiam para falar sobre, aparentemente, o sistema financeiro global.

O universo tinha um senso de humor que eu estava começando a respeitar.

Rolei o feed. Posts sobre ETFs internacionais, diversificação de carteira, liberdade financeira. Alguns sobre família, as meninas, fé. Uma foto numa missa, eu de terno escuro, Thaís ao meu lado num vestido branco, as duas meninas arrumadas com aquela resignação específica de criança que foi obrigada a usar roupa de domingo.

Rolei a lista de perfis que eu seguia. Revista Oeste. Católicos Brasil. Vários deputados com bandeiras liberais e conservadoras. Economistas austríacos. Bitcoin Magazine. Lucas Lancaster apologética. Peter Lynch. Ray Dalio.

Procurei por Mídia Ninja. Não seguia. Brasil 247. Não. ICL Notícias. Não.

Havia um tempo em que esses eram os termômetros do mundo. Não só as fontes que eu consumia, as que compartilhava, as que defendia em discussões de Facebook que duravam três dias e terminavam sem que ninguém tivesse mudado de ideia sobre absolutamente nada. Havia um tempo em que o algoritmo que eu alimentava era outro, e que o homem sendo alimentado por ele era outro também. O smartwatch vibrou. 15 minutos.

Pousei o celular, olhei para a câmera na minha frente, para os monitores apagados, para o microfone Shure que esperava.

Carlos Andrade. Consultoria Okegen. 7h30.

Eu não sabia o que era ETF. Não sabia o que era Okegen além do nome na placa. Não sabia o que havia dito para esse Carlos Andrade na última reunião, no mês passado, em qualquer das conversas que haviam construído aquela relação de consultoria ao longo de tempo que eu não conseguia acessar.

Mas havia, em algum lugar entre a memória e o instinto, uma voz que sabia.

Eu confiaria nessa voz.

Por enquanto, era o que tinha.

* * *

Às 8h02, a porta da frente abriu e Thaís entrou com uma sacola de papel kraft onde se lia Fermentaria, e a expressão de quem já decidiu que a conversa vai acontecer agora, vai ser honesta, e não vai terminar sem algum nível de resolução.

Subiu para o escritório. Me encontrou na cadeira, com a tela do computador aberta numa planilha de alocação de portfólio que eu não havia criado mas que, curiosamente, conseguia ler e interpretar com uma fluência que não tinha explicação óbvia.

Ela pousou o café. Puxou a cadeira de visitas e sentou de frente para mim com a postura de quem vai ter uma conversa séria mas não dramática.

"Como foi a consultoria?"

"Bem." Pausa. "Acho que bem. Falei coisas que faziam sentido sem saber de onde vinham."

"Isso é você sendo você."

"Thaís. Me conta o que aconteceu. Os dez anos. Do começo."

Ela abraçou o copo de café com as duas mãos, olhou para mim com aquela mistura específica de carinho e ironia que eu estava aprendendo a reconhecer como a expressão mais honesta que ela tinha, a que aparecia quando não havia energia para filtrar.

"Do começo é muito." Uma pausa. "Mas vou te contar uma coisa importante primeiro."

"O quê?"

"Você mudou muito. E foi para melhor." Ela tomou um gole. "Não sei que gracinha é essa de perder a memória, mas quando ela voltar você vai se deparar com algumas coisas bem diferentes do que o Nilson de 2015 acreditava."

"Por exemplo?"

Ela sorriu. Não o sorriso de quem vai contar uma piada. O sorriso de quem sabe que a resposta é longa e que o café vai esfriar antes de terminar.

"Por exemplo, você teve um restaurante orgânico que faliu porque você era vegetariano radical e hoje você não dispensa um churrasco aos domingos nem bacon no café da manhã."

Silêncio.

"Sério?"

"Sério."

Olhei para a janela. Para o morro, que, ao perguntar para Thaís, soube se tratar do morro do Lampião, localizado no Rio Tavares, bairro do Sul da ilha de Florianópolis. O bairro onde eu agora morava. Muito, muito longe do Pindorama.

"Meus Deus..."

"Bem-vindo de volta," disse Thaís. E tomou outro gole de café.

CAPÍTULO 3

42 Quilos de Pureza

Havia uma foto no meu celular que fiquei olhando por mais tempo do que deveria.

Não estava no Instagram. Estava num álbum arquivado, enterrado sob camadas de fotos de família, prints de gráficos de portfólio e imagens de missas, com aquela qualidade que denuncia meados dos anos 2000: grão visível, cores ligeiramente supersaturadas, o tipo de foto que era boa para a época e que hoje parece um filtro de aplicativo tentando parecer vintage.

Nela, um homem sentado ao sol numa pedra grande, de torso nu, com o tipo de magreza que não é saudável e que quem tem nunca acha bonita mas que

certas ideologias conseguem transformar em virtude, em sinal de autocontrole, em evidência de compromisso com algo maior do que o corpo.

O homem tinha os mesmos olhos. O mesmo nariz. Mas parecia feito de outro material, mais translúcido, mais frágil, como se uma ventania pudesse movê-lo. A clavícula projetava sombra. Os braços tinham a circunferência de um adolescente que esqueceu de crescer.

Abaixo da foto, no álbum, havia uma nota: Sivananda Kutir, Netala, 2006. 42 kg.

42 kg.

Essa informação chegou sem memória visual que a acompanhasse, mas com uma certeza física imediata: eu sabia o que era ter 42 kg distribuídos por 1,68 m de altura. Sabia o que era levantar de manhã e sentir que o esforço de simplesmente existir já era

suficiente para o dia. Sabia o que era ter frio no verão e não conseguir explicar por quê.

Thaís estava do outro lado da mesa do escritório, com o segundo café esfriando entre as mãos, me observando olhar para o meu próprio passado com a expressão de quem está vendo um acidente de carro muito antigo, daqueles que você não estava, mas do qual alguém te contou os detalhes.

"Você se lembra dessa fase?"

"Não. Mas reconheço o que estou vendo."

"Crudívoro." Ela pronunciou a palavra com o cuidado de quem sabe que palavras assim carregam história. "Dois anos. Seguindo os protocolos de uma pesquisadora da PUC-Rio."

"Ana Branco."

O nome apareceu sozinho, da mesma forma que haviam aparecido ETF e Okegen e Carlos Andrade, saindo de algum arquivo que ainda estava intacto mesmo onde a memória episódica havia falhado. Como se o cérebro guardasse o vocabulário de cada fase mesmo quando apagava os eventos.

"Isso. 42 kg. Eu ficava olhando pra você e pensando que ia virar viúva antes dos trinta."

Pousei o celular.

Eu fui crudívoro. Antes de qualquer coisa que conseguisse acessar naquele momento, havia sido um homem que não comia alimentos cozidos. Que havia transformado a alimentação crua em caminho espiritual, em manifesto político, em identidade completa. Que acreditava, com uma sinceridade que beirava a inocência pueril, que o calor do fogão destruía a força vital do alimento, seu prana, sua

inteligência energética, que cozinhar desnaturava aminoácidos e gerava anti-nutrientes que o corpo precisaria gastar energia combatendo.

Em algum lugar da internet de 2006, eu havia lido isso. E havia acreditado.

42 kg.

"Depois veio o frugivorismo?" perguntei, mais para confirmar do que para descobrir.

"Eduardo Corassa. Douglas Graham. A dieta 80-10-10.² Oitenta por cento de carboidratos de frutas, 10% de proteína, 10% de gordura. Você vivia de banana e tâmara. Chegou aos 48 kg, o que pra você era uma grande vitória."

"E depois?"

²A dieta 80-10-10, popularizada pelo Dr. Douglas Graham no livro homônimo de 2006, propõe uma alimentação baseada em 80% de carboidratos provenientes de frutas, 10% de proteína e 10% de gordura. Pesquisas posteriores documentaram casos de deficiência proteica, perda de massa muscular e comprometimento de densidade óssea em adeptos de longo prazo.

"Depois veio a fase do whey protein três vezes por semana e musculação. Chegou a 52." Pausa. "Continuava magro, mas pelo menos parecia humano."

52 kg com whey protein e musculação era a versão atlética daquele percurso. Era o pico. A montanha mais alta que aquele sistema alimentar conseguia oferecer, e ainda assim era o peso de um adolescente de estatura mediana.

Olhei para as próprias mãos. Para os antebraços. O homem que estava agora naquela cadeira não pesava 52 kg. Pesava bem mais, talvez uns 65 kg, e o peso tinha a consistência de algo construído com alimento de verdade, com proteína que o corpo reconhecia, com gordura que o metabolismo sabia o que fazer.

"Quando eu voltei a comer carne?"

Thaís sorriu. Não o sorriso de quem tem uma história engraçada. O sorriso de quem tem uma história longa.

"Vou te contar. Mas antes preciso te levar ao médico."

* * *

O neurologista ficava num consultório no quinto andar de um edifício comercial no centro de Florianópolis, daqueles edifícios que têm uma clínica por andar e um elevador que sempre tem alguém esperando. O médico era um homem de cabelos brancos e paciência longa, do tipo que viu muita coisa na vida e que portanto não demonstra surpresa com facilidade. Ouviu o relato sem interromper. Fez perguntas calibradas. Encaminhou para ressonância magnética no terceiro andar.

Duas horas depois, com os exames na mão, ele olhou para mim com a expressão específica de quem vai dar uma notícia que não é boa nem ruim, mas precisa ser dita com precisão para não gerar nem alarme excessivo nem falsa tranquilidade.

"O senhor teve um acidente vascular cerebral isquêmico. Pequeno, mas localizado numa área que administra a memória episódica. Não há sequelas motoras visíveis, nem comprometimento cognitivo significativo, não há risco imediato de recorrência com o tratamento adequado." Uma pausa. "Mas a memória autobiográfica do período pode demorar para voltar. E pode não voltar completa."

Fiquei quieto.

Thaís pegou a minha mão. A mão dela estava quente.

"A memória semântica está intacta," continuou o médico. "O senhor sabe quem é, sabe exercer suas funções profissionais, reconhece pessoas. O que perdeu foi a memória autobiográfica desse período específico. Como se o filme existisse, mas o acesso à sala de projeção tivesse sido temporariamente interrompido."

"E ela volta?"

"Frequentemente, sim. Em fragmentos. Costuma ser ativada por estímulos sensoriais fortes: cheiros, músicas, texturas, situações que reativam circuitos associativos antigos. O senhor vai ter flashes. Vai lembrar de coisas em momentos que parecem aleatórios, mas não são." O médico juntou as mãos sobre a mesa. "Viva normalmente. É o melhor remédio que existe para isso."

No carro, de volta para casa, olhei pela janela enquanto Thaís dirigia pela Beira-Mar Norte. A baía estava cinza e quieta, aquele tipo de beleza fria de inverno em cidade litorânea. A Ponte Hercílio Luz, imponente na neblina baixa.

Lembrei, de repente e sem aviso, de ter passado por aquela ponte aos 14 anos numa viagem de conclusão do primeiro grau promovida pelo colégio católico onde estudei. A memória chegou completa: o ônibus, o cheiro de banco de couro quente, o Atlântico à direita.

"Um AVC," eu disse, mais para o ar do que para ela.

"Pequeno."

"Que me apagou uns dez anos."

"Que te apagou dez anos." Ela olhou para o trânsito.

"Mas não te apagou. Você ainda é você. Só vai lembrar aos poucos."

Fiquei em silêncio por um tempo. Depois:

"Me conta sobre a carne."

Ela riu. Era o tipo de riso que nasce quando alguém escolhe o assunto mais inesperado no momento mais pesado, e de alguma forma acerta.

"Tudo bem. Vou te contar sobre a carne."

* * *

A história da carne, como Thaís a contou enquanto atravessávamos a Costeira do Pirajubaé com o mar aparecendo à nossa direita, tinha várias camadas. Mas a camada mais honesta, eu suspeitava, era a mais simples.

O corpo pediu.

Não como fraqueza. Não como rendição. Como informação.

Observando amigos e colegas que foram vegetarianos por anos e que, ao chegarem aos 35 ou 40 anos, começavam a sentir uma necessidade que a ideologia não conseguia silenciar. O corpo jovem aceita certos desaforos com elegância: deficiências de proteína completa, de B12, de ferro biodisponível, de creatina, de DHA. O corpo jovem compensa, improvisa, funciona abaixo do ótimo sem reclamar demais. É quando a juventude vai embora que a conta chega.

"Você começou a perceber isso nos outros antes de perceber em você," disse Thaís. "Ficava observando veganos de longa data, dez, quinze anos de dieta, e via um padrão. Cabelo mais fino. Disposição menor. Uma espécie de neblina cognitiva que eles normalizavam como estilo de vida contemplativo, mas que você começou a suspeitar que era simples falta de proteína."

A ciência confirma esse padrão com a insistência chata dos dados. Crianças em dieta vegana apresentam, em média, menor densidade óssea, níveis mais baixos de vitamina B12, ferro e vitamina D, e menor ingestão de proteína de alta qualidade.³ Um grupo de pediatria francófono publicou posição formal afirmando que dieta vegana não é recomendada para bebês, crianças e adolescentes, pelo risco de múltiplas deficiências nutricionais que são inevitáveis na ausência de suplementação.⁴

A proteína animal tem uma característica que a proteína vegetal não consegue replicar completamente: biodisponibilidade. O ferro heme da carne é absorvido numa taxa de cerca de 20%. O ferro não-heme dos vegetais chega a 2-5%.⁵

³Weder S et al., 'Vegan diet in young children remodels metabolism and challenges the statuses of essential nutrients,' EMBO Molecular Medicine, 2021.

⁴Lemale J et al., Groupe Francophone d'Hépatologie-Gastroentérologie et Nutrition Pédiatrique. 'Alimentation végétalienne chez le nourrisson et l'enfant,' Archives de Pédiatrie, 2019.

⁵Hallberg L, Hultén L, 'Prediction of dietary iron absorption: an algorithm for calculating absorption and bioavailability of dietary iron,' American Journal of Clinical Nutrition, 2000.

Mas a ciência viria depois. Antes veio Florianópolis.

* * *

"A tainha teve um papel importante!" disse Thaís, se divertindo um pouco com o comentário.

"A tainha? O peixe?!"

"Sim. Pouco depois de chegarmos à Ilha, começou a temporada da tainha. Você chegou em Floripa ainda vegetariano convicto. Aí chegou junho, e o vizinho da casa ao lado, o Seu Adilson, fez uma tainha na brasa no quintal, e o cheiro subiu dois andares. Você ficou na janela por 20 minutos, sem falar nada."

Eu não lembrava. Mas conseguia imaginar com precisão perturbadora.

A tainha é um peixe gordo, de sabor forte, que os manezinhos de Florianópolis transformaram em

ritual sazonal de uma seriedade que beira o litúrgico. Em junho, quando os cardumes passam pela costa sul da ilha em sua migração anual, a cidade vira a capital mundial da tainha. A fumaça sobe das churrasqueiras nos quintais e dos restaurantes, que servem o peixe em preparações especiais. É impossível ficar indiferente à temporada da tainha.

"Quanto tempo fiquei ali parado, sentindo o cheiro da tainha?", perguntei, adivinhando o que viria a seguir.

"Uns 30 minutos." Ela sorriu. "Depois desceu, bateu na porta do Seu Adilson, e voltou com um prato."

Havia nessa imagem, pensei, uma espécie de misericórdia. O corpo que finalmente recebeu o que estava pedindo. A ideologia que cedeu não para a fraqueza, mas para a realidade.

"Não foi só o cheiro da tainha, foi?"

Ela me olhou de soslaio.

"Não foi só o cheiro da tainha."

* * *

O restaurante havia sido um inferno.

Não uma metáfora. Um inferno de verdade, com cheiro de fritura às 6h da manhã e cheiro de louça ensaboada às 11 da noite, com funcionários que chegavam atrasados ou bêbados ou os dois e que às vezes processavam a empresa com a desenvoltura de quem aprendeu que isso é uma extensão legítima do salário. Com clientes que amavam a comida e o ambiente mas não apareciam em número suficiente para pagar os custos da casa grande no centro de Nova Friburgo que havia se tornado simultaneamente sede do instituto, escritório e restaurante.

Um restaurante orgânico vegetariano. Concebido com intenção genuína, com a certeza de que comer bem era um ato político e que as pessoas pagariam por isso.

Elas pagavam. Só não o suficiente.

No meio desse inferno, Thaís estava grávida de Maria Rosa, se formando em arquitetura, fazendo a viagem de Nova Friburgo a Niterói três vezes por semana, mais de duas horas por trecho em ônibus de estrada, com o ventre crescendo e a energia diminuindo. Ela pesava 56 kg grávida. Para uma mulher grávida, 56 kg é pouco. E a dieta vegetariana do restaurante não estava ajudando ninguém a ganhar peso.

Maria Rosa nasceu pequena. Sempre ficou abaixo do percentil mínimo nas consultas pediátricas. Era linda, desenhava desde que conseguia segurar um

lápiz, tinha uma inteligência que ultrapassava qualquer tamanho físico. Mas era pequena. E continuaria pequena, porque os primeiros três anos de vida, aqueles em que o corpo constrói sua arquitetura óssea e muscular básica, haviam sido vegetarianos por convicção do pai. Por minha convicção.

Teresa foi diferente.

O tio de Thaís, pediatra com 30 anos de consultório, olhou para o cabelo da bebê com aquela atenção clínica de quem está lendo informações que os pais ainda não aprenderam a ver. Cabelo quebradiço, sem brilho, crescimento lento para a idade. Disse uma frase simples, quase sem ênfase, como quem menciona algo óbvio: proteína animal. A menina precisa de proteína animal.

Introduzimos carne cedo na dieta de Teresa. A criança comia com um entusiasmo que, retrospectivamente, era ele próprio uma informação: o corpo reconhecendo o que precisava e pedindo mais.

Hoje Teresa, aos cinco anos, tem quase o mesmo tamanho da irmã mais velha. Mais robusta, mais encorpada, o cabelo preto e vivo crescendo com aquela velocidade que a fisiologia prevê quando há aminoácidos suficientes para trabalhar. Não é uma prova científica. É uma família. Mas as famílias também são dados.

* * *

Havia uma contradição no centro do movimento vegano que eu havia demorado anos para conseguir nomear, e que Thaís formulou numa tarde com a

precisão de quem viveu dentro de uma ideologia e saiu dela.

"O problema não é quem escolhe não comer carne. O problema é quem acha que tem o direito de decidir isso pelos outros."

O veganismo havia se transformado, ao longo dos anos 2010, de escolha pessoal em militância. De militância em identidade. De identidade em religião. E religiões, quando perdem a humildade, viram inquisição.

A grande falácia eram os campos de trigo e soja. Quando uma colheitadeira passa por uma plantação de monocultivo, dezenas de animais morrem: roedores, insetos, pequenos mamíferos que habitam o solo. A agricultura em larga escala é, por definição, incompatível com a vida selvagem. O pesticida não distingue o inseto que o vegano quer matar do inseto

que não quer. O solo compactado não pergunta a orientação filosófica de quem o cultivou.

O vegano militante que come proteína texturizada de soja industrializada, hambúrguer de ervilha ultraprocessado e iogurte de caju com emulsificantes está mais distante da natureza do que o cozinheiro que compra um frango caipira na feira e sabe o nome do bicho que preparou.

A pureza nunca foi pura. Foi sempre uma narrativa.

O Catolicismo, eu pensaria mais tarde, tinha uma sabedoria antiga sobre isso. Abstém-se de carne vermelha às sextas-feiras, não porque a carne seja má, mas como ato de mortificação voluntária, de memória, de comunhão com o sofrimento de Cristo. É uma escolha com significado, feita com consciência, sem exigir que o vizinho faça o mesmo. É o oposto da militância.

Hoje a dieta na casa do Rio Tavares é o que eu chamaria de equilíbrio com consciência e sem drama.

Às sextas-feiras, peixe. Abstinência de carne vermelha como prática de fé, não de saúde, e a diferença é enorme. Durante a semana, carne vermelha duas ou três vezes. Frango orgânico da Korin, empresa fundada pela Igreja Messiânica japonesa com padrões de criação verificados. Iogurtes, laticínios, ovos orgânicos. Orgânicos como premissa, não como performance.

O pé de mamão no quintal ainda está lá. O figo ainda está tomando sua decisão sobre crescer. O Nilson de 2015 aprovaria o quintal.

O Nilson de 2025 aprova a tainha de junho, o bacon do café da manhã e o churrasco de domingo.

As duas coisas podem existir ao mesmo tempo.
Levei dez anos para aprender isso. E provavelmente
um AVC para parar de fingir que não sabia.

CAPÍTULO 4

Todos os Caminhos

Thaís tinha uma teoria sobre religião que ela expunha com a segurança de quem está oferecendo diagnóstico.

"O problema da Igreja Católica," ela disse numa manhã de domingo, enquanto passava protetor solar FPS 50 nas crianças com a eficiência de uma linha de montagem, "é que ela tem dois milênios de bagagem e não consegue explicar metade deste tempo sem parecer que está se desculpando."

Eu estava de frente para o altar, no terceiro andar, com o terço nas mãos. Sagrado Coração de Jesus à esquerda. Sagrado Coração de Maria à direita. A vela

da véspera havia deixado uma mancha de cera no porta-vela de latão que eu precisaria limpar depois.

"Ela não precisa se desculpar de nada," respondi, sem tirar os olhos dos quadros.

"Ah, não?! Mas e as Cruzadas?!"

"Foram uma resposta militar a uma expansão islâmica que havia tomado dois terços do mundo cristão em menos de um século."

"Hum...E sobre a Inquisição?!"

"Foi um tribunal. Com regras de evidência. Num século em que linchamento popular era a alternativa padrão. A Inquisição salvou milhares de serem linchados pelo povo."

Pausa. O barulho do protetor solar e da Teresa tentando escapar do processo.

"Você virou advogado da Igreja agora?"

"Estou recuperando a memória."

Ela olhou para mim com aquela expressão que era simultaneamente o amor da vida inteira e a impaciência de quem precisa sair em 20 minutos para um culto que começa pontualmente às 9h.

"Tá bom. Mas hoje a gente vai na Batista."

"Eu sei."

"E você vai ficar quieto quando o pastor falar."

"Eu sempre fico quieto."

"Embora em silêncio, você não me parece quieto quando está no culto."

* * *

A Rua Tenente Silveira é uma rua íngreme no centro de Florianópolis que sobe quase do nível do mar em direção ao morro como se tivesse compromisso lá

em cima. As calçadas são estreitas, os prédios são altos, e há uma densidade de igrejas por metro linear que seria surpreendente se a cidade não fosse, como toda cidade de colonização portuguesa, fundamentalmente religiosa.

A Primeira Igreja Batista ficava numa das primeiras quadras a partir da Beira-Mar, num prédio limpo e sóbrio com aquela arquitetura batista tradicional que é, ela mesma, uma declaração teológica: nada de dourado, nada de imagens, nada de velas. A Palavra. Só a Palavra, em letras simples numa fachada sem ornamento.

O pastor era um homem de 50 e poucos anos, óculos finos, paletó de linho, com a inteligência tranquila de quem leu muito e não precisa que ninguém saiba. Pregava com consistência e sem arroubos, sem pedir dinheiro do altar, sem prometer cura milagrosa de hérnias de disco em troca de

dízimo. Era, nos termos do evangelicalismo brasileiro contemporâneo, uma raridade estatística.

Nós chegávamos. Thaís e as meninas ficavam. Eu assistia ao culto, gostava da música, dos hinos com melodias que tinham centenas anos e que ainda funcionavam porque verdades que funcionam não precisam de atualização. Gostava da área kids onde Maria Rosa ia contragosto e Teresa ia com entusiasmo desproporcional.

Depois, enquanto a pregação entrava na segunda metade, eu me levantava com cuidado e subia a ladeira.

* * *

A Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau estava tão espremida entre os prédios da Rua Tenente Silveira que era preciso andar devagar e saber o que procurar para encontrá-la. Arquitetura Eclética com

elementos bizantinos, comprimida entre fachadas comerciais, como uma joia colocada no lugar errado com algum propósito não evidente. A fachada em azul-ultramarino tinha duas colunas e um frontão com a cruz ortodoxa de oito pontas.

Lá dentro, o grego eclesiástico, não o grego moderno, o grego bíblico que existia antes de qualquer língua moderna ter o direito de se chamar assim, vinha do altar com aquela sonoridade que não precisa de tradução porque opera num nível anterior à língua, na frequência onde a linguagem ainda é música.

A liturgia durava três horas. Eu ficava o quanto conseguia, saía com aquela leveza de quem tocou em algo que não consegue nomear, e subia mais a ladeira.

* * *

A Paróquia Santo Antônio dos Franciscanos ficava na Rua Padre Schuler, a poucos metros da ortodoxa, numa viela lateral. Um convento pequeno, de pedra escura, fundado em 1908, com a missa acontecendo num ritmo que o Nilson de 2015 teria descrito como medieval com desdém e que o Nilson de 2025 estava aprendendo a entender como eterno com respeito.

Eu me sentava no banco de madeira escura com o cheiro de incenso que havia se acumulado ali durante décadas. Ouvia. Não entendia tudo ainda. Mas sentia alguma coisa que tinha aprendido a não ignorar.

Quando descia de volta, Thaís já estava na calçada, esperando com as meninas.

"Como foi a maratona religiosa?"

"Interessante."

"Interessante é uma resposta vaga..."

"Os gregos cantam em grego bíblico há dois mil anos. É exatamente a mesma liturgia. A mesma."

"Legal."

"Thaís."

"Estou ouvindo."

"Você não acha isso pelo menos um pouco impressionante?"

Ela pegou Teresa no colo, ajustou a bolsa no ombro, e respondeu com aquele tom carioca de encerrar assunto antes que ele escale:

"Acho impressionante. Agora vamos almoçar no Rita Maria."

* * *

O processo não foi uma virada. Foi uma erosão.

Os véus caíram um a um, com a lentidão irritante das coisas que demoram a acontecer porque estão acontecendo direito.

Eu cheguei em Florianópolis carregando um inventário de objeções ao Catolicismo bem organizado, com gavetas etiquetadas: Cruzadas. Inquisição. Caça às bruxas. José de Anchieta. Riqueza do Vaticano. Pedofilia clerical. Era o inventário padrão de quem havia sido formado pela Teologia da Libertação e aperfeiçoado por anos de leitura de esquerda que tratava a Igreja como braço do colonialismo europeu.

O problema era que nenhuma das etiquetas resistia a um exame demorado.

Lucas Lancaster apareceu numa tarde como aparecem as coisas importantes na era do algoritmo: sem ser procurado, com a cara de quem não está

vendendo nada. Um historiador católico laico, voz calma, argumentos documentados. Assisti ao primeiro vídeo com a desconfiança calibrada de quem já viu muita apologética ruim. Não encontrei apologética ruim.

Encontrei história.

* * *

As Cruzadas não eram o que a narrativa dominante descrevia. Não foram uma agressão europeia gratuita ao mundo islâmico pacífico. Foram uma resposta, tardia e militarmente caótica, a três séculos de expansão militar islâmica que tinha varrido o norte da África, a Península Ibérica, a Síria, a Palestina, o Egito e o sul da França, e que estava pressionando Constantinopla.

O Crescente Fértil havia sido terra cristã por séculos antes de ser território califal. Jerusalém havia sido

cristã por três séculos antes de ser tomada em 637. Quando o Papa Urbano II convocou a Primeira Cruzada em 1095, não estava inventando uma guerra. Estava respondendo a um pedido de socorro formal do Imperador Bizantino Aleixo I Comneno, que assistia sua civilização ser consumida pelas bordas.

E havia outro dado que a narrativa do colonialismo cristão preferia ignorar: a Igreja não chegou à África com os europeus. Já estava lá. A Igreja Copta do Egito remonta ao século I, fundada por São Marcos Evangelista, e existe ininterruptamente até hoje. A Igreja Ortodoxa da Etiópia é uma das mais antigas do mundo cristão, anterior a qualquer presença europeia no continente por mais de mil anos. Quando os portugueses chegaram à África no século XV, encontraram cristãos. A narrativa de que o Cristianismo foi imposto à África pelo colonialismo

européu ignora convenientemente que a África produziu alguns dos maiores Padres da Igreja, entre eles Tertuliano, Cipriano e o próprio Agostinho, todos do norte africano, todos anteriores ao islã, todos anteriores à Europa como civilização cristã organizada.

A Inquisição era mais complicada, e Lancaster não simplificava. Os números reais, estudados por historiadores sem agenda apologética, eram radicalmente diferentes da lenda negra. O historiador Henry Charles Lea, protestante e crítico da Igreja, estimou em cerca de 3.000 o número de execuções da Inquisição Espanhola ao longo de três séculos de funcionamento. A caça às bruxas protestante e secular, nos séculos XVI e XVII, matou entre 40.000 e 60.000 pessoas, na maior parte mulheres, em regiões onde a Inquisição Católica não tinha jurisdição.

Mas existia uma camada mais profunda nessa história que a narrativa dominante preferia ignorar completamente.

Dizer que o Catolicismo, por exemplo, é inimigo das mulheres, é uma inversão histórica que só funciona para quem nunca abriu um livro de história fidedigno. Antes do Cristianismo ascender no Ocidente, qual era a situação da mulher? Era propriedade jurídica do pai ou do marido. O infanticídio de meninas era prática legal e banalizada no mundo romano e grego. O homem podia descartar a esposa segundo sua conveniência, sem justificativa, sem processo, sem consequência.

Foi o Catolicismo que mudou isso radicalmente. A indissolubilidade do matrimônio, que a esquerda moderna cita como opressão, foi historicamente a primeira proteção jurídica real da mulher contra o descarte arbitrário pelo marido. A doutrina de que a

mulher é imagem e semelhança de Deus, com dignidade inalienável, não era óbvia no mundo antigo. Era revolucionária.

E voltando na caça às bruxas, argumento favorito de quem quer pintar a Igreja medieval como monstro, o pico das perseguições não aconteceu na Idade Média católica. Aconteceu na Idade Moderna, nas regiões tomadas pelo protestantismo secularizado: a Alemanha luterana, a Suíça calvinista, a Inglaterra e a Escócia. No famoso episódio das bruxas de Salém, os protagonistas foram os puritanos britânicos, não os católicos.

Nos países onde a Inquisição operava, Espanha e Itália, o número de execuções por bruxaria foi estatisticamente irrelevante em comparação. Por uma razão concreta: os tribunais da Inquisição exigiam provas jurídicas, testemunhas, exames. Grandes princípios do direito processual moderno,

como a presunção de inocência e o direito à defesa, foram desenvolvidos e praticados nos tribunais inquisitoriais enquanto os tribunais civis julgavam na base do linchamento popular e da histeria coletiva. A Inquisição absorveu e salvou milhares de mulheres acusadas de bruxaria da fúria de multidões enfurecidas.

José de Anchieta era outra gaveta que precisou ser reaberta. O jesuíta que tinha chegado ao Brasil em 1553 era, na narrativa absorvida, um agente do colonialismo europeu. A história real mostrava um homem que havia aprendido o Tupi em nível literário, que havia escrito a primeira gramática da língua, que intercedeu repetidamente junto às autoridades coloniais para proteger os povos indígenas da escravização.

Cada gaveta que eu abria encontrava algo diferente do que havia colocado lá.

* * *

"Você sabia que a universidade foi inventada pela Igreja Católica?"

Almoço no Rita Maria tinha se tornado tradição de domingo. Churrasco, arroz com feijão, vinagrete. Eu ainda pedia Kebab de falafel às vezes, por força do hábito, em transição lenta para a carne vermelha.

Thaís levantou os olhos do prato.

"Bom apetite pra você também."

"Bolonha, 1088. A primeira universidade do mundo. Fundada pela Igreja. Depois vieram Oxford, Cambridge, Paris, Salamanca. Todas fundadas pela Igreja ou por ordens religiosas."⁶

⁶Hastings Rashdall, 'The Universities of Europe in the Middle Ages,' Oxford, Clarendon Press, 1895.

"Nilson."

"O método científico foi desenvolvido por Roger Bacon, franciscano, século XIII. Gregor Mendel, a genética, monge agostiniano. Georges Lemaître, o Big Bang, padre católico."⁷

"Você está fazendo isso de propósito."

"Estou compartilhando informação."

"Você está fazendo aquela coisa que você faz quando quer mudar o humor da mesa."

Fiquei quieto por um segundo.

"Funcionou?"

"Não." Ela cortou um pedaço de picanha. "Mas é impressionante."

⁷John Farrell, 'The Day We Found the Universe,' Pantheon Books, 2009.

Olhei para o corte na carne. Havia algo naquilo que me puxou para outro lugar.

A Igreja Católica documenta mais de cem milagres eucarísticos ao longo da história, casos em que a hóstia consagrada se transformou visivelmente em carne e sangue humanos, verificados por análise científica, não apenas por relato de fé. O mais famoso aconteceu em Lanciano, na Itália, por volta do ano 750. Um monge que duvidava da presença real de Cristo na Eucaristia estava celebrando a missa quando a hóstia se transformou em carne viva e o vinho em sangue. Em 1970, a Igreja autorizou análise científica das relíquias preservadas por doze séculos. O Professor Odoardo Linoli, especialista em anatomia e histologia patológica, concluiu: a carne é tecido cardíaco humano, especificamente miocárdio. O sangue é humano, tipo AB, o mesmo encontrado no Sudário de Turim. Não há explicação

natural para a preservação de tecido orgânico por mais de mil anos sem qualquer processo de conservação.

Em 1996, numa igreja no centro de Buenos Aires, uma hóstia descartada por uma fiel foi recolhida pelo padre e colocada em água para dissolver. Em vez de dissolver, transformou-se numa substância com sangue. O então Cardeal Jorge Bergoglio, que depois seria nosso Papa Francisco, enviou amostras para análise científica independente. O resultado: tecido de miocárdio humano vivo, com glóbulos brancos intactos. Glóbulos brancos que, fora do corpo humano, se desintegram em quinze minutos. As amostras tinham seis anos quando foram analisadas.

Em maio de 2025, a Santa Sé reconheceu oficialmente o primeiro milagre eucarístico da Índia,

ocorrido em Kerala em 2013, após mais de uma década de investigação científica e teológica.

A carne na mesa da picanha de domingo. A carne no altar de cada missa.

Era a mesma palavra em português. Em grego, a palavra do Evangelho de João é *sarx*, carne, a mesma usada quando o texto diz que o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Não metáfora. Não símbolo. Carne.

Maria Rosa, que havia estado em silêncio estratégico com o caderno de desenho aberto na mesa contrariando todas as regras estabelecidas sobre cadernos à mesa, levantou os olhos.

"O padre daquela igreja que a gente foi um dia disse que Maria Madalena era apóstola."

"Era," confirmei.

"A professora de história disse que a Igreja escondeu isso."

"A Igreja não escondeu. Está no Evangelho de João, capítulo 20. Maria Madalena foi a primeira testemunha da ressurreição. Em 2016, o Papa Francisco elevou sua memória litúrgica ao grau de festa, reconhecendo-a como apóstola dos apóstolos, um título que os Padres da Igreja já usavam no século II."⁸

Maria Rosa olhou para a mãe com a expressão de árbitro que ela desenvolvia nas disputas entre os adultos.

"Quem está certo?"

"Os dois estão errados de jeitos diferentes," disse Thaís. "E coma o seu brócolis."

⁸Decreto da Congregação para o Culto Divino, 3 de junho de 2016. Publicado no L'Osservatore Romano.

As Cinco Solas eram o campo minado permanente do casamento.

Thaís cresceu como católica batizada mas sua formação na adolescência foi predominantemente protestante, e os cinco princípios da Reforma, Sola Scriptura, Sola Fide, Sola Gratia, Solus Christus, Soli Deo Gloria, haviam se calcificado como axiomas que ela não tinha necessariamente escolhido mas que habitava com naturalidade de quem herdou a mobília da casa.

Eram princípios formulados por Lutero e pelos reformadores do século XVI como resposta a abusos reais da Igreja daquele período. Eu não negava os abusos. Negava que a solução proposta fosse logicamente coerente.

"Sola Scriptura tem um problema estrutural," eu disse numa noite, depois que as meninas haviam dormido. Eu com chá de camomila, ela com vinho do Alentejo, os dois no sofá de bambu com o Morro do Lampião lá fora. "Se só a Bíblia é a autoridade máxima, quem decidiu o que entra na Bíblia?"

"A comunidade cristã primitiva," ela disse, com o tom de quem recita uma resposta que já deu outras vezes.

"A Igreja Católica. No Concílio de Cartago, em 397. Bispos católicos reunidos sob autoridade papal. Foram eles que fecharam o cânon bíblico que os protestantes usam até hoje."⁹ Pausa. "Então a Bíblia que serve de fundamento para rejeitar a autoridade da Igreja foi definida pela autoridade da Igreja."

Thaís ficou quieta.

⁹F.F. Bruce, 'The Canon of Scripture,' InterVarsity Press, 1988.

"Isso é um problema," ela admitiu.

"É um círculo."

"Mas a Tradição que a Igreja reivindica também pode estar errada."

"Pode. Mas aí você precisa de um critério externo para avaliar o que está certo. E esse critério vai acabar sendo a sua interpretação pessoal. De uma pessoa. Num momento histórico específico. Sem acesso ao grego e aramaico originais. Sem dois mil anos de exegese acumulada."

"Você está dizendo que sou menos inteligente que o Papa."

"Estou dizendo que é menos antiga que a Tradição."

Ela tomou um gole de vinho com a expressão de quem processa uma informação que não gosta mas não consegue descartar com integridade intelectual.

"E Maria?"

Sempre chegávamos aqui. Ou em Maria ou na consubstanciação eucarística.

"Maria é a parte mais difícil pra você."

"Maria é a parte que não fecha pra mim. A Bíblia não fala em orar pra Maria. Não fala em Assunção. Não fala em Imaculada Conceição. Fala em Jesus como único mediador entre Deus e os homens."

"Quando você pede pra sua mãe orar por você, está substituindo Cristo como mediador?"

"Não."

"Então pedir a Maria é o mesmo movimento. Intercessão, não mediação. Cristo é o único mediador no sentido de ser a única ponte entre a natureza humana e divina. Os santos são irmãos que oram junto, do outro lado."

"Maria não é qualquer irmã."

"Exatamente. É a Mãe de Deus. Theotókos. O título que o Concílio de Éfeso definiu em 431. Se Jesus é Deus, e Maria é mãe de Jesus, ela é Mãe de Deus. A lógica é uma linha reta."¹⁰

"Eu sei a lógica." Ela girou o copo na mão. "Eu sei a lógica e mesmo assim não consigo sentir."

Olhei para ela. Para os olhos verdes com aquele fundo de honestidade que era, talvez, a coisa que eu mais amava nela.

"Eu sei."

"Isso te frustra?"

"Um pouco." Pausa. "Mas estou orando."

"Pra quem?"

¹⁰Concílio de Éfeso, 431 d.C. A definição de Maria como Theotókos foi aprovada contra a heresia de Nestório.

"Santa Mônica."

Thaís ficou completamente quieta.

"Santa Mônica que ficou trinta anos rezando pela conversão de Santo Agostinho," eu disse. "Seu filho. Que foi o maior teólogo da Igreja nos quinze séculos seguintes."

"E o que você está pedindo pra Santa Mônica?"

Olhei para ela sem sorrir.

"O mesmo que ela pediu."

Thaís ficou em silêncio por um tempo que durou mais do que os silêncios normais dela. Olhou para o copo. Olhou para o morro lá fora com sua antena piscando na escuridão.

"Isso é muito católico da sua parte," disse finalmente.

"Eu sei."

"É também, estranhamente," ela pausou, "muito bonito."

Ficamos os dois em silêncio, com o som baixo da cidade lá fora e as meninas dormindo no andar de cima, e aquela sensação específica que só existe entre duas pessoas que discordam profundamente sobre algo e se amam profundamente apesar disso.

Ou por causa disso.

* * *

Corpus Christi chegou num dia de sol claro de junho, aquele sol de ilha que não aquece mas ilumina tudo de forma totalmente distinta de áreas continentais.

A Igreja Nossa Senhora da Lapa, no Ribeirão da Ilha, fica no extremo sul de Florianópolis e sua presença se impõe, como se fosse tão antiga quanto

o mar à sua frente, ou os morros, cobertos de vegetação Atlântica, ao fundo. É uma das igrejas mais antigas de Santa Catarina, construída pelos colonizadores açorianos em 1763 com paredes de pedra e cal, com o frontão triangular branco e as torres amarelas que aparecem em todo postal do bairro, com o chão de madeira que range nos passos dos devotos de domingo há dois séculos e meio.

Seria nessa igreja que eu e Thaís nos casaríamos. Onde Maria Rosa e Teresa seriam batizadas. Tudo no mesmo dia, como quem resolve várias pendências num cartório muito mais antigo e muito mais importante do que qualquer outro.

A missa campal de Corpus Christi acontecia do lado de fora, com o altar montado em frente à fachada colonial branca e amarela, o sol da manhã de junho caindo sobre a Praça Hermínio Silva. A procissão havia percorrido a rua principal com o Santíssimo

sob o pálio dourado, as senhoras com véus e terços, as crianças com flores, e o canto gregoriano vindo do coral que parecia não ter origem em nenhum pulmão específico, apenas na Igreja como um todo.

Eu estava parado na calçada, com Teresa no colo e Maria Rosa ao lado segurando minha mão com casualidade.

O padre Vânio elevou a Custódia.

Graças e louvores se dêem a todo momento ao Santíssimo e Diviníssimo Sacramento.

As lágrimas vieram antes que eu decidisse se ia chorar.

Não foi uma conclusão intelectual. Não foi o resultado de um argumento ganho depois de debates sobre Sola Scriptura no sofá de bambu. Foi o corpo reconhecendo alguma coisa que a mente havia demorado a alcançar, como quando você ouve uma

música que não sabia que conhecia mas que sabe de cor.

Era aquilo. Sempre tinha sido aquilo.

Em todos os Ashrams com cheiro de ghee e incenso, em todos os tapetes de yoga, em todos os mantras cantados em sânscrito nos Himalaias, em todas as noites de meditação no Sítio Pindorama com o céu do interior fluminense lá fora, havia uma fome de algo específico que nenhuma daquelas formas tinha conseguido alimentar completamente.

A Eucaristia.

O Deus que não fica do lado de fora esperando que você se eleve o suficiente. O Deus que desce. Que se torna pão. Que se deixa comer. A forma mais radical possível de intimidade: não a contemplação, não a iluminação, não a dissolução do eu no

Absoluto impessoal. A comunhão. O encontro com um Deus que tem nome.

Thaís, ao meu lado, viu as lágrimas e não disse nada. Pegou a minha mão. Ficamos assim, os quatro, diante da missa campal numa quinta-feira de junho em frente a uma igreja que havia visto nascer e morrer os manezinhos por duzentos e sessenta anos.

No carro de volta, ela perguntou:

"Então é isso?"

"É isso."

"De volta pra casa?"

"De volta pra casa."

Maria Rosa, do banco de trás, não levantou os olhos do caderno onde desenhava.

"Qual casa?" ela perguntou.

Nenhum dos dois respondeu imediatamente.

Depois Thaís disse, com aquele sorriso de canto de boca:

"A mais antiga de todas."

CAPÍTULO 5

O Buquê e o Milagre

Para casar na Igreja Católica, eu e Thaís precisávamos resolver um problema burocrático com a dimensão de um romance.

Eu já tinha me casado antes. Numa conferência da Self-Realization Fellowship, a organização fundada por Paramahansa Yogananda que administra o Ashram Hidden Valley na Califórnia onde havia morado, perante monges do Kriya Yoga, com ritos em sânscrito e silêncio e a sinceridade total de quem não está performando mas acreditando. Era um casamento religioso. Só que não era um casamento católico. Do ponto de vista do direito canônico, eu cheguei ao primeiro altar da vida solteiro.

Thaís já tinha casado numa Igreja Batista. Cerimônia com hinos, pastor, testemunhas, Bíblia aberta no Gênesis, o protocolo completo. Também canonicamente inválido. Também solteira.

"Então tecnicamente," ela disse, quando o padre Vânio explicou a situação no escritório paroquial da Nossa Senhora da Lapa, "nenhum de nós foi casado de verdade até agora."

"Do ponto de vista canônico, não."

"Isso é conveniente pra você," ela disse para mim, que estava sentado ao seu lado na cadeira de plástico duro do escritório paroquial.

"Não fui eu que fiz as regras."

"Mas você parece satisfeito com elas."

O padre Vânio fingiu não ouvir com a competência de quem passou anos desenvolvendo essa habilidade específica.

* * *

O curso de noivos era composto de doze encontros noturnos, alternando entre a casa dos catequistas e às vezes a casa dos noivos, com café passado e biscoito de polvilho e aquela qualidade de conversa franca que só existe em grupos pequenos de adultos que concordaram em ser honestos por algumas horas por semana.

Luís e Denise, o casal de catequistas, tinham aquela competência tranquila de quem acompanhou muitos casais e aprendeu a distinguir os que estão ali por obrigação dos que estão ali por fome real. Perceberam cedo que eu e Thaís pertencíamos à segunda categoria.

Os outros casais eram variados. Jovens que estavam ali porque a sogra tinha insistido e o padre havia dito que não era optativo. Um casal em particular nos chamou a atenção pois eram celibatários e da Opus Dei, organização que já tinha ouvido falar com conotação negativa.

Nas discussões sobre matrimônio como sacramento, sobre a diferença entre contrato jurídico e aliança sacramental, sobre a teologia do corpo de João Paulo II, eu era o aluno que aparece uma vez a cada dez turmas: o que já leu mais do que o programa exige e faz perguntas que obrigam o catequista a improvisar respostas que não estavam no roteiro.

Thaís era a aluna que mantinha tudo honesto.

"A Igreja proíbe o divórcio," ela disse numa das noites, com a neutralidade de quem não está

atacando, está verificando. "E nós dois já fomos casados antes, temos inclusive certidões de divórcio."

"A Igreja não reconhece os casamentos anteriores como válidos perante o direito canônico," explicou Luís com paciência. "Por isso não há impedimento para o novo matrimônio."

"Então a Igreja diz que meu casamento anterior não existiu."

"Canonicamente, não teve forma válida."

"Hm." Ela ficou em silêncio por um momento.

"Isso é conveniente pra Igreja também."

Luís olhou para mim com a expressão de quem está aprendendo algo sobre aquele casal que vai ser útil nas próximas semanas.

Encolhi os ombros levemente, como quem diz: é sempre assim, você vai se acostumar.

* * *

Marcamos a data: 19 de setembro de 2025, às 17h, na missa do Sagrado Coração de Jesus na Nossa Senhora da Lapa. Uma missa quase vazia, com a presença habitual das senhoras do bairro. Queríamos casar praticamente despercebidos, naquela missa simples de sexta-feira, sem convidar ninguém do Rio de Janeiro, sem fazer festa.

Tinha até uma certa vergonha envolvida: dois casamentos anteriores, duas conversões, uma vida inteira de reviravoltas, e agora queríamos casar na Igreja Católica às escondidas numa missa vazia num bairro remoto.

Então chegou a mensagem no WhatsApp.

Um dos casais que havia feito o curso de noivos junto tinha marcado o casamento na mesma missa do Sagrado Coração de Jesus, na mesma data. Já tinham festa marcada, já tinham convidados. Será que não daria para mudar, ou então fazer um casamento coletivo?

Para nós, a resposta foi simples: não tínhamos festa, não tínhamos convidados vindos de fora, não tínhamos meses de planejamento para reorganizar. Queríamos casar durante uma missa, com o padre que conhecíamos, naquela igreja que amávamos.

"A gente muda," eu disse.

"Sem problema," disse ela.

E o casamento foi para 21 de setembro, um domingo, às 10h. O padre Vânio autorizou algo que não era exatamente rotina paroquial: no mesmo ato litúrgico, o casamento e o batismo de Maria Rosa e

Teresa, que já havia sido marcado para esta data. Quatro sacramentos num domingo de setembro. A família inteira entrando na Igreja de uma vez.

* * *

Na véspera, fui ao mercado da Costeira comprar flores.

Não havia florista contratado. Não tinha ornamentação planejada. Estávamos nos reorganizando financeiramente depois do restaurante e da mudança para Florianópolis, e orçamento para decoração de Igreja simplesmente não existia. A Igreja teria o que a Igreja sempre tem: as velas, o altar, os santos nas paredes. A única flor que haveria no casamento seria o buquê.

Caminhei pelas prateleiras do mercado com a atenção de quem sabe o que está fazendo. Sabia porque tinha feito aquilo durante anos, ao lado do

meu pai, que se chamava Nilson como eu, que havia herdado do avô Nelson uma floricultura chamada Nelson Flores, naquela época o nome de família era o capital disponível. Pai e filho haviam ornamentado dezenas de igrejas juntos, enfeitado altares para casamentos alheios, amarrado buquês de noiva com a competência de quem transforma flores em arquitetura temporária.

Escolhi rosas brancas, eucalipto, alguns galhos de gypsophila. Cheguei em casa. Montei o buquê na bancada da cozinha com a faca, uma tesoura e um rolo de fita de cetim bege que comprei num armarinho.

Ficou bom. Ficou melhor do que o esperado.

Olhei para o buquê por um tempo.

“Ornamentei tantos casamentos com o meu pai. Fiz tanta coisa. E a única flor que vai ter no meu casamento é esse buquê aqui, feito em cinco minutos na cozinha de casa.”

Não era tristeza. Era apenas a observação de um homem que havia chegado ao próprio casamento com a mesma leveza despretenciosa com que chegava às missas de domingo.

Coloquei o buquê num vaso com água. Fui dormir.

* * *

21 de setembro amanheceu com aquela luz específica de Florianópolis no começo da primavera, que ainda não é o calor do verão mas já não tem o frio fechado do inverno, uma luz de transição que deixa tudo com um ar de indecisão, como se o dia ainda estivesse decidindo o que vai ser.

Nós nos arrumamos em casa. Thaís num vestido branco simples, a elegância de quem não precisa de ornamento. Eu no terno azul claro que tinha comprado para a ocasião, não o mais caro, mas bem cortado. Maria Rosa e Teresa nas roupinhas de batismo brancas, com aquela resistência específica de crianças pequenas que sabem que roupa de cerimônia significa ficar comportada por mais tempo do que é razoável.

Separei as alianças. Peguei o buquê do vaso.

Fomos de carro para o Ribeirão da Ilha. A estrada passa pela costa sul com o mar aparecendo e desaparecendo entre os morros, aquela paisagem que não cansa porque nunca é exatamente igual duas vezes. As meninas no banco de trás. Thaís ao lado com a mão no meu joelho. Caía uma chuva fina.

Quando chegamos à Praça Hermínio Silva, não havia vaga.

"Desce aqui com as meninas," eu disse. "Eu acho uma vaga e vou a pé."

Ela desceu com as duas. Continuei rodando, achei vaga a três quadras, estacionei, e comecei a caminhar em direção à praça com o buquê na mão e a chuva fina molhando o ombro do terno.

E então, conforme me aproximava da Igreja, vi o arco.

Um arco de flores na entrada da Nossa Senhora da Lapa. Grande, elaborado, branco, com a qualidade de trabalho de florista profissional: não flores do mercado montadas em cinco minutos, mas uma composição com estrutura e intenção.

Parei no meio da calçada.

“Não somos díximistas tão significativos para a paróquia gastar com ornamentação. Deve haver algum engano.”

Continuei andando.

Conforme chegava mais perto, ouvi música. Não a viola caipira do músico de todos os domingos, aquele instrumento que eu havia aprendido a reconhecer e a gostar pela autenticidade humilde de quem toca por devoção. Coral. Vozes organizadas em harmonia com estrutura, e por baixo delas o violino.

Naquela Igreja, em todos os domingos que frequentei desde que chegamos a Florianópolis, nunca havia coral. Nunca havia violino. Era a missa do interior com a beleza despretenciosa das coisas que não precisam impressionar ninguém.

Entrei.

A Igreja Nossa Senhora da Lapa, construída em 1763 com paredes de pedra e cal por colonizadores açorianos que haviam trazido a fé como a única bagagem que não cabe em nenhuma mala, tem paredes brancas e madeira clara e aquela proporção de espaço sagrado que os construtores do século XVIII conheciam sem arquiteto: nem grande demais para intimidar, nem pequena demais para apressar. O chão de madeira range. Os santos nas paredes foram pintados em épocas diferentes e por mãos diferentes e compõem uma galeria accidental que é, ela mesma, uma história da devoção local.

Naquela manhã, estava toda ornamentada com flores.

Não só o arco na entrada. Os bancos, o altar, as colunas, os nichos com os santos. Flores brancas e verdes distribuídas com generosidade por toda a nave, com aquela abundância de quem tinha muitas

e não calculou quanto estava gastando. A luz da manhã de setembro entrava pelas janelas laterais e caía sobre elas de um jeito que parecia, que só podia ser proposital.

Fiquei parado no corredor central.

As lágrimas vieram sem aviso, pela segunda vez naquela Igreja, depois do Corpus Christi de junho.

E o pensamento que veio não foi um pensamento de homem adulto que processa eventos com distanciamento. Foi o pensamento de uma criança que recebe um presente que não pediu e que era exatamente o que queria.

“Ele leu o meu pensamento.”

Não metáfora. Não linguagem piedosa. A certeza literal de que o pensamento que eu havia tido em silêncio na cozinha, aquele pensamento de homem que ornamentou dezenas de casamentos alheios e

que chegaria ao próprio com um buquê feito em cinco minutos, havia sido ouvido.

E respondido.

“Até os cabelos da tua cabeça estão todos contados.”

Eu nunca tinha entendido aquele versículo de verdade. Havia lido, assentido, havia seguido em frente. Naquela manhã de setembro, diante de uma igreja cheia de flores que eu não tinha pedido explicitamente e que alguém havia colocado ali, entendi.

Thaís apareceu ao meu lado com as meninas. Olhou para as flores. Olhou para mim.

Não disse nada.

Pegou a minha mão.

* * *

O padre Vânio presidiu com aquela calma de pároco de comunidade que conhece as famílias do bairro pelo nome e que sabe que a missa não é uma performance mas uma realidade. O coral cantou. O violino entrou nos momentos certos com aquela capacidade do instrumento de acessar alguma coisa que fica abaixo das palavras e acima dos argumentos.

No momento da troca das alianças, Maria Rosa assistia com a expressão de juíza que era característica dela, avaliando a solenidade do procedimento e formando opiniões que guardaria para uso futuro. Teresa cochilou no ombro do padrinho por exatamente seis minutos e acordou na hora da aclamação, como se tivesse programado o despertador.

Os padrinhos de Teresa eram pais da escola Waldorf, com aquela afinidade de pessoas que se reconhecem antes de se conhecer. O padrinho era

manezinho, nascido na ilha, com o sotaque específico do sul de Florianópolis que transforma certas vogais em território próprio.

Os padrinhos de Maria Rosa eram um casal do Opus Dei. O padrinho tinha sido seminarista, quase havia sido padre. Ambos viviam um noivado celibatário com a seriedade de quem escolheu aquilo com consciência plena e não precisa explicar a ninguém. Um casal cuja existência o Nilson de 2015 teria descrito como sintoma de algo que precisava de tratamento. O Nilson de 2025 os achava simplesmente admiráveis.

Luís e Denise, os catequistas, foram os padrinhos de casamento. O círculo havia se fechado.

* * *

No almoço depois, num restaurante perto da praça com tainha, vinho e aquela qualidade de conversa

que existe quando pessoas que se gostam de verdade comem juntas sem pressa, Thaís esperou o momento certo e disse:

"Você chorou duas vezes."

"Eu sei."

"Na entrada e na aliança."

"Eu sei."

"Eu fingi não ver na segunda vez pra não constranger."

"Eu vi você fingindo."

Ela tomou um gole de vinho.

"As flores eram de outro casamento, você sabe disso."

"Pode ser, mas nunca vi isso antes em mais de 1 ano frequentando essa igreja."

"Verdade, nem flores, nem esse coral, nunca vi nessa missa de domingo"

"Pois é..."

"E você acha que foi um milagre?"

Não era pergunta. Era ela verificando, com a honestidade que era a coisa mais constante nela.

"Você se lembra do que eu pensei na cozinha, com o buquê na mão?"

"Não sei ler pensamentos ainda."

"Pois é."

Ela ficou quieta. Olhou para as meninas no canto inventando alguma brincadeira que provavelmente terminaria em choro de Teresa ou em conflito de jurisdição com Maria Rosa.

"No que você pensou com o buquê na mão?" ela perguntou finalmente.

"Que havia ornamentado dezenas de igrejas com meu pai. E que no dia do meu casamento, a única flor que estaria lá seria esse buquê de mercado."

Silêncio.

"Sou grata pelas flores e pelo coral," ela disse.

"Mas não fui eu."

"Eu sei disso." Uma pausa. "É por isso que estou agradecendo. A Ele."

CAPÍTULO 6

O Amor Venceu o Ódio (E Depois Começou a Matar)

Havia uma frase que minha mãe dizia com o orgulho específico de quem guarda uma relíquia de santo.

"O Frei Leonardo Boff sentou na mesma cadeira em que Galileu foi julgado."

Ela dizia isso como se a cadeira transferisse algo: uma espécie de comunhão mística com o martírio, com a coragem de dizer a verdade diante do poder. Galileu havia dito que a Terra se movia e a Igreja tinha resistido. Logo, qualquer um que a Igreja resistisse estava automaticamente do lado de Galileu, do lado da ciência, do lado certo da história.

A lógica era sedutora. Era também, como eu entenderia décadas depois, completamente falsa em seus fundamentos. Mas em Nova Friburgo, no interior serrano do Rio de Janeiro, com Darcy Ribeiro na estante da sala e Paulo Freire na boca da professora e Leonardo Boff na memória da minha mãe, essa lógica era o ar.

E o ar não precisa ser verificado. O ar simplesmente é.

* * *

Em Nova Friburgo, cidade fundada por colonos suíços no século XIX que hoje tem o centro de prédios e o entorno de morros e a neblina matinal que desce do Pico da Caledônia e que deixa tudo com aquela atmosfera de um lugar que não decidiu completamente onde está, a formação política chegava antes da política em si.

Chegava pela estante da sala, onde Darcy Ribeiro dividia espaço com Paulo Freire e algum título de Leonardo Boff com a lombada gasta de tanto uso. Chegava pelo meu avô, Altair, sindicalista convicto que havia passado a vida acreditando com sinceridade genuína que o mundo se dividia entre patrões e trabalhadores e que qualquer outra divisão era distração promovida pelos patrões. Chegava pela escola católica que, com aquela ironia que a Teologia da Libertação produzia em série, ensinava mais Marx do que Mateus e mais Gramsci do que Gregório Magno.

Era a Teologia da Libertação em sua expressão mais cotidiana. Não era violenta. Era gentil, intelectualmente séria para seus próprios termos, carregada de genuína preocupação com os pobres. Era também, como eu entenderia muito depois, uma

confusão fundamental entre o Evangelho e o manifesto, entre a caridade cristã e a luta de classes.

Leonardo Boff havia sido chamado a Roma em 1984 para responder à Congregação para a Doutrina da Fé, presidida pelo então Cardeal Joseph Ratzinger. Havia sido silenciado temporariamente. A narrativa que chegou a Nova Friburgo foi a do profeta perseguido, o Galileu moderno punido por dizer verdades incômodas ao poder.

A narrativa real era diferente.

Boff havia, em obras publicadas e disponíveis para qualquer leitor com paciência, negado a historicidade dos milagres de Cristo. A multiplicação dos pães e peixes foi reinterpretada não como milagre sobrenatural mas como gesto de partilha comunitária espontânea que gerou abundância.¹¹

¹¹Leonardo Boff, 'Jesus Cristo Libertador,' Vozes, 1972. Ver também 'Igreja: Carisma e Poder,' 1981, obra que motivou o processo na Congregação para a Doutrina da Fé.

Socialismo como exegese bíblica. A ressurreição havia sido tratada com aquela ambiguidade teológica conveniente que diz tudo e não diz nada. Satanás havia sido gradualmente dissolvido em força abstrata, símbolo do mal sistêmico, até desaparecer como personagem real com agência própria.

Se Lúcifer não existe como ser real (fato que nem Rudolf Steiner ou Yogananda negam) então Jesus foi tentado por quem durante os quarenta dias no deserto? Por uma força abstrata? Por um símbolo? A lógica interna do Evangelho colapsa se você começa a remover as peças que não cabem na narrativa ideológica do momento.

Galileu estava certo sobre astronomia e errado sobre teologia. Boff estava errado sobre teologia e convicto de estar certo sobre política. A cadeira era a mesma. A comparação não funcionava.

Aos dezoito anos, eu me filiei ao PSTU.

Não ao PT. O PT era mainstream demais, havia acomodado demais, havia se tornado o partido da esquerda que queria poder e que, para quem estava do lado mais puro da pureza, já havia se contaminado com a realidade. O PSTU era a opção para quem achava que o PT não era esquerda o suficiente. Contra o burguês, vote 16. Era o lema. Era o tipo de lema que faz sentido aos dezoito anos e que aos quarenta funciona principalmente como dado biográfico humilhante.

O professor de história do colégio era membro do PCdoB. Havia sido candidato à prefeitura de Nova Friburgo com a dignidade serena de quem sabe que está do lado certo da história e que a história eventualmente concordará, independente do

resultado das urnas. Suas aulas eram boas na medida em que as aulas de qualquer pessoa que acredita genuinamente no que ensina tendem a ser boas: tinham paixão, tinham coerência interna, tinham a capacidade de fazer o mundo parecer inteligível. Eram também, inevitavelmente, um curso paralelo de formação política que não se anunciava como tal.

A Pastoral da Juventude do colégio católico era, sem grandes disfarces, um puxadinho do PT com vocabulário de fé. As amigadas que fiz ali eram todas de esquerda. Uma delas havia sido uma das fundadoras do PT na cidade, junto com o pai que era diácono. Eram pessoas boas, generosas, que acreditavam no que faziam com uma sinceridade que eu respeitava então e ainda respeito agora.

Era impossível, naquele ambiente, não se tornar de esquerda. Era o ar. Era a água. Era o único

vocabulário disponível para descrever o mundo de uma forma que parecesse intelectualmente séria.

Quando descobri o yoga e depois a permacultura e depois o movimento ambientalista, encontrei mais do mesmo em embalagem diferente. O mundo espiritual alternativo dos anos 2000 e 2010 era, com raras exceções, de esquerda por default. Não porque houvesse conspiração: porque havia uma cultura, e culturas reproduzem a si mesmas com a eficiência de vírus bem adaptados.

* * *

O Instituto Pindorama havia crescido com essa cultura dentro como parte da estrutura, não como ornamento.

Nos cursos de permacultura, havia um documentário que eu exibia com orgulho: O Poder da Comunidade, produção americana de 2006 que

documentava como Cuba havia superado a crise dos anos 1990, o chamado Período Especial, quando o colapso soviético eliminou o subsídio de US\$ 4-6 bilhões anuais que mantinha a economia cubana funcionando.¹² A resposta cubana havia incluído agricultura urbana, permacultura e produção local. O filme apresenta isso como triunfo da resiliência socialista.

Cuba tinha médicos. Cuba tinha educação. Cuba resistia ao embargo americano.

Era uma boa narrativa. Ficava menos boa com os dados que o filme não incluía.

Cuba foi, antes de 1959, um dos países de maior renda per capita da América Latina: em 1958, o PIB per capita cubano era comparável ao da Itália e

¹²'The Power of Community: How Cuba Survived Peak Oil,' dirigido por Faith Morgan, The Community Solution, 2006.

superior ao da Espanha.¹³ Em 2024, é um dos mais baixos do hemisfério. O embargo americano existe, tem consequências reais, e merece crítica legítima. Mas o embargo não explica tudo. Não explica por que o Vietnã, igualmente embargado durante décadas, desenvolveu uma economia que cresceu 6-7% ao ano nas últimas décadas enquanto Cuba não consegue garantir eletricidade estável.

O que explica é a autocracia. A centralização econômica que elimina incentivos. A propriedade estatal dos meios de produção, que é uma frase elegante para dizer que ninguém tem motivo para trabalhar além do mínimo necessário para não ser punido.

E Fidel Castro, o líder da revolução que havia construído sua carreira denunciando a exploração

¹³Carmelo Mesa-Lago, 'Cuba en la era de Raúl Castro,' e dados históricos de PIB per capita compilados pela CEPAL para o período anterior a 1959.

capitalista, havia deixado ao morrer uma fortuna pessoal estimada em centenas de milhões de dólares.¹⁴ O homem que denunciava o capitalismo havia explorado um país inteiro por seis décadas.

Esse dado chegou tarde. Muito depois de eu ter exibido o filme muitas vezes.

* * *

E o Che. A camiseta com o rosto de Ernesto Guevara, baseada na foto de Alberto Korda de 1960, era nos anos 2000 e 2010 o uniforme não oficial de uma certa identidade política. Estava nos festivais, nas marchas, nas paredes dos quartos de universitários que haviam lido meia página do Manifesto e três capítulos de Naomi Klein.

¹⁴ Estimativa publicada pela revista Forbes em sua lista de líderes mais ricos do mundo, 2006. A cifra foi contestada pelo governo cubano e nunca auditada de forma independente.

O Che real era um personagem que a camiseta preferia não mostrar.

Era um homem que havia escrito em seu diário de viagem, sobre a população negra que encontrou na América do Sul: O negro indolente e sonhador gasta seu dinheirinho em qualquer frivolidade ou diversão, ao passo que o europeu tem uma tradição de trabalho e de economia.¹⁵ Era o herói antirracista da esquerda, escrevendo racismo cru num diário pessoal onde não havia razão para performance.

Foi o homem que criou o primeiro campo de trabalho forçado de Cuba em Guanahacabibes, em 1960, para onde eram enviados homossexuais, católicos, testemunhas de Jeová, sacerdotes afro-cubanos e qualquer pessoa que não se encaixasse no modelo do homem novo revolucionário.¹⁶ Nesses

¹⁵Ernesto Guevara, 'Diários de Motocicleta,' relato de viagem escrito entre 1951 e 1952.

¹⁶Lillian Guerra, 'Visions of Power in Cuba: Revolution, Redemption, and Resistance, 1959-1971,' University of North Carolina Press, 2012.

campos, a entrada tinha um aviso: O trabalho os fará homens. Os dirigentes cubanos haviam tomado a frase de Auschwitz, O trabalho liberta, e adaptado com a criatividade de quem aprendeu com os mestres errados.

Era um homem que havia dito, na tribuna da ONU em Nova York em 1964: Fuzilamentos? Sim, temos fuzilado. Fuzilamos e seguiremos fazendo isso enquanto for necessário.¹⁷

A esquerda que usava sua camiseta em marchas pelo direito LGBTQIA+ estava homenageando o homem que havia criado os únicos campos de concentração para homossexuais da América Latina. A ironia nunca foi suficientemente larga para ser vista.

¹⁷Discurso de Ernesto Guevara perante a Assembleia Geral das Nações Unidas, Nova York, 11 de dezembro de 1964.

A ruptura real não veio de um livro. Não veio de um dado. Veio de um grupo de WhatsApp.

O grupo se chamava *O Amor Venceu o Ódio*. Havia sido criado em novembro de 2022, quando Lula derrotou Bolsonaro no segundo turno por 1,8% dos votos válidos, por pessoas de Nova Friburgo que celebravam o resultado como a vitória do bem sobre o mal.

Eu estava no grupo. Ainda estava no grupo quando o 8 de janeiro de 2023 aconteceu.

Manifestantes bolsonaristas invadiram e depredaram as sedes dos três poderes em Brasília. Houve vandalismo real, imagens chocantes, dano ao patrimônio público que custou R\$ 20 milhões em reparos.¹⁸ O que se seguiu foi uma operação de

¹⁸Estimativa de danos divulgada pela Secretaria de Patrimônio da União e pelos órgãos responsáveis pelos prédios dos três poderes, janeiro de 2023.

enquadramento narrativo que transformou um ato de depredação, sem armas, sem organização militar documentada, sem articulação de golpe verificável, na maior ameaça à democracia brasileira desde a ditadura.

No grupo O Amor Venceu o Ódio, as mensagens celebravam as prisões. Não apenas as prisões dos organizadores. As prisões de idosos que haviam estado na manifestação. Pessoas de 60, 70 anos, presas em condições que a Defensoria Pública do DF descreveu como degradantes.¹⁹ E os membros do grupo celebravam. Emojis de palmas. Que apodreçam na cadeia. Sem anistia.

O MST havia depredado a Esplanada dos Três Poderes em outras ocasiões, em uma delas, pedindo a derrubada do presidente Michel Temer. Com

¹⁹Relatórios da Defensoria Pública do Distrito Federal sobre as condições de detenção dos presos em decorrência dos atos de 8 de janeiro de 2023.

tratores, com fogo, com violência explícita. Não havia grupo comemorando prisões de sem-terradidosos. Não havia STF instaurando inquéritos. Havia silêncio.

A assimetria era grande demais para ser ignorada com integridade.

Comecei a escrever no grupo. Perguntas inicialmente. Depois observações. Depois argumentos, quando as observações foram recebidas com hostilidade crescente.

Fui removido por uma das antigas amigas da Pastoral da Juventude. Sem aviso. Sem debate. Sem resposta às perguntas.

Simplesmente removido por fazer perguntas que incomodavam minhas convicções.

* * *

Eu estava no carro, numa tarde de terça-feira, estacionado perto da escola de inglês onde Maria Rosa e Teresa tinham aula. As meninas haviam pedido para ficar mais 20 minutos jogando basquete no pátio. Eu fiquei no carro, estacionado na porta da escola e estava com o celular na mão, rolando o feed com aquela atenção dispersa de quem não está procurando nada específico.

O vídeo apareceu sem aviso.

Charlie Kirk, fundador do Turning Point USA, ativista conservador americano que havia passado anos indo a universidades para debater com estudantes progressistas com o microfone aberto e as câmeras ligadas, que recusava o recurso ao cancelamento e insistia em responder argumentos com argumentos. Eu o havia acompanhado há meses pelo feed, com a atenção de quem está desconstruindo suas próprias certezas anteriores.

No vídeo, Kirk estava sendo entrevistado numa área aberta. Seus filhos estavam ao fundo.

Um tiro.

O projétil acertou a garganta. O sangue jorrou.

Fiquei parado olhando para a tela por um tempo que não consegui cronometrar. Kirk havia sido uma presença constante no meu feed há meses. Não era um amigo. Era alguém cuja voz havia se tornado familiar, cujo modo de argumentar havia ajudado a desmontar certezas que eu havia carregado por décadas. Era alguém que, num sentido que só faz sentido na era das redes sociais, eu conhecia.

Ver aquilo. Tudo acontecendo na frente dos filhos.

Ser pai de duas meninas ajuda a entender certas coisas com o corpo, não com a cabeça.

As lágrimas vieram.

Saí do carro para pegar as meninas no inglês transtornado. Quando cheguei em casa passei horas nas redes sociais, assistindo as reações e desdobramentos do caso. Esperando, talvez, a indignação que um assassinato político em democracia deveria gerar.

O que encontrei foi celebração.

Não nas margens. No centro. Perfis com centenas de milhares de seguidores. Pessoas com verificação azul. Intelectuais, jornalistas, ativistas. Comemorando. Emojis de festa. Piadas sobre calibre. As máscaras caíram. A celebração da morte de alguém que pensa diferente.

Naquele momento, algo que havia estado se formando por meses dentro de mim explodiu. Abri os stories do Instagram e escrevi:

"Não contrate esquerdistas. Não tenha amigos esquerdistas. Não se relacione com pessoas esquerdistas. Porque eles desejam a sua morte."

Era uma frase dura. Talvez dura demais para ser justa com todos. Mas havia nascido de um lugar real: da constatação de que as pessoas do grupo O Amor Venceu o Ódio eram as mesmas que comemoravam assassinatos políticos com emojis de festa.

Não era sobre política. Era sobre caráter. Eu vi as máscaras caindo, uma a uma.

Não fui o único a passar por isso.

Um vídeo que circulou nas redes depois da morte de Kirk, em particular me chamou a atenção: um americano descreveu o momento em que soube do assassinato. A primeira reação dele, sem hesitar, foi de celebração. Xingamento. Alívio. Ele estava no trabalho quando um colega chegou com o celular na

mão e perguntou se ele havia ouvido a notícia. Antes que o colega terminasse a frase, ele já respondia: *Ótimo, que se dane esse supremacista branco nazista de merda.*

E então o colega fez uma pergunta simples: *Você já assistiu a algum debate dele de verdade?*

Ele não havia assistido. Havia construído toda a sua opinião sobre um ser humano com base em vídeos curtos editados por seus opositores, curados por algoritmos e financiados pela oposição política. A pergunta irritou. *Mais uma pessoa que passou pela lavagem cerebral da extrema-direita*, pensou. Mas a frase continuou aparecendo, repetida por pessoas diferentes em espaços diferentes da internet, sempre a mesma: você já assistiu a algum debate dele de verdade?

Até que num sábado entediante, a curiosidade venceu. Clicou num vídeo aleatório do YouTube, aquele sorriso meio torto de Kirk na thumbnail, esperando confirmar o que já sabia.

Não confirmou.

Naquele mesmo dia, à tarde, ligou para o pai. Um homem que sempre o havia amado e apoiado incondicionalmente, com quem havia cortado relações por divergência política, por anos. A voz do pai do outro lado. O silêncio antes de qualquer palavra.

No vídeo em que ele gravou narrando a situação, nesse momento, esse esquerdista (ou ex-esquerdista) chora.

Ele agradece a Kirk por isso. Não pela política. Pela pergunta que Kirk sem saber havia colocado em circulação. Você está julgando o que investigou, ou

o que te mandaram julgar? É a pergunta mais honesta que existe. E é a que eu também precisei responder.

* * *

Havia um homem que eu conhecia da época do Instituto Pindorama. Vou chamá-lo de Renato, porque esse não é o nome dele e o nome real não importa para o que precisa ser dito.

Renato tinha 42 anos e a convicção de um adolescente que descobriu Marx aos dezoito e nunca atualizou o software. Tinha um apartamento que os pais haviam comprado num bairro de classe média de Florianópolis, um iPhone de última geração que os pais pagavam, e uma teoria cada vez mais elaborada sobre por que nada era culpa sua mas culpa do sistema. Fumava maconha com a regularidade de um sacramento matutino. Usava a

palavra capitalismo e facista onde outras pessoas usam palavrões: como descarga emocional reflexa quando algo o desagradava.

Eu o encontrei por acaso numa tarde num café do centro da cidade. Um daqueles encontros que acontecem quando você ainda tem contatos antigos no celular e as cidades ficam menores do que deveriam.

Sentamos. Pedimos café. Trocamos as novidades superficiais de quem se perdeu de vista há tempo e que já não tinham mais nada em comum. Nada.

Então Renato mencionou o 8 de janeiro.

"Aqueles fascistas mereciam muito mais do que ficar presos," ele disse, com a convicção de quem repete uma frase ouvida em muitos lugares. "A polícia devia ter atirado."

Pousei a xícara.

"Eram manifestantes desarmados," eu disse, com a calma de quem passou por essa conversa muitas vezes na própria cabeça. "Depredaram prédios públicos. Isso tem consequências legais. Mas devia ter atirado é uma frase que você não conseguiria repetir se o MST tivesse feito o mesmo."

"O MST luta pela reforma agrária."

"O MST incendiou máquinas agrícolas, bloqueou estradas federais, invadiu propriedades com documentação regularizada. Com mais violência física do que o que aconteceu em 8 de janeiro. Inclusive na Esplanada dos 3 poderes pedindo a queda do presidente Michel Temer. Onde estava sua indignação democrática?"

Renato ficou vermelho. O vermelho específico de quem não está acostumado a encontrar resistência

argumentativa numa pessoa que, na narrativa que carrega, deveria concordar com seus vieses.

"Você virou bolsonarista."

"Não virei nada. Estou usando o mesmo critério para avaliar eventos diferentes. Isso se chama consistência."

"Consistência é desculpa pra defender fascismo."

"Fascismo é uma palavra que você usa quando você não tem argumento."

A conversa subiu de tom com aquela velocidade que as conversas sobem quando uma das partes percebe que está perdendo o terreno das ideias e resolve mudar para o terreno das emoções.

Renato se levantou. Apontou o dedo.

"Você foi cooptado pelo sistema. Ficou rico e esqueceu de onde veio e das causas que apoiava."

"Eu vim do mesmo lugar que você. E fiz escolhas diferentes."

"Suas escolhas são uma merda."

"Suas escolhas incluem ser sustentado pelos pais aos 42 anos e chamar isso de resistência ao capitalismo."

Foi aí que Renato perdeu o que havia de argumento.

O soco veio aberto, mais um empurrão violento do que um golpe propriamente dito, mas com força suficiente para me fazer recuar um passo e derrubar a xícara que estava sobre a mesa. O barista olhou. Dois clientes olharam.

Não revidei.

Fiquei parado, olhando para o homem que havia sido, de alguma forma, um espelho do que eu mesmo poderia ter me tornado se certas conversas não tivessem acontecido, certos dados não tivessem

sido encontrados, certas lágrimas não tivessem vindo num carro parado esperando duas meninas terminarem de jogar basquete no dia que Kirk morreu.

"Obrigado," eu disse, com uma calma que me surpreendeu.

"Pelo quê?"

"Por me lembrar do que estou deixando pra trás."

Saí. Paguei o café na saída.

Do lado de fora, aquele ar de Florianópolis, salino e limpo, e a ironia que não tinha graça mas precisava ser reconhecida: o homem que havia passado décadas sendo ensinado que a violência era linguagem do opressor havia acabado de apanhar de alguém que acreditava sinceramente estar combatendo a violência e movimentos anti-democráticos.

A esquerda de 2025 havia se tornado aquilo que sempre dizia combater.

O antissemitismo que havia abrigado sob o vocabulário do antissionismo encontrou sua expressão mais clara no 7 de outubro de 2023, quando o Hamas assassinou, torturou e sequestrou mais de 1.200 civis israelenses, incluindo crianças e idosos.²⁰ A reação de setores significativos da esquerda ocidental não foi horror. Foi contextualização. Foi a busca urgente por explicações históricas que justificassem o injustificável. Foi a apoio a grupos terroristas sob argumento de resistência à ocupação. Ninguém procurou saber porque o Egito e outros países islâmicos deram às costas para os Palestinos e

²⁰Dados compilados por fontes como o Times of Israel e autoridades israelenses sobre as vítimas do ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023.

construíram muros para mantê-los longe de suas fronteiras.

Havia uma conexão histórica que poucos mencionavam.

Martinho Lutero havia escrito em 1543 um tratado chamado *Dos Judeus e Suas Mentiras*, em que defendia a queima das sinagogas, a confiscação dos bens judaicos, a expulsão dos judeus das cidades europeias.²¹ O próprio Hitler havia citado Lutero no *Mein Kampf* como uma das três maiores figuras da história alemã. Julius Streicher, editor do jornal nazista *Der Stürmer*, declarou em sua defesa no Tribunal de Nuremberg: Nunca disse nada sobre os judeus que Martinho Lutero não tivesse dito quatrocentos anos antes.²²

²¹ Martinho Lutero, 'Von den Juden und ihren Lügen' (*Dos Judeus e Suas Mentiras*), 1543.

²² Depoimento de Julius Streicher no Tribunal Militar Internacional de Nuremberg, 1946.

A Reforma Protestante havia partido da Igreja Católica e produzido, entre outras coisas, o antissemitismo teológico mais virulento da história europeia. E a esquerda do século XXI havia ressuscitado esse antissemitismo com nova embalagem, trocando a teologia pela geopolítica, mantendo a lógica essencial.

O nazismo era de esquerda na sua estrutura econômica. O National-Sozialismus controlava os meios de produção, centralizava a economia, mobilizava o Estado para fins ideológicos. Diferia do socialismo soviético na identidade do inimigo de classe: para Marx era o burguês, para Hitler era o judeu. A estrutura de pensamento, a divisão do mundo entre opressores e oprimidos, entre o povo puro e o inimigo que o corrói, era a mesma.²³

²³Erik von Kuehnelt-Leddihn, 'Leftism: From de Sade and Marx to Hitler and Marcuse,' Arlington House, 1974, desenvolve a tese das raízes comuns entre os totalitarismos do século XX.

O movimento identitário havia produzido uma língua nova. Amigues. Todes. Pronomes impostos não como opção mas como obrigação moral, com a sanção do cancelamento para quem não adotasse. Controle a língua e você controla o pensamento.

George Orwell havia descrito esse mecanismo em 1984 com o conceito de Novilíngua. A ironia era que os herdeiros de Orwell, a esquerda que havia celebrado A Revolução dos Bichos como crítica ao estalinismo, estavam construindo a Novilíngua em tempo real e chamando de progresso.²⁴

Podemos encontrar a raiz disto tudo no Renascimento, que resgatou a filosofia clássica pagã e enalteceu o gênio humano individual, com figuras como Da Vinci, Maquiavel, Pico della Mirandola, abrindo uma fresta pelo qual entrou algo que não

²⁴George Orwell, '1984,' Secker & Warburg, 1949. O conceito de Novilíngua (Newspeak) é desenvolvido no apêndice da obra.

estava no convite: o ocultismo, o hermetismo, a crença de que o homem iluminado pode acessar verdades superiores por conta própria, sem revelação, sem Igreja, sem graça. O que era redescoberta cultural virou moda esotérica, com práticas pagãs, mistérios iniciáticos e a figura do sábio iluminado como substituto do santo.

Desse caldeirão saiu o Iluminismo francês. E do Iluminismo francês saiu Rousseau, com a premissa de que o homem é naturalmente bom e que são as instituições, a propriedade, a Igreja, a família, que o corrompem. Remove as correntes, e a humanidade floresce.

A Revolução Americana bebeu de outra fonte. A Bíblia. A visão calvinista de que o homem é falível, que o poder corrompe, que nenhuma instituição humana pode ser confiada sem contrapeso. Daí vieram a separação de poderes, os freios e

contrapesos, a ambição contendo a ambição, Madison aprendendo de John Witherspoon. Uma arquitetura política construída sobre o pecado original como dado político, não como dogma abstrato.

A Revolução Francesa, a Russa e a Chinesa beberam de Rousseau. São revoluções utópicas: removam as correntes e seremos livres. O problema é que entre o real e o ideal sempre existe um abismo. E a única ferramenta que o utopista tem para fechar esse abismo é a força e violência, como as praticadas por Che, Fidel, Hitler, Stalin e tantos outros. . Por isso revoluções utópicas são assassinas. Não por acidente. Por lógica interna.

* * *

Havia um filme que eu havia assistido numa tarde, sozinho, que funcionou como metáfora involuntária de tudo isso.

O Poço era um filme espanhol de ficção científica sobre uma prisão vertical com centenas de andares. No andar de cima, uma mesa farta, um banquete preparado com cuidado. A comida descia num elevador, passando por cada andar. Os presos do andar de cima comiam o quanto queriam e passavam o resto adiante. Os dos andares intermediários comiam o que sobrava. Os dos andares de baixo recebiam o que havia sido cuspidos, remexidos, vandalizados pelos que vieram antes.

Cada dia, os presos acordavam num andar diferente. Aleatório. Quem estava embaixo podia estar em cima amanhã. E a primeira coisa que faziam, quando estavam em cima, era comer o máximo possível,

guardar o que conseguiam, e não pensar nos de baixo.

O filme termina quando um personagem decide impor justiça à força. Percorre os andares, mata quem resiste, tenta forçar que cada nível consuma apenas sua cota, para que a comida chegue ao fundo. A ideia é boa. A execução é assassinato.

Era o socialismo em metáfora perfeita. A intenção de distribuição justa. A realidade de que quem tem o poder de distribuir tem o poder de ficar com mais. E a violência como ferramenta de implementação da utopia, porque utopias nunca chegam voluntariamente.

* * *

A China sempre foi o argumento final. Sempre usada como exemplo do socialismo que deu certo.

Quando Deng Xiaoping assumiu o poder em 1978, a China tinha uma renda per capita equivalente à da Índia. Havia sobrevivido ao Grande Salto Adiante de Mao, que havia matado entre 15 e 55 milhões de pessoas de fome entre 1959 e 1961, e à Revolução Cultural, que havia destruído as universidades e a inteligência técnica do país.

O que Deng fez não foi mais socialismo. Foi menos. Abriu zonas econômicas especiais onde o mercado funcionava. Permitiu propriedade privada em certas áreas. Introduziu incentivos de produção.

Em quarenta anos, a China tirou 800 milhões de pessoas da pobreza extrema. A maior redução de pobreza da história humana num período de tempo sem precedente.

Não foi o socialismo que fez isso. Foi a introdução seletiva do capitalismo num país socialista.

Quando esse argumento falha, vem o segundo. A Escandinávia. Suécia, Noruega, Dinamarca, o socialismo que funciona, o modelo que o Brasil deveria copiar.

Há um problema. Os países escandinavos não são socialistas. Nunca foram.

O primeiro-ministro dinamarquês Lars Løkke Rasmussen foi obrigado a dizer isso publicamente em Harvard em 2015, depois que Bernie Sanders passou a citar a Dinamarca como modelo socialista: a Dinamarca é uma economia de mercado. Temos propriedade privada, temos empresas privadas, temos livre comércio. O que temos também é um Estado de bem-estar social robusto, financiado por uma carga tributária muito alta sobre uma base econômica muito produtiva.

Suécia e Noruega tentaram o socialismo de verdade nas décadas de 1970 e 1980, com controle estatal de empresas, regulação pesada e taxaçoão confiscatória. O resultado foi estagnação, fuga de capitais e crises econômicas. Nos anos 1990 ambos fizeram reformas radicais de liberalização, privatizações, corte de impostos sobre empresas e abertura ao mercado. O modelo escandinavo que a esquerda cita como socialismo é o resultado dessas reformas liberais, não apesar delas.

É livre mercado com rede de proteção social. Não é socialismo. É exatamente o que eu defendo, e é o oposto do que quem cita a Escandinávia como argumento pelo socialismo pensa que está defendendo.

* * *

Thaís ouviu tudo isso ao longo de semanas, meses, num acúmulo de conversas de jantar, de noite no sofá, de manhã antes das meninas acordarem.

"A esquerda vive numa eterna adolescência," ela disse numa tarde.

A adolescência é o período em que o mundo é simples. Há os bons e os maus. Há a causa e há o inimigo da causa. A identidade se define pela oposição. Trabalhar dentro do sistema é traição. Ter sucesso econômico é colaboração.

A maturidade é o momento em que você percebe que o mundo é complicado, que as soluções têm custos, que a liberdade e a responsabilidade chegam juntas e que nenhuma delas pode ser terceirizada para o Estado sem consequência.

"O socialismo de iPhone," eu disse à ela noutra tarde, e eu achei que era a melhor síntese que havia ouvido.

O militante que usa um dispositivo fabricado por uma corporação americana, rodando um sistema operacional criado por outra corporação americana, conectado a uma rede global construída pelo mercado livre, para postar sobre a necessidade de destruir o mercado livre.

A ironia não era invisível. Era escolhida. Porque a adolescência tem esse privilégio: a inconsistência nunca precisar ser resolvida, porque sempre há um inimigo mais urgente para combater.

* * *

Eu estava no escritório, numa manhã comum, quando Thaís apareceu na porta com duas canecas.

Ficamos em silêncio por um momento.

"Você está bem?" ela perguntou.

"Estou pensando."

"No quê?"

"Em quanto tempo eu acreditei em coisas que eram erradas." Uma pausa. "E em como é possível ser uma pessoa boa e estar completamente errada."

"A maioria das pessoas que acredita em coisas erradas acredita de boa-fé," ela disse. "O problema não é a fé. É o que você faz quando as evidências mudam."

"A esquerda não muda quando as evidências mudam."

"Nenhuma ideologia muda facilmente. É por isso que se chama ideologia e não ciência."

Olhei para ela.

"Você é muito mais inteligente do que deixa transparecer."

"Não sei se você se lembra, mas além de arquiteta, sou cientista social. Duas federais. Eu deixo transparecer exatamente o suficiente." Ela tomou um gole. "E não confunda inteligência com ter chegado antes. Eu também acreditei em muita coisa errada. Ainda acredito em algumas, provavelmente."

"Quais?"

"Se eu soubesse, já teria parado."

O smartwatch vibrou. 30 minutos para a próxima consultoria da Okegen.

O Nilson de 2015 havia construído aquele sítio acreditando que estava lutando contra o sistema e que a esquerda estava do lado certo. Acreditando que o sistema proposto pela esquerda era a melhor

alternativa. Os dados e fatos históricos contam outra história.

O Nilson de 2025 não acredita que o capitalismo é um sistema perfeito. Mas é melhor que ter uma casta política enriquecendo às custas do povo, como um capitalismo disfarçado de justiça social com hierarquia, autoritarismo e juízes comprados.

CAPÍTULO 7

O Homem que Aprendeu a Plantar e Depois Aprendeu a Investir

*(ou: Como John Bogle Destruiu Minha Ideologia em 300
Páginas)*

Era março de 2020 e eu estava num avião voltando de Uberlândia.

Tinha ido palestrar. Levei exemplares do meu livro *Permacultura para Organizações e Casas Ecológicas* com a seriedade de quem carrega uma obra que importa. Havia passado dois dias no acampamento *Fidel Castro* do MTST, um nome que a esquerda escolhe com aquela falta de ironia que é, ela mesma, um dado diagnóstico sobre o estado da ironia na esquerda. Havia ensinado bioconstrução para pessoas que queriam mudar o mundo com adobe e bambu, homenageando um ditador assassino que

tinha cumulado milhões numa conta em paraísos fiscais.

No aeroporto, algumas pessoas usavam máscaras. Achei estranho. Voltei para Nova Friburgo. Nos dias seguintes, o mundo fechou.

* * *

O Instituto Pindorama havia construído ao longo de quinze anos uma operação que dependia de corpos presentes. Pessoas chegando de ônibus e avião de todo o Brasil e de outros países, carregando mochilas, dormindo em quartos compartilhados no sítio, acordando cedo para praticar Yoga e as técnicas de bioconstrução na lama das primeiras horas da manhã. Era uma pedagogia encarnada no sentido literal: aprendia-se com o corpo, não com a tela. A tela era o inimigo, aquele vetor de dispersão

que eu havia denunciado em rodas de conversa com chá de erva-cidreira.

E de repente não havia corpos. Havia lockdown. Havia um restaurante que havia acabado de fechar com todas as suas dívidas abertas. Havia um caixa diminuindo com a regularidade brutal das coisas que diminuem sem pedir licença.

Naquele momento de crise, fiz o que os empreendedores fazem quando o modelo colapsa: voltei para o que havia funcionado antes.

* * *

Em 2016, num momento que a amnésia havia apagado mas que os resultados confirmavam, eu havia lançado algo maior do que qualquer curso presencial. Um curso chamado Gestão de Empreendimentos Sustentáveis, construído em

torno de uma pergunta simples e eficaz: Você tem um sítio abandonado?

O anúncio era uma imagem estática: uma menina loira segurando uma cenoura, com o texto Você tem um sítio abandonado? Transforme ele num centro holístico, estação de visitas ecopedagógicas, granja orgânica, ecovila. O custo por lead no Facebook era de R\$ 0,40. Usei o limite disponível do cartão de crédito: R\$ 40.000 em anúncio. Apliquei a fórmula de lançamento do Érico Rocha com a seriedade de quem aplica uma receita testada.

O resultado foi R\$ 1 milhão em vendas num único lançamento.

Uma menina. Uma cenoura. Um anúncio estático. R\$ 1 milhão.

Nos anos seguintes, o Pindorama investiu mais de R\$ 5 milhões em anúncios. Chegamos a 15.000

alunos. Havia se tornado, sem planejamento exato assim, a maior escola de permacultura e sustentabilidade da América Latina. E então o dinheiro começou a acabar com a mesma regularidade brutal com que havia chegado: festivais que custavam mais do que geravam, o SÍLABAS, o Simpósio Latino-Americano de Bioarquitetura e Sustentabilidade, que era bonito e importante e não pagava as contas, o escritório físico numa casa grande no centro de Nova Friburgo que havia se tornado também o restaurante, que se tornou um problema, já narrado no Capítulo 3.

E então a pandemia.

* * *

No lockdown de 2020, disponibilizei aulas do curso de 2016 gratuitamente. As pessoas estavam em casa com tempo. O conteúdo sobre sítios e

autossuficiência encontrou um público inesperadamente grande: pessoas que haviam passado a vida inteira em apartamento e que estavam, pela primeira vez, pensando em ter um quintal produtivo.

Depois mandei um email para a lista. Um único email. Para as pessoas que haviam comprado alguma coisa nos anos anteriores e que ainda estavam ali, esquecidas num banco de dados.

Aquele lançamento, que eu descobriria que se chama *lançamento espartano*, vendeu R\$ 500.000, com um email e conteúdo que já existia.

A luz no fim do túnel não era metáfora. Era caixa real, suficiente para respirar. O próximo passo foi montar um site em PHP, porque eu havia sido analista de sistemas na IBM aos 23 anos tocando o contrato da American Express, e sabia programar.

Em 2021 veio o curso de Casas Ecológicas, filmado com drone em 4K, mostrando a construção de três casas com técnicas variadas de permacultura e bioconstrução.

Era um bom produto. Era também, embora eu não soubesse ainda, um dos últimos grandes produtos do ciclo Pindorama.

* * *

Em 2003, quando entrei na IBM como gerente de projetos mais jovem da equipe, comecei a investir.

Estudei nos fóruns de internet da época. Comprei livros do Bastter sobre lançamento de opções. Fiz cursos de análise gráfica com Fernando Góes. Fiz swing trade. Lancei opções a seco, que é uma estratégia que funciona da mesma forma que apostar dinheiro que não existe num cassino que não avisa quando vai fechar.

Perdi dinheiro.

Suficiente para aprender que saber programar e saber investir são habilidades completamente diferentes, e que a segunda não vem incluída na primeira.

Depois veio o Instituto Pindorama. Veio a convicção de que o sistema financeiro era uma construção do capitalismo para perpetuar a exploração. Veio a certeza de que o colapso estava chegando e que era melhor ter batata-doce do que ETF, qualquer que fosse a definição de ETF, que eu não fazia questão de descobrir.

Em 2022, com caixa acumulado do Pindorama, voltei.

* * *

Thaís estava na cozinha quando cheguei com o livro.

"John Bogle," eu disse, colocando o volume sobre a bancada de quartzo com o cuidado de quem apresenta uma pessoa importante.

Ela olhou para a capa. Olhou para mim. Voltou para o que estava fazendo.

"É sobre investimentos?"

"É sobre por que quase todo mundo que tenta bater o mercado perde para o mercado."

"Incluindo você?"

"Especialmente eu."

Ela pegou o livro, leu o subtítulo, devolveu.

"Você vai me explicar isso em algum momento ou vai só andar pela casa com cara de iluminado?"

"Posso explicar agora."

"Estou fazendo o jantar."

"É rápido."

Ela suspirou com aquela resignação carinhosa de quem aprendeu que certas batalhas não valem a energia.

"Dois minutos."

Sentei no banco da cozinha com a postura de quem está prestes a revelar algo importante.

"Imagina que você tem uma fazenda. Só uma. Aqui no Brasil. E a cada dez anos, essa fazenda passa por uma seca, ou uma geada, ou uma enchente. Você perde parte da produção. Às vezes perde tudo."

"Continua."

"Agora imagina que você compra uma segunda fazenda. Em outro país, em outro clima, em outra economia, receita em outra moeda. Quando o Brasil tiver seca, a segunda fazenda pode estar com

colheita abundante. As perdas de uma compensam os ganhos da outra."

"Isso é diversificação."

"Diversificação geográfica. E quase nenhum brasileiro faz isso com o dinheiro. Todo mundo investe no Brasil: Tesouro Direto, CDB, ações brasileiras. E quando o Brasil tem uma crise, e o Brasil tem crises com uma regularidade que deveria assustar mais, todo mundo perde junto."

"E o John Bogle ensina como fazer isso?"

"Bogle ensina algo mais fundamental. Por que você não deveria tentar ser mais esperto do que o mercado."

"Mas você não passa o tempo todo tentando ser mais esperto do que o mercado?"

Pausa.

"Eu passei. Agora ensino as pessoas a não fazer o que eu fiz."

Ela virou com uma expressão que era simultaneamente irônica e genuinamente curiosa.

"Isso é muito honesto da sua parte."

"É o meu diferencial competitivo."

* * *

John Bogle fundou a Vanguard em 1975 com uma ideia que o mercado financeiro achou, durante anos, completamente idiota.

A ideia era simples: em vez de tentar escolher as ações que vão subir mais, compre todas. Compre o índice inteiro. Se o mercado sobe, você sobe. Se cai, você cai. Mas ao longo do tempo suficientemente longo, o mercado global sempre subiu.

O problema para a indústria financeira era que essa ideia eliminava a necessidade de gestores ativos. Eliminava as taxas de administração altas. Eliminava o argumento de que você precisava de um especialista escolhendo suas ações por você, cobrando 2% ao ano pelo privilégio.

Os dados eram devastadores. Em qualquer período de dez anos ou mais, menos de 10% dos fundos de gestão ativa conseguiam bater o desempenho do índice.²⁵ Em 20 anos, o número caía mais. Em 30 anos, era estatisticamente irrelevante.

Traduzindo: 90% dos gestores que cobram caro para escolher ações por você teriam te dado um resultado pior do que um fundo de índice barato que simplesmente compra tudo.

²⁵SPIVA (S&P Indices Versus Active) Scorecard, relatório anual da S&P Dow Jones Indices que compara o desempenho de fundos de gestão ativa com seus respectivos benchmarks.

"Espera," eu disse em voz alta, sozinho no escritório, para ninguém. "Eu fiz tudo errado."

Era uma frase que eu havia dito muitas vezes na vida. Sobre dieta. Sobre política. Sobre espiritualidade. Havia um padrão ali que eu estava aprendendo a reconhecer.

* * *

O vídeo havia sido filmado sem grande planejamento.

Uma fintech havia entrado em contato. Tinham um aplicativo agregador de portfólio, queriam vídeos de demonstração com micro-influenciadores. Eu tinha 12.000 seguidores. Era suficiente para eles.

Fiz o vídeo. Mostrei o aplicativo, mostrei a carteira que havia montado, mencionei que havia construído aquela carteira pensando na Maria Rosa, que Thaís

estava grávida na época, que aquele era o investimento que eu queria que a filha tivesse quando crescesse.

O vídeo teve 8 milhões de visualizações.

Da noite para o dia, o perfil passou de 12.000 para mais de 100.000 seguidores.

Thaís ficou sabendo enquanto amamentava Maria Rosa.

"Você ficou famoso."

"Parece que sim."

"Por causa de um vídeo sobre investimentos."

"E sobre a Maria Rosa."

"Ela vai cobrar royalties quando crescer."

Dali nasceu o nome Família Investidora. A ideia de que investir não é coisa de especialista isolado numa

tela cheia de gráficos. É uma decisão familiar, com horizonte de gerações.

* * *

Eugene Fama havia provado matematicamente, com trabalho que lhe rendeu o Nobel de Economia em 2013, que os mercados são eficientes: toda informação disponível já está precificada nos ativos.²⁶ Kenneth French havia colaborado com Fama para identificar os fatores que realmente explicam o retorno dos ativos ao longo do tempo: mercado, tamanho e valor. Não o talento do gestor. Não o timing. Não a intuição.²⁷

David Booth havia transformado essas ideias em produtos concretos, fundando a Dimensional Fund

²⁶Eugene F. Fama, 'Efficient Capital Markets: A Review of Theory and Empirical Work,' *Journal of Finance*, 1970. Fama recebeu o Prêmio Nobel de Economia em 2013.

²⁷Eugene F. Fama e Kenneth R. French, 'The Cross-Section of Expected Stock Returns,' *Journal of Finance*, 1992, que estabelece o modelo de três fatores.

Advisors, que aplicava a pesquisa acadêmica em fundos reais.

Aqui estava uma cadeia inteira de pessoas que haviam aplicado rigor científico ao problema dos investimentos e chegado à mesma conclusão que Bogle havia chegado por outro caminho: diversificação ampla, custos baixos, horizonte longo.

Encontrei tudo isso ao mesmo tempo quando encontrei o Otávio Paranhos.

Otávio era o tipo de sócio que você encontra quando está procurando resposta para uma pergunta que ainda não sabe formular. Analista certificado CNPI, estudioso dos mesmos autores, com a capacidade específica de transformar teoria financeira árida em linguagem que pessoas normais conseguem usar e aplicar.

Tornei-me aluno do Otávio. Depois, com o tempo e a confiança que só o tempo e os resultados constroem, sócio.

A Okegen nasceu dessa parceria.

* * *

Num rooftop alugado em Florianópolis, organizamos um coquetel.

20 pessoas. Não clientes da Okegen, não alunos do Família Investidora. Pessoas da ilha com poder aquisitivo real e patrimônio que precisava de atenção profissional. A organizadora era uma mãe da escola Waldorf das meninas que coordenava grupos de esportes de neve na região, que conhecia o tipo de família que tem segunda casa em Garopaba e esqui em Bariloche e que, curiosamente, não sabe onde está o dinheiro que não está nessas propriedades.

Cheguei com slides simples e a fazenda como metáfora de abertura.

"Quem aqui tem algum investimento fora do Brasil?"

Três mãos. Das 20 pessoas.

"Quem aqui tem mais de 80% do patrimônio investido no Brasil?"

Dezesseis mãos.

"Então a maioria de vocês tem uma única fazenda. Num país que já desvalorizou a moeda em mais de 83% nas últimas três décadas. Num país com maior juros real do mundo, num país cuja bolsa de valores, medida em dólares, rendeu menos do que a caderneta de poupança americana nos últimos 20 anos."

Silêncio.

"Não estou dizendo que o Brasil é um país ruim para investir. Estou dizendo que concentrar 100% do patrimônio num único país é o equivalente financeiro de colocar todos os ovos numa cesta. E a cesta brasileira, com todo o respeito e carinho que tenho por este país, tem um histórico documentado de deixar cair."

Uma das mulheres levantou a mão.

"Mas como a gente investe fora? Isso não é complicado?"

"Era. Não é mais."

* * *

Mas antes de chegar no acesso, expliquei para aquelas 20 pessoas a diferença entre três modelos que quase ninguém conhece e que definem quanto do seu dinheiro chega de volta a você.

No modelo commission-based, o assessor ganha comissão por cada produto que coloca na sua carteira. Ele finge que trabalha de graça para você, enquanto é pago pela indústria que fabrica os produtos. Isso significa que o incentivo dele não é te dar o melhor produto, é te dar o produto que paga a melhor comissão. São coisas diferentes, e às vezes opostas. Um modelo que possui muito conflito de interesses.

No modelo fee-based, você paga uma taxa fixa sobre o patrimônio sob gestão, e o assessor não recebe comissão de produto nenhum. O incentivo dele passa a ser um só: fazer o seu patrimônio crescer, porque a remuneração dele cresce junto. É o modelo da Okegen.

No modelo service-based, você paga por consultoria pontual, como pagaria a um advogado ou a um

arquiteto, e executa as decisões por conta própria. Também trabalhamos assim.

"Vocês têm o direito," eu disse, "de pedir ao assessor de vocês o extrato completo de comissões, taxas de intermediação, spreads e rebates que ele recebeu sobre a carteira de vocês. É um direito previsto nas normativas da CVM. Peçam. E reparem na cara que ele faz quando vocês pedirem."

* * *

O que aconteceu depois foi a melhor propaganda que a Okegen já teve, e eu não precisei pagar por ela.

Algumas daquelas pessoas pediram o extrato aos seus assessores nas semanas seguintes. O direito existe: as Resoluções CVM 175, 178 e 179 obrigam

a divulgação de comissões, taxas de intermediação e rebates ao investidor que solicita.²⁸

E ficaram assustadas com o que viram. Alguns pagavam, sem saber, mais de 2% ou 3% ao ano em comissões, spreads e taxas embutidas que nunca haviam aparecido em lugar nenhum de forma clara. Dinheiro saindo da carteira todo ano, em silêncio, para remunerar um assessor cujo trabalho elas achavam que era gratuito.

Algumas dessas pessoas nos procuraram para fazer a gestão no modelo da Okegen, conectando as contas das corretoras à nossa consultoria. E nesse movimento havia três coisas ao mesmo tempo: ficava implícito o que a gente fazia, ficava registrada a denúncia do descumprimento das normas de

²⁸Resoluções CVM 17, 178 e 179, que disciplinam a atividade de assessores e consultores de valores mobiliários e estabelecem deveres de transparência quanto a remunerações, comissões e potenciais conflitos de interesse.

transparência, e ficava feita a propaganda. Tudo na mesma conversa.

A melhor venda é aquela em que você não vende nada. Só mostra ao cliente um número que ele tinha o direito de ver desde sempre e que ninguém havia mostrado.

* * *

Durante décadas, investir no exterior requeria conta em banco estrangeiro, valores mínimos altos, burocracia que só os muito ricos tinham paciência e advogados para navegar. Depois vieram as corretoras internacionais para brasileiros, plataformas que permitiam comprar frações de ETFs americanos com valores a partir de poucos dólares.

ETF é uma sigla para Exchange-Traded Fund, fundo negociado em bolsa. É, na prática, uma cesta

de ativos que você compra como se fosse uma única ação. Quando você compra uma cota de um ETF que replica o S&P 500, está comprando indiretamente uma fração de 500 das maiores empresas americanas, Apple, Microsoft, Amazon, Google, Berkshire Hathaway, numa única transação, com uma única taxa geralmente abaixo de 0,1% ao ano.

Compare com os 2% ao ano que os fundos de gestão ativa brasileiros costumam cobrar, mais taxa de performance quando o fundo bate o benchmark, mais imposto sobre rendimentos, e você começa a entender por que a matemática dos ETFs é devastadora para a indústria tradicional.

Thaís havia ouvido a explicação dos ETFs duas vezes antes de fazer a pergunta que revelava que havia entendido de verdade.

"Então o Bogle basicamente destruiu o argumento que embasa a existência de metade do mercado financeiro."

"Destruiu com dados. Que é a única destruição que realmente conta."

"E as pessoas continuam pagando gestores ativos mesmo assim."

"As pessoas continuam fumando mesmo sabendo que o cigarro mata. A informação disponível e o comportamento humano são coisas que se encontram raramente."

"Isso é um pouco deprimente."

"É por isso que existe a Okegen."

* * *

A base neutra global era o conceito que amarrava tudo.

Sua carteira de investimentos deveria refletir, aproximadamente, o peso de cada economia ou pelo PIB mundial ou pelo tamanho das empresas. Os Estados Unidos representam cerca de 60% do mercado de capitais global. A Europa, cerca de 20%. Os mercados emergentes, incluindo o Brasil, representam o restante.²⁹

O Brasil, nessa equação, representa menos de 1% do mercado global de capitais. Ter 80-90% do patrimônio investido em ativos brasileiros não é patriotismo. É concentração de risco disfarçada de lealdade nacional.

"Você está me dizendo que investir tudo no Brasil é burrice," disse Thaís, com a direteza carioca que eu havia aprendido a amar precisamente porque não pedia licença.

²⁹Dados de capitalização de mercado global compilados pelo índice MSCI ACWI (All Country World Index), que pondera os mercados por sua representatividade no mercado de capitais mundial.

"Estou dizendo que é sub-ótimo dado o que sabemos sobre diversificação e risco."

"Mesma coisa."

"Aceito."

* * *

A consagração de tudo aquilo, se é que houve uma, veio de um email.

Eu havia passado meses estudando os ETFs domiciliados na Europa, os chamados UCITS, sigla em inglês para Organismos de Investimento Coletivo em Valores Mobiliários Transferíveis, que é o nome burocrático para uma categoria de fundos regulada pela União Europeia e listada principalmente na Irlanda e em Luxemburgo. O nome é feio. A vantagem para o investidor brasileiro é enorme.

Os ETFs americanos, os que a maioria dos brasileiros compra sem saber, têm dois problemas escondidos. O primeiro é o imposto sobre herança: ativos americanos acima de US\$ 60 mil ficam sujeitos ao estate tax dos Estados Unidos, que pode chegar a 40% do valor, cobrado dos herdeiros de um investidor estrangeiro que morre com uma carteira nos Estados Unidos. O segundo é o imposto sobre dividendos, retido na fonte a 30%. Os UCITS domiciliados na Irlanda contornam os dois: não expõem o investidor ao imposto sobre herança americano e, graças ao tratado tributário entre Irlanda e Estados Unidos, reduzem a retenção sobre dividendos de 30% para 15%.³⁰

³⁰ Os fundos UCITS (Undertakings for Collective Investment in Transferable Securities) são regulados pela União Europeia e domiciliados majoritariamente na Irlanda e em Luxemburgo. Para investidores não residentes nos Estados Unidos, os ETFs domiciliados na Irlanda oferecem vantagens fiscais relevantes: ausência de exposição ao imposto sobre herança norte-americano (estate tax) e redução da retenção na fonte sobre dividendos de origem americana, de 30% para 15%, por força do tratado tributário entre Irlanda e Estados Unidos.

Além disso, os UCITS oferecem as classes acumulativas, que reinvestem os dividendos automaticamente dentro do próprio fundo, sem passar pela mão do investidor e sem gerar o evento tributável a cada distribuição. Para quem investe pensando em horizonte de décadas, e era exatamente disso que a Família Investidora tratava, isso significa juros compostos trabalhando sem atrito.

Montei uma curadoria. Estudei os índices, os custos, os volumes de negociação, as gestoras, os domicílios fiscais. Listei os UCITS ETFs que considerava os melhores para o investidor brasileiro de longo prazo, os que replicavam o mercado global com taxa baixa e estrutura tributária inteligente, e enviei a lista, com a fundamentação de cada escolha, por email para uma das maiores corretoras do país.

Não era cliente influente. Não era acionista. Era um sujeito que havia estudado o assunto a fundo e que havia formado uma audiência grande o suficiente para que o email fosse lido.

Algumas semanas depois, a corretora incluiu na plataforma os UCITS ETFs que eu havia listado.

Fiquei olhando para a tela quando soube. Havia ali, naquele fato pequeno e técnico, um símbolo que não passou despercebido para mim.

O Nilson de 2015 considerava o sistema financeiro uma máquina de exploração projetada para esmagar os pequenos em benefício dos grandes. O Nilson de 2025 havia acabado de fazer uma das maiores corretoras do Brasil ampliar o acesso de milhares de pequenos investidores a instrumentos melhores, mais baratos e mais inteligentes do ponto de vista

tributário, com uma lista feita por ele mesmo, de graça, por email, porque achava que era o certo.

Não havia ganhado um centavo com aquilo. E era uma das coisas de que mais me orgulhava.

* * *

O Nilson de 2015 havia construído um sítio para sobreviver ao colapso do sistema financeiro global.

O Nilson de 2025 ajudava 468 mil pessoas a entender como participar desse sistema de forma inteligente.

Havia uma ironia ali suficientemente grande para caber num livro inteiro. Na verdade, estava cabendo.

O que havia mudado não era o mercado. O mercado sempre havia funcionado da forma que funciona, com suas imperfeições, seus momentos de euforia

coletiva e seus colapsos periódicos. O que havia mudado era a lente.

A lente de 2015 via o mercado como inimigo. A lente de 2025 via o mercado como ferramenta. Ferramentas não têm moralidade. Bisturi na mão do cirurgião, ou do assassino, possuem resultados diferentes. Ferramentas têm utilidade, têm riscos, têm manuais de uso que é prudente ler antes de operar.

John Bogle havia escrito o melhor manual de uso que eu havia encontrado. Eugene Fama havia provado matematicamente que o manual funcionava. Otávio havia ajudado a transformar o manual em serviço para famílias brasileiras que queriam mais do que o Tesouro Direto mas menos do que a roleta disfarçada de análise gráfica.

A Okegen era o resultado.

Não a conclusão. Resultados em investimentos nunca são conclusões. São posições atuais, sempre sujeitas a revisão, sempre dependentes do horizonte que ainda está à frente.

O smartwatch vibrou.Consultoria em 10 minutos.

Fechei o caderno, olhei pela janela para o Morro do Lampião, e pensei que havia algo poeticamente justo em que um homem que havia passado 15 anos preparando o fim do mundo estivesse agora ajudando pessoas a construir patrimônio para o longo prazo.

O fim do mundo havia sido cancelado, aparentemente.

Ou talvez apenas adiado.

De qualquer forma, enquanto não chegava, era prudente estar bem investido.

CAPÍTULO 8

Uma Só Carne

Foi a Thaís quem me contou como nos conhecemos.

Estávamos no sofá de bambu numa noite de quarta-feira, as meninas já dormindo, ela com vinho do Alentejo e eu com chá. Eu havia perguntado, da forma desajeitada de quem precisa recuperar uma memória que deveria ser das mais importantes da vida e não está, como tinha sido o começo.

"Você quer mesmo que eu conte?" ela perguntou, com o sorriso de quem já sabe que a resposta vai ser embaraçosa para alguém, e que o alguém não vai ser ela.

"Quero."

"Eu fui sua aluna."

Fiquei quieto. Aquilo tinha um peso específico que ela percebeu e explorou com a precisão de uma carioca que nunca desperdiça uma boa vantagem narrativa.

"Curso de permacultura, PDC de Carnaval no Pindorama. Você era o professor, eu era a aluna, e você tinha uma ética muito séria sobre não se envolver com aluna. Era quase um voto."

"E o que aconteceu com o voto?"

"Eu aconteci com o voto." Ela tomou um gole, sem pressa, deixando a frase no ar o tempo suficiente.

"Teve uma noite de forró que você organizou no sítio. Você inventou aquilo, acho que pra ter uma desculpa de me ver fora da sala de aula, mas isso é interpretação minha. E naquela noite fui eu que te agarrei. Te dei um beijo. Você não teve nada a ver

com o rompimento da sua própria ética, pra constar. Foi tudo iniciativa minha."

"Eu não reagi?"

"Você reagiu lindamente. Só não começou."

Ri. Era exatamente o tipo de história que tinha a marca dela: eu como o homem dos princípios rígidos, ela como a força da natureza que passa por cima dos princípios com um beijo numa noite de forró.

* * *

A conexão foi imediata e desproporcional a tudo que eu conhecia até então.

Eu vinha de um divórcio recente. Havia me casado antes, na convenção da SRF e no cartório, um casamento que terminou como terminam os casamentos que começam por afinidade espiritual e

descobrem, tarde, que afinidade espiritual não é a mesma coisa que construir uma vida. Saí daquilo cansado, com a sensação específica de quem investiu numa coisa grande e viu a coisa não dar certo, e com a defesa erguida de quem decide que não vai se machucar de novo tão cedo.

E então veio a Thaís, com os olhos verdes e a ironia carioca e a coragem de agarrar o professor numa noite de forró, e a defesa não serviu para nada.

Poucos dias depois, na frente dela, eu abri o celular, encontrei o aplicativo, e apaguei.

"Casei contigo," eu disse. "Não quero saber de mais ninguém."

Não era pedido de namoro. Era uma declaração de encerramento de um ciclo. Ela sabia disso, e eu sabia que ela sabia, e nenhum dos dois precisou transformar aquilo em conversa sobre definição de

relacionamento, daquelas que as pessoas têm hoje com a seriedade de quem negocia fusão de empresas.

O aplicativo que apaguei naquele dia se chamava Tinder. E é sobre ele, e sobre o que ele representa, que preciso falar com a honestidade que este livro exige.

* * *

O Tinder havia sido, nos meses anteriores à Thaís, parte da paisagem da minha vida de homem solteiro recém-saído de um casamento.

Não vou narrar cenas. Não porque tenha pudor de chocar o leitor, mas porque não há nada ali que mereça ser narrado. As relações daquele período foram o que as relações descartáveis são: descartáveis. Encontros que começavam num deslizar de polegar para a direita e terminavam sem

deixar nada além de uma vaga sensação de que algo havia sido gasto sem ter sido vivido. Não foi construtivo. Nem espiritualmente, nem materialmente, nem de nenhuma forma que eu consiga, hoje, defender.

Eu me arrependo. Não com o arrependimento performático de quem confessa pecados antigos para parecer virtuoso no presente. Com o arrependimento real de quem entende, depois, que aquilo deixou marcas. A promiscuidade não é gratuita. Ela cobra. Cada vínculo tratado como descartável ensina o coração a tratar vínculos como descartáveis, e essa é uma educação que depois custa caro para desaprender.

Havia um detalhe daquela época que hoje acho revelador, quase cômico se não fosse triste.

Eu lia as descrições dos perfis no aplicativo e encontrava frases que não entendia. *Não quero namorado coxinha. Fora feminazi. Mortadela passar longe.*

Eu lia aquilo e ficava genuinamente confuso, porque no meu mundo daquele período só existia uma direção política, a minha, e eu não tinha vocabulário para o resto. Coxinha, mortadela, feminazi eram palavras de um idioma que eu não falava, porque no universo em que eu vivia não havia necessidade de nomear o adversário com apelidos: o adversário era simplesmente o errado, o atrasado, o que ainda não havia sido esclarecido.

Hoje conheço esses termos. Conheço o jogo todo de parte a parte. E há algo de humilhante em perceber que, naquela época, eu achava que via o mundo inteiro quando na verdade via um cômodo só, com as cortinas fechadas, convencido de que o cômodo era o mundo.

O Nilson de 2015 procurava no Tinder uma pessoa que pensasse exatamente como ele, filtrando candidatas por pureza ideológica antes de qualquer outra coisa. O Nilson de 2025 entende que casou com uma mulher que discorda dele sobre Maria, sobre a Assunção, sobre metade da teologia católica, e que esse desacordo é uma das coisas mais vivas do casamento. A pureza que ele procurava era a pureza errada.

* * *

A Igreja tem uma palavra para o que eu encontrei com a Thaís, e essa palavra é antiga, anterior a qualquer aplicativo, anterior a qualquer ideologia.

Uma só carne.

Está no Gênesis, no segundo capítulo, quando o texto diz que o homem deixará pai e mãe e se unirá

à sua mulher, e os dois serão uma só carne.³¹ E está nos Evangelhos, quando Cristo retoma essa frase exata diante dos fariseus que perguntavam sobre o divórcio, e acrescenta: portanto, o que Deus uniu, não o separe o homem.³²

Uma só carne é o oposto exato da lógica do Tinder. O aplicativo é construído sobre a premissa de que as pessoas são intercambiáveis, de que sempre há outra a um deslizar de distância, de que o vínculo é um contrato cancelável a qualquer momento por qualquer das partes sem aviso e sem custo. A teologia do corpo diz o contrário: que o corpo não é um instrumento de prazer descartável, mas a expressão visível de uma pessoa inteira, e que a

³¹Gênesis 2,24. A frase é retomada como fundamento da indissolubilidade do matrimônio em toda a tradição cristã.

³²Mateus 19,4-6. Cristo cita o Gênesis ao responder aos fariseus sobre a licitude do divórcio, concluindo: o que Deus uniu, não o separe o homem.

união dos corpos significa, ou deveria significar, a união das vidas.

São Paulo havia escrito isso aos coríntios com uma clareza que atravessa dois mil anos sem perder a força: o corpo é templo do Espírito Santo, e quem se une a uma prostituta forma com ela um só corpo, porque, como diz a Escritura, os dois serão uma só carne.³³ Paulo não estava moralizando por gosto de moralizar. Estava descrevendo um mecanismo: que cada união física cria um vínculo real, queira a pessoa ou não, e que tratar esses vínculos como descartáveis é maltratar algo que tem peso ontológico, não apenas emocional.

Eu não sabia disso quando apaguei o aplicativo. Apaguei por instinto, porque havia encontrado a Thaís e o instinto sabia, antes da teologia, que aquilo

³³1 Coríntios 6,15-20. São Paulo desenvolve a teologia do corpo como templo do Espírito Santo, em carta dirigida à comunidade de Corinto por volta do ano 54 d.C.

era diferente. A teologia veio depois, para explicar o que o instinto já tinha entendido.

* * *

Santo Agostinho é o santo que melhor entende esse capítulo da minha vida, porque ele viveu o mesmo capítulo na vida dele, quinze séculos antes, sem aplicativo mas com a mesma fome mal direcionada.

Agostinho passou a juventude escravo daquilo que chamava de concupiscência, indo de relação em relação, de cidade em cidade, brilhante e inquieto e incapaz de parar, convencido de que a próxima experiência preencheria o vazio que a anterior havia deixado. Teve uma concubina por anos. Teve um filho fora do casamento. Rezava, na célebre frase, pedindo a Deus castidade e continência, mas ainda não.

E quando finalmente se converteu, depois de anos da mãe, Santa Mônica, a mesma Santa Mônica a quem eu rezava pela conversão da Thaís, rezar por ele, Agostinho escreveu a frase que resume não só a vida dele mas a minha e a de qualquer pessoa que tenha procurado nos lugares errados o que só se encontra num lugar: fizeste-nos para Ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti.³⁴

Aquela inquietação eu conhecia. Era a mesma inquietação que me fazia deslizar o polegar na tela à procura de um próximo rosto, a mesma que me havia feito ir da esquerda à esquerda mais radical, do vegetarianismo ao crudivorismo, de ashram em ashram, de mantra em mantra. Era sempre a mesma fome, mudando de objeto, nunca saciada, porque

³⁴Santo Agostinho, 'Confissões,' Livro I, 1. A obra, escrita por volta de 397-400 d.C., narra a juventude dissoluta do autor e sua conversão. A oração 'dai-me castidade e continência, mas não agora' aparece no Livro VIII, 7.

estava procurando no finito uma coisa que só o infinito pode dar.

O coração inquieto não se cura com mais experiências. Se cura com repouso. E o repouso, para mim, teve o nome de uma mulher carioca que me agarrou numa noite de forró e o nome maior de um Deus que se deixa comer na Eucaristia.

Os dois nomes, descobri, não competiam. Apontavam para a mesma direção.

* * *

Escrevo isto para quem ainda está deslizando o polegar.

Não como quem condena do alto de uma virtude que não tem. Eu instalei o aplicativo. Eu fiz as escolhas. Eu carrego as marcas. Escrevo como quem esteve lá e saiu, e que olha para trás não com

nostalgia mas com a clareza dolorida de quem entende, tarde, o que desperdiçou.

A cultura de hoje vende a promiscuidade como liberdade. Mais opções, menos compromisso, nenhuma consequência. É mentira, e é uma mentira que cobra um preço que ninguém menciona no anúncio. O preço é a capacidade de se vincular. Cada vez que você ensina o coração a tratar uma pessoa como descartável, você atrofia um pouco o músculo que serve para amar uma pessoa para sempre. E quando finalmente aparece a pessoa para sempre, o músculo está fraco, e você precisa reaprender, do zero, com dificuldade, o que poderia ter preservado inteiro.

A pureza não é repressão. É preservação. É guardar inteiro, para uma pessoa só, aquilo que perde o valor quando é distribuído. O Nilson de 2015 teria rido dessa frase e a chamado de moralismo conservador.

O Nilson de 2025 sabe, por experiência própria e por cicatriz própria, que era verdade o tempo todo.

Se você ainda pode guardar, guarde.

Quem desperdiçou e teve a graça de encontrar mesmo assim, como eu, sabe o tamanho da graça precisamente porque sabe o tamanho do desperdício.

* * *

Naquela noite no sofá de bambu, depois que ela terminou de contar como nos conhecemos, ficamos um tempo em silêncio.

"Você apagou o Tinder na minha frente," ela disse.

"Eu nunca te falei, mas aquilo me marcou. Não o gesto romântico. A certeza. Você não tinha dúvida nenhuma."

"Não tinha mesmo."

"Como você tinha tanta certeza, recém-saído de um divórcio?"

Pensei um pouco antes de responder.

"Porque a essa altura eu já tinha procurado em muito lugar. E sabia reconhecer quando finalmente tinha achado."

Ela não disse nada. Encostou a cabeça no meu ombro, do mesmo jeito que a Teresa faz, e ficamos ali, os dois, uma só carne numa quarta-feira qualquer, com o Morro do Lampião lá fora e a antena piscando no topo com a regularidade entediada de quem faz aquilo há anos.

Era tudo que eu havia procurado, sem saber, em todos os lugares errados.

CAPÍTULO 9

Duas Pessoas que Eu Não Pedi

(e Que Mudaram Tudo)

Thaís estava lavando louça quando eu perguntei.

Era uma manhã de sábado, as meninas ainda dormindo, o sol entrando pela janela da cozinha com aquela qualidade de luz de inverno em Florianópolis que não aquece mas ilumina tudo com uma nitidez que não existe no verão.

"Nós planejamos ter as meninas?"

Ela parou. Virou com aquela expressão de quem está verificando se a pergunta é séria.

"Nenhuma das duas."

Fiz uma pausa.

"Sério?"

"Sério. E não me olha assim, você sabe disso." Ela voltou para a louça. "A Maria Rosa você soube antes de mim. E a Teresa foi o dia fértil."

Ficou quieta um segundo. Depois:

"Graças a Deus."

Repeti a frase baixinho, mais para mim do que para ela.

Graças a Deus.

* * *

O Simpósio Latino-Americano de Bioarquitetura e Sustentabilidade, o SÍLABAS, era um dos eventos que o Instituto Pindorama organizava com aquela ambição generosa de quem acredita que reunir as pessoas certas num lugar bonito pode mudar alguma coisa. Arquitetos, pesquisadores, construtores,

entusiastas de bioconstrução de vários países, dois dias de palestras e oficinas e conversas de corredor que às vezes valiam mais do que as palestras.

No coquetel de abertura, Thaís estava ao meu lado com aquela qualidade de presença dela, irônica e atenta ao mesmo tempo, e olhando para a mesa de bebidas com uma intenção muito clara em direção às cervejas artesanais que um produtor local havia trazido.

Segurei o braço dela.

"Não bebe."

"Por quê?"

"Você pode estar grávida, sua menstruação está atrasada."

Ela me olhou com a expressão de quem está avaliando se isso é intuição ou controle disfarçado

de cuidado. O pai dela era obstetra e brigadeiro da aeronáutica, um homem de precisão em tudo que fazia, e ela havia crescido com uma régua de rigor que tornava qualquer afirmação sem base um alvo fácil. *Nenhuma quantidade de álcool é segura durante uma gravidez*, ele dizia.

"Você não tem como saber isso."

"Não tenho. Mas não bebe."

Ela não bebeu. No dia seguinte fomos à farmácia. O teste deu positivo.

Estávamos no meio do SÍLABAS, cercados de amigos, de arquitetos que haviam vindo de longe para palestrar, de pessoas que conhecíamos há anos do universo da permacultura e da bioconstrução. A notícia se espalhou com aquela velocidade específica das boas notícias em grupos pequenos, e o evento profissional virou uma celebração improvável, com

abraços e champanhe que Thaís não podia beber e sorrisos que eram genuínos de todo lado.

Tínhamos cinco meses de namoro.

Não havia plano. Não havia o momento certo financeiramente, o restaurante estava funcionando no limite, o sítio estava sempre precisando de alguma coisa, a vida tinha os desafios de uma transição de carreira de gerente de projetos da IBM para um mundo onde você decidiu que ia mudar as coisas com bambu e solo-cimento.

E nenhum de nós dois, em nenhum momento, pensou em não ter aquela criança.

Não por religião. Ainda não éramos católicos. Por instinto. Por aquela certeza silenciosa de que o que estava chegando era mais importante do que qualquer inconveniência financeira ou no nosso calendário.

O parto da Maria Rosa aconteceu no Hospital São Lucas em Nova Friburgo, o mesmo hospital em que eu nasci.

Nas últimas semanas da gravidez ficamos num apartamento que o pai da Thaís havia alugado num bairro próximo ao centro. O sítio era longe demais da cidade para arriscar começar o trabalho de parto lá, com a estrada de terra e a incerteza dos tempos de deslocamento. Então nos mudamos temporariamente, nos dias anteriores à data prevista, para aquele apartamento pequeno e funcional com o cheiro de lugar que não é o seu mas que serve.

O trabalho de parto começou de madrugada.

Thaís ficou acordada, acompanhando as contrações com aquela calma treinada de quem havia lido tudo sobre o assunto e sabia que a pressa era inimiga do

processo. Eu dormi. Acordo cedo por hábito, e de manhã, com as contrações já estabelecidas e a Thaís num estado que ela descreveria depois como tranquilo e eu descreveria como heroico, fiz minha crepioca.

Com calma. No fogão. Mexendo o ovo com a farinha de tapioca com a atenção de quem tem todo o tempo do mundo.

"Nilson."

"Já vou."

"Agora."

Fui. Com a crepioca terminada.

Thaís nunca me perdoou completamente por aquela crepioca. Eu entendo. Em minha defesa, estava deliciosa.

* * *

A médica obstetra era uma mulher bonita, de meia idade, formação antroposófica, obviamente, porém nunca havia tido filhos, e era fervorosamente bolsonarista.

Esta combinação merece um parágrafo próprio porque era, objetivamente, desconcertante para dois militantes de esquerda que achavam entender o mundo.

Uma mulher que falava de energias vitais e medicina integrativa e que no fim de semana aparecia no centro da cidade enrolada numa bandeira do Brasil distribuindo panfletos de Jair Messias Bolsonaro. Na nossa cabeça de 2018, aquilo não cabia. A caixa mental que tínhamos para pessoas assim não tinha compartimento para essa combinação específica. Ou a pessoa era espiritual e de esquerda, ou era conservadora e materialista. Os dois juntos

provocavam um curto-circuito de categorização que levaria anos para eu resolver.

Hoje entendo. A espiritualidade não pertence a nenhum lado do espectro político. Nunca pertenceu. Fui eu que havia passado anos acreditando que sim, porque o ambiente em que vivia repetia essa premissa até ela parecer óbvia.

A médica era boa profissional. O parto foi conduzido com competência. Mas a posição que ela escolheu para Thaís, deitada na mesa de parto no modelo mais convencional, não era a mais confortável nem necessariamente a mais fisiológica. Thaís tomou anestesia. Ficou ali, na mesa, com aquela paciência de mulher que está fazendo a coisa mais intensa que um corpo humano faz e que não tem a opção de sair no meio.

Eu levava a comida. A comida do hospital era inaceitável para dois que viviam de orgânico e integral, então eu subia com marmitas, com frutas, com o tipo de cuidado que parece excessivo para qualquer pessoa de fora mas que fazia sentido total para a nossa vida daquele período.

Maria Rosa nasceu por volta das dez da manhã. Quarenta e cinco centímetros. Três quilos e pouco. Pequeninha, perfeita, com aquela qualidade de novidade absoluta que um recém-nascido tem, aquela estranheza de uma pessoa que ainda não foi apresentada ao mundo mas que já existe completamente.

De noite eu fui para o restaurante.

Era rodízio de pizza. O bendito rodízio de pizza que eu havia marcado sem calcular que poderia coincidir com o nascimento da minha primeira filha, porque

quando você tem um restaurante em dificuldade financeira e alguém reserva um rodízio, você não cancela o rodízio.

Houve algum problema naquela noite. Uma cliente insatisfeita. Uma avaliação negativa no Google Meu Negócio. O tipo de coisa que em qualquer outra circunstância seria uma irritação gerenciável e que naquele dia, com menos de doze horas de paternidade, pareceu uma sentença.

O Nilson de 2018 estava gerenciando avaliações negativas no Google enquanto a Maria Rosa dormia num berço de hospital.

O Nilson de 2025 acha que isso resume bem aquele período.

* * *

O que veio depois foi a saga da amamentação.

Thaís tinha pouco leite. A combinação de viagens frequentes entre Nova Friburgo e Niterói, onde ela cursava arquitetura três vezes por semana com mais de duas horas de ônibus por trecho, com o estresse do restaurante e a dieta vegetariana que não estava entregando proteína suficiente, havia comprometido a produção. Maria Rosa chorava. Tinha fome. E nós, dois pais de primeira viagem com uma ideologia alimentar rígida e uma resistência reflexiva a qualquer coisa que soasse como intervenção industrial, ficávamos acordados tentando resolver um problema que o corpo da Thaís estava dizendo claramente que precisava de ajuda.

Tentamos o leite de cabra do Auberge Suisse, um hotel fazenda maravilhoso em Nova Friburgo que já faz parte da nossa família, pois nos tornamos muito amigos dos fundadores, um casal de suíços e principalmente de seus filhos. A Maria Rosa gostou.

Mas leite de cabra não era solução completa para um recém-nascido.

A médica passou fórmula.

Lemos os ingredientes. Óleo de canola. Maltodextrina. Uma lista de compostos que, para dois que haviam passado anos construindo uma relação de desconfiança com a alimentação industrializada, soou como capitulação total. Não tem como. Não foi assim que chegamos até aqui.

Então começou a saga da fórmula americana.

Havia uma fórmula orgânica nos Estados Unidos, com ingredientes que conseguíamos ler sem a sensação de estar lendo um manual de química industrial. O problema era que não vendia no Brasil. A solução foi um aplicativo que conectava viajantes dispostos a trazer produtos do exterior com pessoas dispostas a pagar por isso. Às vezes a gente ia até o

Rio buscar a fórmula na casa de alguém que havia acabado de desembarcar de Nova York ou Miami, uma operação logística montada em cima de um bebê com fome e de dois pais convictos de que aquilo valia a pena.

Valia.

Instalamos também o relactador. Um dispositivo que eu recomendo a qualquer pai de primeira viagem que queira entender o nível de comprometimento que a maternidade exige e que ele próprio nunca vai conseguir replicar. É uma borrachinha fina que fica presa perto do bico do seio, conectada a um recipiente com fórmula. A criança mama no seio, e junto com o pouco leite que sai, vem a fórmula pela borrachinha. A ideia é manter a pegada, o estímulo, a conexão do seio, enquanto o volume vem da fórmula.

A instalação do relactador era um inferno de precisão e paciência. Thaís ficava chateada. Eu ficava tentando ajudar de formas que não ajudavam. Maria Rosa ficava com fome enquanto a gente tentava montar o dispositivo pela quarta vez naquele dia.

A situação da falta de produção de leite materno estava tão agravada que a Thaís comeu um ragú de cabrito no Auberge Suisse. O animal havia sido abatido no próprio local, a carne era daquelas carnes que têm vitalidade, e Thaís, ainda vegetariana por convicção mas desesperada por produção de leite, comeu com a concentração de quem está tomando um remédio importante.

O leite não melhorou o suficiente. A Maria Rosa cresceu com fórmula americana, introdução alimentar pelo método BLW, vegetariana por decisão nossa, sempre no percentil mais baixo das

consultas pediátricas. Pequeninha. Saudável, inteligente, com um talento para o desenho que apareceu antes de ela conseguir segurar um lápis direito. Mas pequena. E eu carrego parte da responsabilidade por isso, porque foi minha ideologia que definiu o cardápio dela nos primeiros anos de vida.

* * *

A Teresa foi diferente desde o começo.

Não éramos católicos ainda, mas havíamos chegado naquele lugar de abertura que precede a fé sem saber que é isso que é. Fazíamos a tabelinha, com aquela seriedade de quem trata o método com respeito e não como enfeite. Num dia fértil, Thaís olhou para mim com aquela honestidade direta que é uma das marcas dela.

"Você sabe que é dia fértil, né?"

Fiquei um segundo.

"Vamos deixar nas mãos de Deus."

Ela considerou por um momento. Assentiu.

Veio a Teresa.

* * *

A gravidez da Teresa foi confirmada num período de transição. Ainda era 2020, a pandemia havia chegado com toda a força, e havia aquele pressentimento de que o mundo estava prestes a mudar de velocidade. E mudou.

Teresa nasceu em 15 de março de 2021, no pico da pandemia, num hospital onde todo mundo usava máscara e onde eu não pude entrar nas consultas de ultrassom porque só podia entrar uma pessoa por vez. Acompanhei a gestação da minha filha por

relatos e por fotos de tela de celular que Thaís me mandava do corredor.

Mas enquanto o mundo vivia o perrengue do lockdown, a vida no sítio tinha uma qualidade que eu não havia previsto: funcionava. A autossuficiência que havíamos construído por ideologia estava sendo, pela primeira vez, testada por necessidade real, e estava passando no teste. Comida orgânica do quintal. Espaço. Rotina. E, porque o lançamento espartano havia chegado naquele momento, dinheiro suficiente para comprar vitaminas importadas para Thaís, para contratar uma babá e uma cozinheira, para fazer a gravidez com uma estrutura que a Maria Rosa não havia tido.

A gente brinca até hoje que a Teresa trouxe a prosperidade. Não é só brincadeira. Há algo verdadeiro ali sobre como as pessoas chegam na

hora que chegam, trazendo o que trazem, e a gente só entende depois.

* * *

A nova obstetra tinha filhos. Dois ou três, não me lembro com certeza. Havia trabalhado anos num hospital do SUS do Rio de Janeiro especializado em parto natural, o Hospital Maternidade Maria Amélia Buarque de Hollanda, e carregava aquela competência serena de quem viu muitos partos e não tem mais nada a provar. Era diferente da médica do primeiro parto. Diferente em tudo que importava.

Junto com ela veio uma enfermeira obstetra que estabeleceu um protocolo que levamos a sério. Cinco quilômetros de caminhada por dia nos últimos três meses, para abrir a bacia, porque antigamente as mulheres caminhavam isso no

mínimo no cotidiano e os partos eram outros. Cortar o açúcar completamente. Introduzir tâmaras, pela concentração de minerais que ajudam a preparar o útero para o parto. E sexo regular, com ejaculação, porque as prostaglandinas do sêmen têm ação comprovada no amadurecimento do colo do útero.

Seguimos tudo.

Na véspera do nascimento fomos jantar no Crescente, na Rua General Osório, nosso restaurante favorito de Nova Friburgo, daqueles lugares que poderia estar em Nova Iorque ou Paris, dada a qualidade dos ingredientes e a complexidade do menu. Thaís comeu algo com pimenta.

De madrugada começou o trabalho de parto.

Desta vez estávamos no sítio, não num apartamento alugado. Eu tinha um Mitsubishi Outlander com a

lateral toda amassada, porque num dia de raiva no trânsito eu havia acelerado para ultrapassar um jeep que me havia cortado e a manobra havia terminado de uma forma que o seguro não cobre bem quando você explica como aconteceu. A lateral estava assim, amassada, funcional, com aquela aparência de carro que viveu.

Coloquei Thaís no banco de trás e saímos pela estrada de chão do sítio, aquela estrada de buracos que eu conhecia de cor e salteado e que naquela madrugada parecia ter ganhado novos buracos por malícia.

Ia devagar.

"Acelera essa porra!"

"Tem buraco."

"Acelera!"

Acelerei.

Chegamos ao hospital com Thaís com nove centímetros de dilatação. Para quem não sabe: dez é o máximo. Nove é a última chamada.

Desta vez havia um banquinho específico para parto de cócoras, que permite que a gravidade trabalhe junto com o corpo em vez de contra ele, que abre a bacia de uma forma que a mesa horizontal não permite, que trata o parto como o evento fisiológico que é e não como uma cirurgia que precisa de superfície plana. Havia óleos essenciais que passei na lombar dela durante as contrações. Não havia anestesia.

Desde a hora em que saímos do sítio até a Teresa nascer, passou menos de duas horas.

Teresa nasceu maior. Quarenta e oito centímetros. Mais pesada. Com aquele cabelo preto liso que viria

a crescer sem vitalidade e quebradiço, até introduzirmos a carne para ela, e as sardas no nariz que apareceriam depois, e os olhos azuis iguais aos da irmã, ainda não perceptíveis naquelas primeiras horas. Thaís teve leite. Muito leite. A amamentação funcionou. A introdução alimentar foi mais tranquila, mais BLW quando cabia e mais comida amassada quando a sujeira do BLW não estava no orçamento emocional do dia. Teresa cresceu robusta, encorpada, com a energia de quem recebeu tudo que o corpo precisava desde o começo.

A diferença entre as duas é visível até hoje. E eu sei qual foi a minha parte nessa diferença.

* * *

O Covid chegou quando Teresa tinha três meses.

Havíamos ido ao Rio de Janeiro visitar a família. O avô materno de Thaís estava com noventa e oito

anos, e queríamos levar a Teresa para conhecê-lo antes que o tempo não permitisse mais. Chegamos um dia depois que ele faleceu. Havia um encontro de família, o luto, aquela reunião de pessoas que se abraçam porque a dor pede proximidade e as máscaras tinham baixado a guarda. Um primo de Thaís estava com Covid sem saber.

Teresa pegou Covid com três meses de idade. Ficou mal. Minha mãe pegou Covid e precisou ser internada. Eu e Thaís pegamos, e como já tínhamos uma dose de vacina e sabíamos que cortisona e anticoagulante eram parte do protocolo que fazia diferença, minha mãe se recuperou.

Eu fui para o estúdio gravar. Com Covid. A equipe com máscara e face shield, eu distante de todos, fazendo live sobre casas ecológicas com febre alta e aquela qualidade de dissociação que a febre produz, onde tudo parece levemente irreal mas os

compromissos continuam reais. Havia investido mais de R\$ 200.000 em tráfego pago para aquela live, ela tinha que acontecer.

A Teresa sobreviveu ao Covid com três meses. Cresceu. Ficou boa.

Algumas coisas que parecem grandes demais para caber num recém-nascido, um bebê de três meses sobrevive com a indiferença tranquila de quem ainda não sabe o tamanho do que está passando.

* * *

Foi também nesse período da pandemia que contratamos uma professora Waldorf para morar no sítio.

As crianças estavam lá, sem escola, sem o cotidiano estruturado que a infância precisa. A Maria Rosa, a Teresa, e a Celina, minha sobrinha que estava

morando também no sítio naquele período. Três crianças, um sítio, uma pandemia, e a convicção de que aquele tempo não deveria ser tempo perdido.

A professora trouxe o ritmo Waldorf para dentro da rotina do sítio. Outras crianças do entorno passaram a vir também. Virou uma iniciativa pequena, orgânica, com aquela qualidade das coisas que começam porque fazem sentido e não porque foram planejadas.

O Nilson de 2015 acreditava em Rudolf Steiner com a mesma completude com que havia acreditado em Marx, em Boff, em Douglas Graham. O Nilson de 2025 tem uma relação mais madura com a pedagogia Waldorf, e esse é o tema do próximo capítulo.

Por ora, o que importa é que a professora chegou. E que naquele sítio, durante aqueles meses estranhos em que o mundo estava parado, duas meninas que

não haviam sido planejadas cresceram com ritmo, com arte, com natureza, com aquela qualidade de infância que protege.

* * *

Escrevo sobre aborto da única posição que tenho autoridade para escrever: a de pai de duas pessoas que não foram planejadas.

Não escrevo como quem nunca esteve numa situação difícil. Estávamos. Cinco meses de namoro, restaurante em dificuldade financeira, sítio que demandava muito trabalho, vida que estava longe de ter a estabilidade que qualquer manual de planejamento familiar recomendaria antes de ter um filho.

E Maria Rosa é a pessoa mais inteligente que eu conheço aos oito anos. Desenha como adulta. Pensa

como advogada. Vai mudar alguma coisa no mundo, não sei o quê, mas vai.

E Teresa trouxe a prosperidade. Não metaforicamente. Temporalmente. A virada financeira do Instituto Pindorama aconteceu durante a gestação dela. Pode ser coincidência. Pode ser que as coisas que chegam trazem o que precisam trazer.

O argumento pró-aborto que mais ouço é o do momento certo. Não é o momento certo. Não temos condições agora. Mais tarde, quando a vida estiver organizada.

A vida não organiza antes. Organiza junto. Ou não organiza, e você descobre que consegue assim mesmo, porque as pessoas que chegam trazem uma força que não estava no cálculo.

O segundo argumento é o da autonomia. Meu corpo, minha escolha. É um argumento que soa razoável até você perceber que há um segundo corpo envolvido, com DNA próprio, batimento cardíaco próprio, impressão digital própria, que não escolheu estar ali mas que está. A questão não é se a mulher tem direito sobre o próprio corpo. Tem, inteiramente. A questão é se o corpo dentro do corpo é parte do corpo dela ou uma pessoa diferente. E aí a biologia e a filosofia e a teologia convergem, em momentos distintos e por caminhos distintos, para a mesma resposta.

O Papa Leão XIV, eleito em maio de 2025, reafirmou no dia 16 do mesmo mês o princípio da sacralidade da vida humana desde a concepção, reiterando a posição da Igreja Católica em defesa da vida e contra o aborto.³⁵ Não era novidade

³⁵Papa Leão XIV, discurso de 16 de maio de 2025, oito dias após sua eleição. Reafirmou a sacralidade da vida humana desde a concepção como princípio central da Doutrina Social da Igreja Católica.

doutrinária. Era a continuidade de uma posição que a Igreja mantém desde os primeiros séculos, quando o Didaquê, um dos textos mais antigos do Cristianismo, já afirmava: não matarás o filho no ventre nem o eliminarás depois de nascido.

Na mesma ocasião, Leão XIV afirmou que a união entre homem e mulher é a fundação da família e a base da sociedade.³⁶ Sem ideologia de gênero. Sem agenda. Com a simplicidade de quem diz uma coisa que era óbvia por dois mil anos e que virou controversa nos últimos vinte.

Eu não era católico quando Maria Rosa nasceu. Não era católico quando Teresa nasceu. Mas havia, em ambas as vezes, uma consciência de que o que estava chegando era maior do que eu, e que a minha função

³⁶Papa Leão XIV, declaração de 16 de maio de 2025, amplamente reportada pelo G1, CNN Brasil e Veja: 'União entre homem e mulher é fundação da família e base da sociedade.'

não era avaliar se o momento estava certo, mas estar presente para o que chegava.

A fé veio depois e deu nome ao que o instinto já sabia.

Cada filho é uma pessoa que não existia. Que passa a existir. Que vai embora um dia, que vai fazer coisas que você não imagina, que vai amar pessoas que você não conhece, que vai carregar alguma coisa de você para lugares onde você nunca vai chegar.

Isso não é um argumento. É uma experiência. E é a única coisa que eu tenho certeza de que não consigo transferir para quem não passou por ela.

Só posso dizer: as duas melhores coisas que aconteceram na minha vida não foram planejadas. E que eu passei por períodos da minha vida em que, com outros valores, com outra ideologia, com outro

vocabulário para falar sobre o corpo e sobre a vida,
eu poderia ter tomado uma decisão diferente.

Essa é a parte que me custa mais escrever.

E é exatamente por isso que estou escrevendo.

CAPÍTULO 10

A Seita que Preserva a Infância

(ou: Como Eu Aprendi a Separar o Joio do Trigo)

Há uma pergunta que faço para qualquer pai que me pergunta sobre escola: você quer que seu filho aprenda a ler mais cedo, ou quer que ele aprenda a amar aprender?

A maioria responde as duas coisas. É a resposta errada, porque as duas coisas competem, e você precisa escolher qual priorizar nos primeiros anos.

Demorei anos para entender isso. E o caminho até esse entendimento passou por astrologia védica, uma bananeira morta, quatro anos de seminário Waldorf e três professoras, uma das quais ficou com o meu dinheiro no Pix.

Thaís estava lendo no sofá quando eu perguntei se ela lembrava do ritual da bananeira.

Ela baixou o livro devagar, com aquela expressão de quem está verificando se a pergunta é uma armadilha ou genuína.

"Você está me perguntando se eu me lembro de ter me casado com uma bananeira."

"Sim."

Ela ficou quieta dois segundos.

"Lembro de cada segundo. Inclusive a cara do sacerdote indiano quando você derrubou a pobre bananeira." Uma pausa. "Você estava satisfeito demais com aquele facão na mão."

Ri. Aquilo havia ficado em algum lugar abaixo da memória apagada, não como imagem mas como

sensação, a satisfação física de resolver um problema cosmológico com um golpe de facão.

"E você acreditou no ritual?"

"Eu acreditei em você." Ela voltou para o livro.

"Que é diferente."

* * *

A aproximação com a pedagogia Waldorf não começou pelo Waldorf. Começou pela astrologia védica.

Quando era casado com minha primeira esposa, professora de yoga, havia trabalhado como tradutor de um professor de astrologia védica e de Vastu Shastra. O trabalho de tradução me havia colocado dentro da filosofia com aquela profundidade que só existe quando você precisa entender um conceito a fundo para encontrar a palavra certa em outra língua.

No meu mapa astral, havia uma posição de Lua em Touro que os textos védicos associavam a filhos. A indicação era ainda mais precisa: eu teria uma menina. Não sabia quando, achava que seria com a minha esposa atual, mas aquela menina estava inscrita nos planetas com uma clareza que, no sistema de crenças em que eu vivia então, não deixava dúvida.

Quando conheci a Thaís, uma das primeiras coisas que fiz foi pedir a data, hora e local de nascimento dela. Não por romantismo. Por due diligence astrológica.

O mapa dela tinha Mangala Dosha.

Para quem não conhece, e é razoável não conhecer, Mangala Dosha é uma posição de Marte em determinadas casas do mapa astral que, na tradição védica, indica que a pessoa pode trazer infortúnio ao

cônjuge. É levada muito a sério na Índia, onde casamentos são às vezes recusados por conta disso. No meu vocabulário daquele período, era um sinal de alerta considerável.

Havia também a sinastria, o estudo de compatibilidade entre dois mapas. Uma das meninas que havia conhecido pelo Tinder tinha 36 pontos de compatibilidade comigo, a pontuação máxima no sistema que eu usava. Na prática não tinha química. Ela era muito introvertida, não funcionava. A Thaís tinha uma pontuação baixa, não impeditiva, mas baixa.

E tinha o Mangala Dosha.

Liguei para o professor de astrologia.

A solução, ele disse com a serenidade de quem já resolveu esse tipo de problema antes, era um ritual de purificação. A tradição védica tem um

procedimento para isso: a pessoa com Mangala Dosha se casa primeiro com uma bananeira, transferindo a maldição de Marte para a árvore. A bananeira morre. A pessoa fica viúva. A maldição se esgota. O casamento com o cônjuge humano pode acontecer sem risco.

Fizemos o ritual por videochamada.

Do outro lado da tela, o sacerdote indiano com os elementos rituais à sua frente. Do nosso lado, eu e a Thaís, a fumaça do incenso e da fogueira onde fazíamos as oblações derramando ghee, a água do Ganges que havia trazido de lá quando fiz minha formação em Yoga num galão de dois litros, e uma bananeira do quintal que foi solenemente desposada por Thaís e depois, com igual solenidade, derrubada por mim.

O ritual durou mais de três horas.

A bananeira morreu. Thaís ficou viúva. A maldição de Marte foi absorvida pela árvore.

Hoje escrevo isso e a única reação possível é rir. Na época foi tenso. De verdade. Havia uma parte de mim que acreditava genuinamente naquele sistema com aquela seriedade que só é possível quando você está dentro, quando a linguagem, os símbolos e a comunidade de crença constroem uma realidade tão coerente internamente que o absurdo externo simplesmente não tem ponto de entrada.

O catolicismo me deu um vocabulário para isso. Chama-se superstição, que a teologia moral define como atribuir a criaturas, astros ou práticas rituais poderes que pertencem a Deus. Não é uma palavra de escárnio. É uma descrição clínica de um movimento da alma que procura segurança e sentido nos lugares errados.

Eu procurava. Encontrei uma bananeira morta e a Thaís, e das duas, a Thaís foi de longe o melhor resultado.

* * *

A pedagogia Waldorf entrou pela certeza de que seria pai.

O mapa astral dizia que haveria uma menina. Eu queria ser um bom pai para essa menina. E comecei a pesquisar como uma criança se desenvolve, quais eram as abordagens pedagógicas que respeitavam esse desenvolvimento em vez de violentá-lo.

O Waldorf apareceu no caminho de diversas maneiras, já que Nova Friburgo é um polo no Brasil de formação de professores e a única cidade no mundo, que tenho conhecimento, que possui duas escolas Waldorf municipalizadas e gratuitas.

Paulo Thiago, definitivamente um ex-esquerdista. Um dos poucos amigos que não me deu as costas. Ainda não é um ex-Iogue, mas quem sabe um dia poderá encontrar o caminho da Yoga ao terço, já que andou me perguntando o horário da missa na Igreja dos Arautos do Evangelho que fica próximo à casa da sua família.

Paulo Thiago me chamou para ajudá-lo como voluntário a preparar o almoço para um grupo que iria dar uma palestras na Escola Waldorf Vale de Luz. A Caravana arco-íris era uma ecovila itinerante composta por um comboio de ônibus e caminhões que rodava a América Latina. Neste dia, Johan van Legen, o famoso autor do livro “Manual do Arquiteto Descalço” estaria lá também. Acabei tendo o primeiro contato com a Pedagogia

E com aquela inevitabilidade das coisas que fazem sentido imediato para um determinado tipo de pessoa, para alguém que havia passado anos no universo da permacultura, da bioconstrução, da alimentação natural, da espiritualidade alternativa, a pedagogia de Rudolf Steiner soava como a versão educacional de tudo que eu já acreditava: ritmo, natureza, arte, desenvolvimento por etapas, respeito ao tempo da criança.

Comecei o curso por volta de 2012. São quatro anos divididos em dois blocos. Os dois primeiros anos são a fundamentação antroposófica, a filosofia que está por trás de tudo, o pensamento de Steiner sobre o ser humano, sobre o cosmos, sobre o desenvolvimento da consciência. Fiz essa parte em Nova Friburgo.

Os dois anos seguintes são a especialização por setênio, o período de desenvolvimento. Escolhi o primeiro setênio, zero a sete anos, porque queria ser pai e aquele era o período que me importava. Fiz essa parte em Belo Horizonte, no Colégio Rudolf Steiner, viajando sete horas de carro nas semanas de módulo com aquela dedicação de quem acredita que está aprendendo algo importante.

Não faltei um módulo sequer em quatro anos.

E estudei a fundo. Conhecimento dos Mundos Superiores. A Ciência Oculta. As Memórias do Akasha. A Educação da Criança segundo a Ciência Espiritual. Os Evangelhos segundo Steiner, que são quatro livros em que ele interpreta os quatro Evangelhos canônicos com a leitura antroposófica.

Havia algo nessa imersão que funcionava como reaproximação do Cristianismo. A antroposofia é

Cristocêntrica de uma forma que me surpreendeu. Cristo não é apenas um mestre moral no sistema de Steiner, é o evento central da história cósmica, o momento em que o Logos eterno entrou na matéria durante o mistério de Gólgota e transformou a trajetória da humanidade. Isso ressoava.

Mas havia diferenças fundamentais que a maturidade posterior tornaria impossível de ignorar. A mais central: a antroposofia é reencarnacionista. Steiner acreditava que o ser humano vive múltiplas encarnações, aprimorando-se espiritualmente ao longo de eras cósmicas e que na Quinta Era pós Atlântida, todos nós seremos como Cristo. O Catolicismo, seguindo a Escritura e a Tradição, afirma que é dado ao homem morrer uma vez, e depois disso o julgamento. Não há segunda chance

encarnada. Há uma vida, uma morte, e a eternidade que se segue.³⁷

A antroposofia também é uma organização com estrutura de iniciação, graus de conhecimento, textos esotéricos reservados para membros avançados. Tem pastores, tem uma ordem religiosa chamada Comunidade dos Cristãos. E tem, em todas as salas de aula, imagens da Imaculada Conceição ou da Madonna com o menino Jesus, às vezes segurando dois bebês, Jesus e João Batista. Usa o calendário litúrgico cristão como espinha dorsal do ano escolar: Páscoa, Pentecostes, São João, São Miguel (chamam de Michael) e o Advento de Natal.

Um observador externo poderia confundir com catolicismo popular. Não é. É uma espiritualidade

³⁷ Hebreus 9,27: 'É dado aos homens morrerem uma vez, e depois disso vem o juízo.' A antroposofia de Rudolf Steiner, ao contrário, afirma múltiplas reencarnações progressivas como lei espiritual central, divergindo da escatologia cristã histórica em ponto estrutural.

que usa a linguagem e as imagens do Catolicismo para construir um sistema próprio, que em vários pontos centrais diverge da doutrina cristã histórica.

O Nilson de 2012 não via problema nisso. O Nilson de 2025, que acredita na doutrina católica como verdade e não como opção espiritual entre outras, vê.

* * *

A escola no sítio durante a pandemia começou com três crianças e chegou a dez.

A Maria Rosa, a Teresa, a Celina, minha sobrinha, e filhos de amigos que viviam no entorno do Pindorama. Um dos alunos era neto dos fundadores suíços do Auberge Suisse, aquela família que havia se tornado parte da nossa ao longo dos anos.

Tivemos três professoras ao longo dessa iniciativa. Duas delas foram experiências genuínas, com limitações mas com boa fé. Uma delas merece registro por uma razão diferente.

Houve um erro meu num Pix. Um valor depositado na conta errada. O tipo de coisa que acontece e que qualquer pessoa de boa fé resolve com uma mensagem e uma devolução.

A mensagem ficou sem resposta. A segunda também. Me abstive de enviar mais mensagens pois hoje em dia, tudo vira assédio moral. O dinheiro não voltou.

Registro isso não por rancor, mas porque é um dado relevante sobre o universo alternativo e espiritual que eu habitei por anos: a espiritualidade como identidade e como etiqueta não garante nada sobre caráter. Há pessoas desonestas em todos os

ambientes, inclusive nos que se organizam em torno de valores de consciência, comunidade e amor à natureza. Às vezes especialmente nesses.

O Waldorf não é uma comunidade de santos. É uma pedagogia com premissas filosóficas que discordo, dentro da qual existem profissionais excelentes e profissionais desonestos, como em qualquer outro campo.

* * *

Quando a escola do sítio se dissolveu, porque os pais foram se desgastando por conta da estrada de terra, nós decidimos que as meninas continuariam na Waldorf.

Tentamos a Escola Municipal Waldorf Cecília Meireles em Nova Friburgo, a escola pública municipal com proposta Waldorf, mas não havia vaga. Encontramos o Bem-te-vi, uma escola

pequena e itinerante que naquele momento funcionava em Mury, num sítio lindo a doze quilômetros de estrada de terra mais três de asfalto do nosso sítio.

Praticamente uma hora de carro por trecho. Ida de manhã, volta para trabalhar, busca à tarde. Quase quatro horas de deslocamento diário, numa SUV de sete lugares que às vezes transportava outras crianças também porque éramos uma família com disposição para ajudar.

O jardineiro do sítio ajudava na logística quando conseguia, fazendo um dos trechos, mas a rotina era insustentável. Foi esse esgotamento específico, quatro horas por dia dentro de um carro numa estrada de terra por causa de uma escola, que plantou a ideia de Florianópolis.

Eu já havia ido a Florianópolis algumas vezes a trabalho e não havia me encantado. Era uma cidade que eu via de fora, sem entender. Mas o YouTube e o Instagram tinham opiniões próprias: Florianópolis aparecia como a cidade brasileira com maior fluxo de turistas estrangeiros, com qualidade de vida, com a mistura de ilha e cidade que poucas capitais têm.

E Florianópolis tinha pelo menos quatro escolas Waldorf.

Vimos visitar. Nos apaixonamos. E proximidade com uma escola Waldorf estava na lista de exigências desde a primeira casa que avaliamos.

* * *

Hoje as meninas estudam numa escola Waldorf em Florianópolis e eu não me arrependo.

Digo isso com plena consciência de que a antroposofia é um sistema de crenças que não consigo mais sustentar como verdade. Que as Memórias do Akasha, o repositório etéreo entre a Terra e a Lua onde Steiner afirmava ter lido a história espiritual da humanidade, são uma alegação sem possibilidade de verificação. Que a teoria steineriana da formação dos planetas e das raízes da humanidade é cosmologia especulativa apresentada como ciência espiritual. Que um sistema com graus de iniciação, textos esotéricos e uma ordem religiosa própria tem os marcadores estruturais de uma seita, por mais que seus membros sejam pessoas de boa fé.

Mas há um argumento mais simples, e mais devastador, do que qualquer análise estrutural.

A tradição mística católica acumula dois mil anos de testemunhos independentes.

Santo Antão do Egito, no século IV, aos vinte anos distribuiu todos os bens aos pobres e foi viver no deserto do Egito, onde permaneceu décadas em silêncio e oração. Profetizou a própria morte, que ocorreu aos cento e cinco anos, depois de uma última visão de Deus com seus santos. Seu discípulo Santo Atanásio documentou tudo. Antão nunca havia lido João da Cruz. João da Cruz nunca havia lido Antão. Viveram mil e duzentos anos separados e descreveram o mesmo caminho.

São João da Cruz, no século XVI, descreveu a noite escura da alma com uma precisão que Santa Teresa d'Ávila, contemporânea dele e independente na sua trajetória espiritual, confirma palavra por palavra. Os dois se conheceram, mas cada um havia chegado ao mesmo lugar antes do encontro.

São Bruno, no século XI, abandonou uma carreira brilhante em Reims para fundar a Ordem Cartusiana

num vale solitário dos Alpes, movido pelo que descreveu como o forte desejo de entrar em união de vida com Deus, abandonando tudo o que impede essa comunhão. Oitocentos anos depois, a Ordem que fundou atravessou a história sem reformas e perdura até hoje na mesma radicalidade, porque o que Bruno encontrou naquele deserto alpino não precisou de atualização.

Santo Agostinho, no século V, na África do Norte, escreveu que o coração humano é inquieto até repousar em Deus. Santo Inácio de Loyola, no século XVI, na Espanha, estruturou os Exercícios Espirituais a partir de visões que confirmam, ponto por ponto, o que Agostinho havia descrito mil anos antes, sem que um precisasse ter lido o outro para chegar lá.

Santa Teresinha de Lisieux, no século XIX, numa carmelita francesa, descreveu o Caminho da Infância

Espiritual com uma linguagem completamente diferente da de todos os anteriores, e chegou ao mesmo centro.

Pessoas de culturas diferentes, línguas diferentes, séculos diferentes, sem acesso umas às outras, descrevendo experiências que convergem para o mesmo ponto com uma consistência que desafia qualquer explicação que não seja a de que estavam todas encontrando a mesma coisa real.

Rudolf Steiner era um homem do século XIX que afirmava ter acesso exclusivo ao registro espiritual da humanidade. Um homem. Uma voz. Uma alegação sem convergência, sem testemunho independente, sem o peso de um exército de santos e mártires que, ao longo de vinte séculos, viram a mesma coisa.

Como poderia Steiner estar certo onde todo o corpo místico da Igreja convergia?

Digo tudo isso. E ainda assim não retiro as meninas desta linha pedagógica.

Porque a maturidade intelectual inclui a capacidade de separar o joio do trigo. De reconhecer que uma coisa pode ter premissas falsas e práticas verdadeiras. Que o fato de Steiner ter afirmado coisas que não se sustentam não invalida o que cem anos de observação pedagógica confirmam.

Um estudo publicado no Journal of Neuroscience em 2019 demonstrou que experiências de aprendizagem multissensorial, como as que caracterizam as salas de aula Waldorf, ativam múltiplas regiões cerebrais simultaneamente,

criando vias neurais mais robustas do que a instrução de modo único.³⁸

O Centro sobre o Desenvolvimento da Criança da Universidade Harvard documenta que ambientes criativos e interativos fortalecem as funções executivas, o conjunto de habilidades mentais que inclui foco, memória de trabalho e autorregulação, exatamente as capacidades que a pedagogia Waldorf prioriza nos primeiros anos.³⁹

A Organização Mundial da Saúde recomenda que crianças menores de cinco anos tenham tempo de tela mínimo ou zero, priorizando brincadeira não estruturada, movimento e interação humana. A escola Waldorf opera por esse princípio há mais de

³⁸Meijer, A. et al., 'Multisensory integration in the brain,' Journal of Neuroscience, 2019. O estudo documenta como a integração sensorial múltipla, característica das metodologias ativas como o Waldorf, fortalece a formação de redes neurais.

³⁹Harvard University, Center on the Developing Child. 'Executive Function & Self-Regulation.' Disponível em developingchild.harvard.edu. O centro documenta como ambientes criativos e interativos nos primeiros anos fortalecem as funções executivas.

cem anos, sem esperar pelo consenso científico para implementá-lo.⁴⁰

O pátio de terra batida onde as crianças sobem em árvores não é romantismo pedagógico. É o ambiente que o sistema nervoso em desenvolvimento reconhece como próprio, o ambiente em que a espécie passou cem mil anos antes de inventar o porcelanato emborrachado e a tela retroiluminada.

A sala de madeira sem brinquedo de plástico. O caderno que a criança produz ela mesma, desenhando as letras antes de imprimi-las, construindo o símbolo antes de operá-lo. O instrumento musical clássico introduzido na primeira infância, quando a plasticidade neural está no pico. A aula de marcenaria, de tecelagem, de

⁴⁰World Health Organization. 'Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age.' Geneva: WHO, 2019. A OMS recomenda ausência de tempo de tela para crianças menores de 2 anos e máximo de 1 hora para crianças de 3-4 anos.

jardinagem. Os idiomas introduzidos como experiência viva antes de serem gramática. As festas do ano litúrgico cristão, a Páscoa, Pentecostes, São João, Michael e o Natal, que organizam o tempo da criança em torno de significado em vez de em torno de consumo.

A escola católica que avaliamos em Florianópolis tinha merenda industrializada, tablet no terceiro ano, pátio de borracha, filhos de pais muito ricos com a desenvoltura específica de quem nunca ouviu não, e um ambiente que eu descreveria como espiritualmente vazio apesar do crucifixo na parede. O crucifixo estava lá. O Evangelho, nem tanto.

A escola Waldorf tem uma Madonna na sala. Não acredito nas premissas cosmológicas que Steiner colocou por trás da Madonna. Mas acredito que minha filha crescer olhando para uma imagem de mãe e filho num ambiente de madeira e terra e arte

e ritmo é melhor do que crescer olhando para uma tela ou um projetor.

É possível discordar das premissas e aproveitar os frutos. A maturidade não é jogar fora tudo que veio de lugar imperfeito. É saber o que vem de onde, manter os olhos abertos, e fazer escolhas deliberadas.

O Nilson de 2015 acreditava em Steiner com a mesma completude acrítica com que havia acreditado em Marx, em Boff, em Graham. Aceitava o pacote inteiro porque o pacote chegava num vocabulário que ressoava e numa comunidade que acolhia.

O Nilson de 2025 discorda das premissas, reconhece a estrutura de seita, sabe que uma professora ficou com seu dinheiro, e ainda assim deixa as filhas naquela escola.

Porque a infância das meninas é real. E o pátio de terra batida também.

CAPÍTULO 11

O Chalé de Grindelwald

(ou: Por que a Família Watson Queria Ir Embora do Brasil)

No escritório do segundo andar, entre o microfone e a estante com os livros de finanças e apologética, havia uma casinha de madeira.

Pequena, com telhado inclinado, janelas pintadas, aquela arquitetura exata de chalé suíço que existe em Grindelwald e nos porta-joias feitos por habilidosos artesãos, itens que não se encontram num aeroporto.

Olhei para ela durante um tempo.

Thaís passou pela porta do escritório com uma xícara de café.

"Sabe a história desse chalé?"

Ela parou. Avaliou.

"Você conta que um amigo seu lá de Friburgo fez pra você. Um cara que fazia relógios cuco e pintava. Eduardo alguma coisa."

"Eduardo Watson."

A memória chegou completa, com aquela qualidade específica das memórias antigas que ficam intactas enquanto as recentes somem: a voz rouca, o cabelo grisalho comprido, a tela do Commodore Amiga com a computação gráfica que parecia ficção científica num quarto de um chalé nas Braunes, bairro de Nova Friburgo.

"Esse eu lembro," eu disse. "Isso é antes de 2015."

"É muito antes," ela confirmou. E foi embora com o café.

Eu tinha quinze anos e havia um cartaz na padaria da minha rua.

Vende-se um computador Commodore Amiga. Com endereço e telefone. O tipo de anúncio que existe antes da internet transformar a compra e venda de eletrônicos usados num processo com fotos, avaliações e entrega em 24 horas.

Eu tinha um MSX, computador que existia no Brasil dos anos 1980 por causa de uma política de protecionismo que proibia a importação de tecnologia estrangeira e havia criado uma indústria nacional de informática. Era um protecionismo com lógica, tenho que admitir isso hoje: o resultado foi que uma geração de brasileiros aprendeu a programar em BASIC num hardware que exigia que você entendesse o que estava fazendo. O meu era da

Gradiente. Sem unidade de disquete, sem memória expansível, com uns cartuchos de jogos que pareciam Atari porque eram um Atari melhorado. Era o que havia. Você conectava na TV.

O Amiga era outra coisa. Computação gráfica em 1997 que não tinha equivalente doméstico. Fui ao endereço do anúncio.

O homem que abriu a porta tinha uns cinquenta anos, cabelo comprido e grisalho, a postura de quem vive no próprio ritmo sem pedir licença, uma voz rouca com aquela qualidade específica de décadas de cigarro. Voava de asa delta. Fazia relógios cuco. Pintava. Programava.

Chamava-se Eduardo Watson.

Comprei o computador. E ganhei um amigo com trinta e cinco anos de diferença de idade, que

naquele período era exatamente o que eu precisava e não sabia que precisava.

* * *

A esposa do Eduardo chamava-se Rosalie. Era judia, falava cinco idiomas incluindo hebraico, com aquela inteligência específica de quem cresceu numa cultura que trata o texto como sagrado e o debate como obrigação. Tinham dois filhos, o Gabriel e o Guilherme.

Passei a frequentar a casa deles com aquela regularidade de quem encontrou um lugar onde o mundo faz mais sentido do que em casa. Sábado de manhã, às vezes a tarde inteira. O Eduardo ensinava computação gráfica com a paciência de quem gosta do processo, não só do resultado. Me estimulou a fazer um curso de eletrônica por correspondência, coisas dessa era onde a internet ainda engatinhava.

Foi na casa deles que assisti ao primeiro casamento judaico da minha vida. Eles já tinham os filhos mas não haviam formalizado religiosamente. A cerimônia tinha aquele ritual de quebrar o copo de vidro no chão, em memória da destruição do Templo, para que nem no momento de maior alegria o povo esqueça o luto. Era a primeira vez que eu via aquilo. Fiquei impressionado com a seriedade litúrgica de um povo que carregava dois mil anos de história dentro de um gesto.

O Gabriel, o filho mais velho, tinha uns doze anos. Eu tinha quinze. Em algum momento ele disse, com a desenvoltura de criança que ainda não aprendeu a medir o peso das palavras, algo sobre Jesus. “*O cara passou a vida falando que era filho de Deus, filho de Deus, filho de Deus. Daí morreu. Daí todo mundo fala: “Ele é Deus.”*”

Fiquei levemente incomodado. Não o suficiente para responder, não o suficiente para romper a amizade. Era a primeira vez que ouvia o núcleo do Cristianismo descrito de fora, por alguém que não participava da narrativa. Arquivei sem saber o que fazer com aquilo.

Décadas depois, com a apologética católica e com Lucas Lancaster, saberia o que dizer. Na época, fiquei quieto.

* * *

Os Watson diziam, com a regularidade de quem voltou ao assunto muitas vezes: a gente não gosta de carnaval, não gosta de futebol, não gosta de churrasco, não gosta de calor.

Eram uma família que havia chegado ao Brasil por algum caminho que eu nunca reconstruí completamente, e que não havia encontrado no

Brasil o lugar que procurava. Não era crítica ao país. Era apenas o reconhecimento honesto de que não eram daqui, que os valores que os moviam, a ordem, o frio, a descrição, a precisão manual dos relógios cuco, pertenciam a outro clima e a outra latitude.

Foram para os Estados Unidos. Gainesville, Florida. Ilegalmente, sem documentação, com a esperança que a América sempre soube vender melhor do que qualquer outro país. A coisa não deu certo. Um dos filhos se acidentou, quebrou a clavícula. Atendimento de emergência sem seguro de saúde nos Estados Unidos é uma das experiências mais caras que um ser humano pode ter. Voltaram ao Brasil.

E então o filho ganhou um green card na loteria.

O programa de Diversity Visa sorteia anualmente dezenas de milhares de residências permanentes

para nacionais de países com baixa imigração para os EUA. O filho dos Watson foi contemplado. Brinquei com o Gabriel: você está com tanta sorte, joga na Mega-Sena. Ele jogou. Acertou a quadra. Não era um prêmio transformador, mas era dinheiro que chegou na sequência de um green card sorteado, e havia ali uma concentração de boa fortuna que desafiava o cálculo de probabilidades.

Só que eles não queriam os Estados Unidos. O green card serviu como trampolim para o Canadá, onde se estabeleceram e vivem até hoje.

* * *

O Canadá dos anos 1990 era uma promessa real. Multicultural no sentido que a palavra tinha antes de ser sequestrada pela ideologia, o sentido de país que recebia pessoas de culturas diferentes e as integrava numa identidade comum. Indianos, chineses, latino-

americanos, europeus do leste, todos chegando com suas especificidades e sendo absorvidos por uma sociedade que funcionava, que tinha saúde pública, que tinha segurança, que tinha aquela qualidade de lugar onde as regras valem para todo mundo.

O Eduardo ligava às vezes. Falava da neve, do silêncio, da ordem. Falava como quem chegou onde queria chegar.

Mas isso foi no começo dos anos 2000. O Canadá de 2025 é outro país.

Sob os governos de Justin Trudeau, de 2015 a 2025, o Canadá experimentou uma das mais aceleradas transformações demográficas do mundo desenvolvido. A meta de imigração subiu para 500.000 pessoas por ano, sem infraestrutura de habitação, saúde ou integração proporcional. O custo de vida em Vancouver e Toronto disparou. O

sistema de saúde pública entrou em colapso em várias províncias. A Economist Intelligence Unit rebaixou Toronto e Vancouver nos rankings de qualidade de vida pela primeira vez em décadas.⁴¹

Alberta, a província mais economicamente dinâmica do Canadá, rica em petróleo e em cultura de trabalho, acumulou décadas de ressentimento com um governo federal que bloqueava seus projetos de infraestrutura enquanto extraía suas receitas fiscais. Em 2025 e 2026, esse ressentimento se organizou em movimento formal.

O Alberta Prosperity Project submeteu a pergunta ao processo de referendo: 'Você concorda que a província de Alberta deve deixar de ser parte do Canadá para se tornar um estado independente?' Em maio de 2026, o grupo anunciou que havia coletado

⁴¹The Economist Intelligence Unit, Global Liveability Index 2024. Toronto e Vancouver registraram quedas consecutivas no ranking após anos no topo, citando deterioração da habitabilidade associada ao custo de moradia e pressão sobre serviços públicos.

mais de 300.000 assinaturas, superando o mínimo de 178.000 necessário para acionar o processo eleitoral.⁴²

Quando eu era adolescente e pesquisava a Universidade de British Columbia nos sites de páginas amarelas, o Canadá era o destino dos sonhos de quem queria sair do Brasil por mérito próprio. Hoje é um país que a sua própria província mais produtiva quer abandonar.

Alguma coisa aconteceu no caminho.

* * *

A islamização do Canadá e da Europa aconteceram gradualmente e depois de repente, como costumam acontecer as coisas que a mídia mainstream decide não cobrir até que não seja mais possível ignorar.

⁴²Alberta Prosperity Project, comunicado oficial de maio de 2026. Confirmado pela cobertura do Time, CBC News e Global News. A pergunta aprovada por Elections Alberta: 'Do you agree that the Province of Alberta should cease to be a part of Canada to become an independent state?'

Não é um fenômeno natural. É o resultado de décadas de políticas de imigração que priorizaram o volume sobre a integração, o sentimento de culpa colonial sobre a análise de dados, e o silêncio dos críticos sobre a discussão honesta.

O caso dinamarquês é o mais documentado e o mais revelador precisamente porque a Dinamarca teve a honestidade rara de acompanhar os resultados.

Em 1992, o parlamento dinamarquês aprovou por lei especial a concessão de residência a 321 refugiados palestinos. Em 2019, o Ministério da Imigração e Integração da Dinamarca publicou os resultados do acompanhamento: 64% dos refugiados haviam sido condenados por crime. 34% de seus filhos também haviam acumulado

condenações, e a maioria dependia de alguma forma de assistência estatal.⁴³

Os números não são produto de islamofobia. São produto de um relatório governamental de um dos países mais progressistas do mundo, produzido por um ministério que certamente não tinha interesse ideológico em publicar dados negativos sobre refugiados.

O problema não é a religião islâmica em abstrato. O problema é a incompatibilidade entre certos valores que uma parcela significativa da imigração muçulmana traz consigo e os valores liberais que as democracias europeias e norte-americanas afirmam defender. Não é generalização: é dado. O próprio Pew Research Center documentou que majorias expressivas de muçulmanos em vários países

⁴³Ministério da Imigração e Integração da Dinamarca, relatório de acompanhamento de 2019 sobre os 321 refugiados palestinos recebidos por lei especial em 1992. Dados amplamente reportados pelo Visegrad 24, confirmados pelo ex-eurodeputado dinamarquês Peter Kofod.

europeus apoiam a aplicação da sharia como lei do Estado, a pena de morte para apostasia e punições físicas para crimes morais.

Pesquisa do Pew Research Center de 2013 em países europeus com populações muçulmanas significativas encontrou que entre 35% e 82% dos entrevistados apoiavam a sharia como lei oficial do país, e percentuais expressivos apoiavam punições físicas como açoitamento e amputação para crimes como roubo.⁴⁴

Angela Merkel abriu as fronteiras alemãs em 2015 para mais de um milhão de migrantes, a maioria proveniente da Síria, Afeganistão e países subsaarianos, com um discurso de acolhimento que foi celebrado internacionalmente. Os resultados chegaram em seguida: aumento documentado de

⁴⁴Pew Research Center, 'The World's Muslims: Religion, Politics and Society,' abril de 2013. O estudo entrevistou muçulmanos em 39 países sobre questões de sharia, apostasia e punições físicas.

crimes sexuais, ataques terroristas em Berlim, Hamburgo e Mannheim, e o surgimento de zonas em cidades alemãs onde a aplicação da lei comum ficou comprometida.

O ataque de Silvester de 2015-2016 em Colônia, quando centenas de mulheres foram assediadas e agredidas sexualmente nas imediações da estação central por grupos de homens de origem árabe e norte-africana, marcou o ponto de virada na percepção pública alemã sobre a política de fronteiras abertas. A própria Merkel admitiu posteriormente que a situação havia saído do controle.⁴⁵

Na Inglaterra, o fenômeno ganhou outra dimensão.

Entre 2016 e 2023, o Reino Unido realizou mais de 12.000 prisões por comentários em redes sociais

⁴⁵Os eventos de Silvester 2015-2016 em Colônia foram documentados pela polícia alemã e pelo relatório oficial do Estado de Renânia do Norte-Vestfália. A chanceler Merkel reconheceu falhas na política migratória em entrevistas subsequentes à imprensa alemã.

considerados odiosos ou ofensivos, muitos dos quais envolviam críticas à imigração ou ao islamismo. A Lei de Comunicações de 2003 e a Lei de Ordem Pública de 1986 foram usadas extensivamente para processar cidadãos por posts no Twitter e Facebook, em alguns casos por comentários feitos anos antes.⁴⁶

A pergunta que ninguém na mídia mainstream fazia era simples: se um comentário sobre imigração pode gerar prisão, mas o crime que motivou o comentário não gera deportação, em qual direção a sociedade está caminhando?

A Agenda 2030 da ONU é o quadro institucional dentro do qual essa transformação opera. Em seus objetivos declarados há linguagem sobre migração segura e ordeira, sobre não deixar ninguém para trás.

⁴⁶Dados do Home Office britânico e da Free Speech Union do Reino Unido sobre prisões por discurso online, compilados entre 2016 e 2023. A Free Speech Union documentou casos específicos de prisões por comentários históricos reativados.

Na prática, países signatários são pressionados a receber quotas de migrantes independente de sua capacidade de integração, a criminalizar a crítica à política migratória como discurso de ódio, e a tratar qualquer resistência cultural como xenofobia.

Não é teoria da conspiração. É política pública declarada, disponível nos documentos da ONU para quem quiser ler.

* * *

O islamismo merece um tratamento distinto da islamofobia, e a distinção é importante.

Islamofobia seria o medo irracional ou o ódio a muçulmanos como pessoas. Isso não é o que estou descrevendo. Muçulmanos são pessoas com a mesma dignidade que qualquer ser humano, criados à imagem e semelhança de Deus, para usar a linguagem que eu agora habito.

O que estou descrevendo é uma análise teológica e política do islamismo como sistema.

O Alcorão contém passagens que ordenam explicitamente o combate contra infiéis até que se submetam ao pagamento da jizya (tributo de submissão) ou se convertam. A Sura 9:29 é o texto central dessa doutrina: 'Combatei os que não creem em Allah nem no Dia do Julgamento, que não proibem o que Allah e Seu Mensageiro proibiram, e que não seguem a religião da verdade, dentre aqueles que receberam o Livro, até que paguem o tributo de mão própria, sendo humilhados.' Teólogos muçulmanos mainstream historicamente interpretaram essa passagem como fundamento para a expansão do califado.⁴⁷

⁴⁷ Alcorão, Sura 9:29, tradução amplamente aceita pelos estudiosos do Islã clássico. A doutrina da jizya e sua aplicação histórica está documentada em obras de Bernard Lewis, especialmente 'The Political Language of Islam,' University of Chicago Press, 1988.

A diferença entre o Islamismo e outras religiões com textos de violência histórica é que o Islamismo não passou por uma reforma interna equivalente ao Concílio Vaticano II ou ao Iluminismo europeu, que submeteu as tradições religiosas ao escrutínio racional e separou a esfera pública da esfera religiosa. O projeto do califado global, a submissão do mundo à lei islâmica, continua sendo uma aspiração teológica legítima dentro das correntes dominantes do islã sunita.

Isso não é islamofobia. É leitura de texto.

E é exatamente por isso que a expansão islâmica na Europa não é só uma questão demográfica. É uma questão de qual sistema de valores vai organizar as sociedades europeias nos próximos cinquenta anos.

* * *

A Europa está começando a acordar, com o atraso típico de quem dormiu por escolha.

As eleições para o Parlamento Europeu de 2024 produziram a maior bancada de direita conservadora da história da instituição. Giorgia Meloni na Itália, Geert Wilders nos Países Baixos, Marine Le Pen na França, Viktor Orbán na Hungria, todos eleitos em grande medida com pautas de controle da imigração e preservação da identidade cultural europeia. A mídia os chama de ultradireita. O eleitorado os chama de resposta.

Em junho de 2025, o Parlamento Europeu aprovou a criação de centros de detenção para migrantes irregulares no modelo dos centros ICE americanos, uma mudança de política sem precedente na história

das instituições europeias, refletindo a pressão do eleitorado por controle efetivo das fronteiras.⁴⁸

É um sinal. Não de fascismo ressurgente, como a mídia progressista insiste. É o sinal de que democracias funcionam: quando as políticas produzem resultados que o eleitorado rejeita, o eleitorado muda as políticas.

* * *

Thaís voltou ao escritório no fim da tarde, com as meninas atrás discutindo e a expressão de quem teve um dia longo motorista particular com o trânsito de Florianópolis por cima.

Sentou na cadeira de visitas.

"Nilson."

⁴⁸Reuters e Politico Europe, junho de 2025: o Parlamento Europeu aprovou diretrizes para centros de detenção de migrantes irregulares, marcando uma inflexão histórica na política de asilo da União Europeia.

"Hm."

"O quilo do tomate orgânico está vinte reais."

Fiquei quieto.

"Eu vi no mercado hoje. Vinte reais o quilo. Na Espanha a gente paga dois euros."

"Eu sei."

"Quatro mil euros por mês a gente vive bem em Alicante. Os outros quatro a gente investe nos seus ETFs."

"Eu sei, Thaís."

"Não estou reclamando. Estou observando."

Olhei para o chalé de Grindelwald na estante.

Os Watson haviam saído do Brasil porque não gostavam de carnaval, de futebol, de churrasco e de calor. Eu confesso que só gosto do churrasco nessa

lista. Mas há outras razões para ir embora, que têm menos a ver com preferência cultural e mais a ver com aritmética.

Sete mil euros por mês para viver em Florianópolis. Quatro á cinco mil para viver em Alicante.

A Thaís fez um ano da formação de arquitetura em Barcelona. Voltou apaixonada pela cidade, pela escala humana, pelo metrô que funciona, pelos cafés onde o expresso custa um euro e não cinco. Eu morei na Inglaterra. Não gosto da Inglaterra de hoje, pelas razões que descrevi neste capítulo e que crescem a cada ano.

Temos cidadania portuguesa. O espaço Schengen está aberto. Portugal tem um pouco de xenofobia com brasileiros e não tem escolas Waldorf. A Itália tem mais presença católica e menos pressão islâmica do que a Espanha, mas tem a burocracia do

Mezzogiorno e uma carga tributária que transforma qualquer empresa em exercício de paciência.

A Espanha tem escolas Waldorf em todas as regiões, de norte a sul. Em cidades como Alicante ou Valencia, que têm escala, história, e que possuem aquela característica mediterrânea de vida pública que não existe no norte da Europa e que existe no Brasil de alguma maneira apenas em bolhas cada vez mais caras.

Ainda não decidimos. As eleições brasileiras se aproximam (não sei quando este livro estará circulando), e qualquer que seja o resultado vai ser muito difícil para alguém mudar o país nos próximos quatro anos. Não por pessimismo: por aritmética. Déficits estruturais, pressão fiscal, desindustrialização, custo Brasil. São problemas que levam décadas para se construir e não se resolvem

num mandato de quatro anos por nenhum presidente de nenhum partido.

Mas o chalé de Grindelwald está na estante. E tem uma casinha muito parecida com aquela nas ruas de Gstaad, cidade que visitamos ano passado na Suíça onde o custo do tomate orgânico é civilizacional mesmo pagando em francos suíços.

O Eduardo Watson queria sair do Brasil porque não gostava de carnaval.

Eu gosto de churrasco. Mas dois euros o quilo de tomate também é um argumento.

CAPÍTULO 12

Não É Autobiografia

(ou: O Que Dez Anos de Transformação Ensinam)

Autobiografia é um termo equivocado para este livro.

Uma autobiografia cobre uma vida, não tem elementos de ficção. Este livro cobre dez anos. Dez anos específicos, escolhidos não por acaso mas porque foram os dez anos em que eu tinha o máximo de convicção, e porque essa convicção era, em quase todos os seus pontos centrais, errada.

Não é a história de como eu nasci, cresci, me formei e cheguei onde estou. É a história de como eu cheguei ao erro, me instalei confortavelmente nele, e fui, com a lentidão irritante das coisas que acontecem direito, saindo.

A amnésia foi um recurso narrativo conveniente para organizar isso. A memória que volta em fragmentos, os diálogos com a Thaís que reconstroem o que o AVC apagou. É um dispositivo que a Thaís criou e que tornou o livro mais divertido. A vida não tem prólogo e epílogo, não tem separadores com asteriscos, não tem capítulos que fecham com a frase certa.

Mas o conteúdo é real. Os fatos são verificáveis. O percurso aconteceu.

E agora, com as memórias voltando na velocidade que voltam, misturadas e às vezes na ordem errada, é possível ver o arco inteiro de uma perspectiva que não estava disponível enquanto eu estava dentro.

* * *

A esquerda não é um partido. É uma estrutura de sentimento.

Funciona assim: o mundo é dividido entre opressores e oprimidos, entre os que têm poder e os que deveriam tê-lo. A virtude consiste em se identificar com os oprimidos, independente dos dados sobre quem está oprimindo quem em cada situação concreta. A política é moral, e a moral é identidade, e a identidade é o grupo, e o grupo decide o que é verdade.

Dentro dessa estrutura, a honestidade intelectual é impossível. Não porque as pessoas de esquerda sejam desonestas, a maioria não é, mas porque o sistema pune a honestidade inconveniente. Se os dados mostram que a política de imigração produziu resultados ruins, você não analisa os dados: você questiona a motivação de quem os apresenta. Se o socialismo falhou em todos os países onde foi implementado, você não atualiza a teoria: você diz

que não era socialismo de verdade, que foi sabotado, que as condições não eram as certas.

É uma estrutura à prova de evidências. E estruturas à prova de evidências são, por definição, religiões ou seitas. Não no sentido de fé em Deus, mas no sentido de sistema fechado de crenças que se autovalida e que expulsa os hereges.

Eu fui herege. Fui expulso do grupo do WhatsApp. Do círculo de amigos.

Hoje acho que foi o melhor que me aconteceu naquele período.

* * *

O que eu defendo hoje não tem nome perfeito, e desconfio de qualquer posição que tenha.

Defendo o livre mercado. Não o livre mercado do conto de fadas austríaco, aquele em que o Estado

some por decreto e a mão invisível resolve tudo com elegância. Esse livre mercado não existe e nunca existiu. Os países mais livres economicamente no mundo, Singapura, Suíça, Irlanda, Nova Zelândia, todos têm Estado forte, todos têm regulação, todos têm alguma forma de rede de proteção social e até mesmo de protecionismo e assistencialismo. A diferença é que o Estado existe para proteger a liberdade contratual e a propriedade privada, não para substituir as escolhas individuais por decisões coletivas.

O Índice de Liberdade Econômica da Heritage Foundation 2025 documenta uma correlação consistente: o padrão de vida, medido pela renda per capita, é significativamente mais alto em países economicamente mais livres. Os dez países no topo do índice têm IDH muito alto e sistemas robustos de proteção social, contradizendo o argumento de

que livre mercado e bem-estar social são incompatíveis.⁴⁹

Estado mínimo não é ausência de Estado. É Estado focado. Estado que faz poucas coisas e as faz bem, em vez de Estado que tenta fazer tudo e faz tudo mal. A diferença entre Singapura e Venezuela não é que Singapura não tem governo. É que o governo de Singapura existe para garantir que os contratos sejam cumpridos e que a propriedade privada seja respeitada, não para distribuir petróleo como dádiva política.

Defendo a família como instituição. Não por nostalgia ou por moralismo, mas porque os dados são consistentes: crianças criadas por pai e mãe casados têm melhores resultados em saúde, educação, renda e saúde mental do que crianças em

⁴⁹Heritage Foundation, 'Index of Economic Freedom 2025.' O relatório documenta correlação consistente entre liberdade econômica e padrão de vida: os países no topo do índice, como Singapura, Suíça, Irlanda e Nova Zelândia, combinam mercados livres com IDH muito alto e sistemas robustos de bem-estar social.

qualquer outra configuração. Isso não é julgamento das exceções. É observação da regra.

Defendo a fé. Não como opção espiritual entre outras, mas como verdade, o que é diferente. Acredito que Jesus Cristo é o Filho de Deus, que a Igreja Católica preservou essa verdade com fidelidade notável ao longo de dois mil anos, e que a secularização da Europa não produziu o paraíso laico prometido mas sim uma crise de sentido que está enchendo mesquitas e consultórios de psicólogos em proporções iguais.

E defendo a honestidade intelectual como virtude cardinal. O direito de mudar de ideia quando os dados mudam. O dever de seguir o argumento onde ele leva, mesmo quando o destino é desconfortável. A coragem de dizer em voz alta o que se pensa, sabendo que o cancelamento é o preço. Que amigos lhe darão as costas.

Não sou de direita. Não sou de esquerda. Sou de quem verificou as premissas.

* * *

O neurologista havia dito que a memória voltaria em fragmentos, ativada por estímulos sensoriais, de forma não linear.

Foi exatamente isso que aconteceu.

O cheiro de café passado numa manhã de inverno em Florianópolis e eu estava de volta no centro de convenções da SRF, estudando Vedanta com a certeza de quem encontrou a última resposta antes desta. O som de forró baixo saindo de algum bar da Beira-Mar e eu estava no sítio numa noite de verão, e a Thaís estava chegando pela primeira vez, e eu precisava de uma desculpa para vê-la fora da sala de aula. A voz da Maria Rosa no corredor do segundo andar, aquela voz de criança que raciocina como adulto, e eu estava na maternidade do Hospital São

Lucas segurando ela pela primeira vez, com quarenta e cinco centímetros de pessoa nova nas mãos, sabendo que havia acabado de me tornar outra coisa.

As memórias não chegam organizadas. Chegam como chegam as memórias: com o peso específico de cada momento, com o cheiro e a textura que a narrativa linear não captura.

O que eu sei agora, com tudo que voltou, é que os dez anos que pareciam perdidos não estavam perdidos. Estavam acontecendo. E que o homem que chegou ao altar no Ribeirão da Ilha num domingo de setembro de 2025, com as meninas de branco e a Thaís no vestido simples e o buquê de mercado que virou igreja cheia de flores, era o resultado de tudo que o AVC tentou apagar.

Você não apaga o que alguém se tornou. Apaga as cenas, às vezes. O personagem fica.

Maria Rosa.

Você tem oito anos e já sabe coisas que eu levei quarenta para aprender. Que o talento não precisa de aprovação para existir. Que a discordância é uma forma de respeito. Que desenhos perfeitos merecem o tempo que levaram para se produzir.

Eu errei no seu cardápio dos primeiros anos. Errei por convicção, que é o tipo de erro que mais custa porque você não conseguia ver enquanto estava dentro. Você cresceu pequenininha por ideologia do seu pai, e isso eu carrego.

Mas você cresceu. E cresceu com aquela teimosia específica de quem não aceita argumento de autoridade, só argumento de argumento. Isso não foi o cardápio. Isso foi você.

Não sei o que você vai ser. Sei que vai ser algo que eu não consigo prever, porque você já é, aos oito anos, uma pessoa que me surpreende com regularidade. E surpreender o pai com regularidade aos oito anos é um sinal muito bom para os próximos oitenta.

Guarda a sua pureza. Não no sentido que a cultura vai tentar vender para você, a pureza como ingenuidade ou como ignorância do mundo. No sentido de inteireza. De chegar ao amor da sua vida com o músculo de amar intacto, sem as cicatrizes que o descarte sistemático deixa.

O seu pai não guardou. Chegou com o músculo meio fraco e teve que reaprender. Foi possível. Mas foi mais difícil do que precisava ser.

Teresa.

Você chegou num dia fértil que eu entreguei nas mãos de Deus, e trouxe a prosperidade, pegou Covid com três meses, e sobreviveu com a indiferença tranquila de quem ainda não sabe o tamanho do que está passando.

Você tem cinco anos e já sabe pedir colo com a autoridade de quem nunca considerou que o pedido pudesse ser recusado. Isso é uma forma de fé muito pura. Mais pura do que a maioria dos adultos consegue sustentar.

Você é uma menina inteligente, capaz de atos que nem imagina. Até mesmo o de ser mãe. De escolher ter uma vida de esposa, mãe, onde a casa e a família

são seu mundo e seu serviço à Deus. Você fala muito sobre querer ter filhos. Que a vontade de Deus se encontre com a sua.

Espero que a resposta, qualquer que seja, aconteça num lugar onde o custo do tomate orgânico seja civilizacional. Estamos trabalhando nisso.

* * *

Não sei o que vem.

Vêm eleições no Brasil. Qualquer que seja o resultado, vai ser muito difícil para qualquer presidente de qualquer partido mudar os fundamentos nos próximos anos. São problemas que levam décadas para se construir e não se resolvem num mandato por decreto.

A Thaís olha para mim com aquela frequência que aumentou nos últimos meses e diz o nome da

cidade. Alicante. Às vezes Barcelona. Uma vez, Verona. Eu ouço e penso no chalé de Grindelwald na estante do escritório, e no Eduardo Watson que queria sair do Brasil porque não gostava de carnaval, e que acabou no Canadá por um green card sorteado e uma quadra na Mega-Sena.

A vida não pede licença para mudar de endereço.

Os próximos volumes desta autobiografia que não é autobiografia provavelmente serão escritos em outro país. Talvez a Espanha, talvez a Austrália, talvez um lugar que ainda não está na lista. Talvez até mesmo em Florianópolis. Não sei. E há algo libertador em não saber, depois de anos em que eu achava que sabia tudo.

O homem que construiu um sítio para sobreviver ao fim do mundo sabe agora que o fim do mundo foi adiado. Que o sistema financeiro global não

colapsou. Que as batatas-doces orgânicas não foram necessárias para a sobrevivência da espécie.

O que o coração inquieto, como de Agostinho sabia, não se cura com mais preparação para catástrofes. Se cura com repouso. E o repouso tem endereços diferentes para pessoas diferentes.

O meu, por enquanto, é uma casa de no Rio Tavares em Florianópolis com vista para o Morro do Lampião, onde duas meninas que não foram planejadas crescem num pátio de terra batida sem tablet, e onde uma mulher carioca de olhos verdes me olha toda manhã como quem ainda está decidindo se foi uma boa ideia ter agarrado o professor de permacultura naquela noite de forró.

Acompanhe o que vem pelo Instagram. Vai ser interessante. *@nilsondias.oficial*